

A FIGURA DE CÉSAR, AUTOR E PERSONAGEM, NOS *COMMENTARII DE BELLO GALLICO*

Por

Paulo Roberto Souza da Silva

Mestrado em Letras Clássicas

Dissertação de Mestrado em Letras Clássicas
apresentada ao Programa de Pós-graduação
em Letras Clássicas da Universidade Federal
do Rio de Janeiro.

Orientador: Dra. Ana Thereza Basílio Vieira.

Rio de Janeiro, 1º. semestre de 2006.

UFRJ

**A FIGURA DE CÉSAR, AUTOR E PERSONAGEM, NOS COMMENTARII DE BELLO
GALLICO**

Paulo Roberto Souza da Silva

Orientador: Prof^a. Doutora Ana Thereza Basílio Vieira

Dissertação de Mestrado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas (Culturas da Antigüidade Clássica), Faculdade de Letras, da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Letras Clássicas (Culturas da Antigüidade Clássica).

Aprovada por:

Presidente, Prof^a. Doutora Ana Thereza Basílio Vieira

Prof. Doutor Edison Lourenço Molinari - UFRJ

Profa. Doutora Paula Branco de Araújo Brauner - UFPel

Prof^a. Doutora Mára Rodrigues Vieira - UFRJ (Suplente)

Prof. Doutor Airto Ceolin Montagner - UERJ (Suplente)

Rio de Janeiro

Novembro de 2006

A FIGURA DE CÉSAR, AUTOR E PERSONAGEM, NOS *COMMENTARII DE BELLO GALLICO*

Paulo Roberto Souza da Silva

Orientador: Prof.^a Doutora Ana Thereza Basílio Vieira

Resumo da Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Letras Clássicas.

O enquadramento em gêneros e a posterior análise dos *commentarii de Bello Gallico* trazem consigo várias problemáticas e é justamente na relação entre o autor e o personagem, mediada pelo narrador, que estas problemáticas se mostram mais claramente. A identificação entre eles contrasta com a intenção de imparcialidade histórica a que o narrador pretende. De fato, a própria construção do texto, com a inevitável influência do contexto, integra elementos de história e autobiografia, assim como de literatura e propaganda. Esses elementos coexistem como diferentes aspectos válidos da obra por meio do concurso de processos poéticos e retóricos. Nestes diferentes aspectos configuram-se o narrador e o personagem. Pelos métodos de análise da narrativa busca-se descrever César nas duas funções para compor uma figura sua que reúna o personagem e o narrador e, a partir disso, descrever o autor pela sua obra. Assim, este trabalho busca explorar todos os níveis de significação que permitam conhecer César em sua obra.

Palavras-chave: César, Júlio, *Commentarii de Bello Gallico*, Semiótica.

Rio de Janeiro

Novembro de 2006

CAESAR'S FIGURE, AUTHOR AND CHARACTER, IN *COMMENTARII DE BELLO GALLICO*

Paulo Roberto Souza da Silva

Orientador: Prof.^a Doutora Ana Thereza Basílio Vieira

Abstract da Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Letras Clássicas.

The frame in literary genres and further analysis of *Commentarii de Bello Gallico* bring with it several problematics and is exactly in the relationship between author and character, lied by the narrator, where those problematics show it more clearly. The identification between author and character contrasts with the intention of historical impartiality that the narrator aims. Indeed, the very structure of the text, with the inevitable influence of the context, integrates elements of history and autobiography as well as elements of literature and propaganda. Those elements co-exist in different aspects of the work by the confluence of poetical and rhetorical processes. In those different aspects narrator and character set themselves. By the methods of analysis of narrative we aim to describe Caesar in the two functions for us to build one figure of Caesar that join narrator and character, and, from this point describe the author by his work. So, this work aims to explore all levels of signification that allow knowing Caesar inside his work.

Key-words: Caesar, Julius, *Commentarii de Bello Gallico*, Semiotic.

Rio de Janeiro

Novembro de 2006

SINOPSE

A figura de Caio Júlio César, como autor e personagem nos *commentarii de Bello Gallico*, observando os processos retóricos e poéticos de presença do narrador e construção do personagem para a composição de uma figura única.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
2. ABORDAGEM	13
2.1. Historiográfica	13
2.1.1. A história antiga	13
2.1.1.1. A tradição grega	14
2.1.1.2. Os Anais romanos	16
2.1.2. A <i>historia ornata</i>, história dos acontecimentos.	16
2.1.2.1. História como narrativa	18
2.1.2.1.1. Sintaxe narrativa e história	19
2.1.2.1.2. A questão da perspectiva, a seleção dos programas narrativos.	21
2.1.3. O problema dos <i>Commentarii</i>: o <i>ornatus</i>	22
2.2. Autobiográfica	25
2.2.1. Tradição da autobiografia em Roma	25
2.2.1.1. <i>Exempla, mos maiorum</i> e <i>laudatio</i>.	26
2.2.1.2. Cícero e a retórica.	27
2.2.2. O problema dos <i>Commentarii</i>	28
2.2.2.1. O tempo	28
2.2.2.2. A ausência da <i>laudatio</i>	29
2.2.2.3. O excesso de <i>narratio</i>	29
2.3. Literária	30
2.3.1. O valor literário dos <i>Commentarii</i>	30

2.3.1.1. Estilo.	31
2.3.2 História e o programa narrativo.	35
2.4. <i>Propagandística</i>	36
2.4.1. A propaganda na história e na biografia	36
2.4.2. O problema do Autor-personagem	38
2.4.2.1. A <i>dignitas</i> de César escritor e general	40
2.4.3. A arte de César	41
2.4.3.1. A ausência do epidítico	41
2.4.3.2. A propaganda oculta	42
3. NARRADOR	45
3.1. <i>Enunciação</i>	45
3.1.1. Narrador, sujeito da enunciação.	45
3.1.1.1. Sujeito da enunciação, narrador e autor.	46
3.1.1.2. Mímesis e retórica	48
3.1.2. Ponto de vista	49
3.1.3. O programa narrativo do narrador	53
3.2. <i>Descrição</i>	59
3.2.1. Nível discursivo	59
3.2.1.1. Mímesis e semiose	60
3.2.1.2. Figuras e temas: as isotopias	61
3.2.2. Impressão referencial e o <i>ornatus</i>	69
3.3. <i>Narração</i>	72
3.3.1. Nível semionarrativo	72
3.3.1.1. A sintaxe da Guerra Gálica	72

3.3.2.	Os personagens e seus programas narrativos	73
3.3.2.1.	César: o programa narrativo de base	73
3.3.2.2.	Os adjuvantes	78
3.3.2.3.	Os opositores	83
3.4.	<i>Moralização</i>	88
3.4.1.	Nível profundo	88
3.4.2.	A moralização histórica	88
3.4.3.	A valência e veridicção	97
4.	PERSONAGEM	100
4.1.	<i>Descrição</i>	100
4.1.1.	A definição de personagem	100
4.1.2.	A descrição de César	101
4.1.2.1.	Um tipo: o <i>imperator</i>	103
4.1.2.2.	As qualidades e especificação	108
4.1.2.2.1.	Campo deliberativo	108
4.1.2.2.2.	Campo executivo	111
4.1.2.2.3.	Campo judiciário	126
4.1.2.3.	A dupla qualificação	131
4.2.	<i>Motivação e ação</i>	132
4.2.1.	O programa narrativo	132
4.2.1.2.	O percurso cognitivo (etnografia)	134
4.2.1.3.	O percurso pragmático (o predominante)	137
4.2.1.3.1.	O percurso militar	137
4.2.1.3.2.	O percurso político	152

4.3.	<i>Valorização</i>	161
5.	CÉSAR NOS <i>COMMENTARII</i>	164
5.1.	<i>Confronto entre retórica e poética</i>	164
5.1.1.	Princípios teóricos	164
5.1.1.1.	Aristóteles e Cícero	164
5.1.2.	<i>O ornatus e a laudatio</i>	168
5.1.3.	A verdade retórica e a verdade histórica	169
5.2.	<i>A obra literária política</i>	170
5.2.1.	A <i>uirtus</i> do general e do escritor	170
5.2.2.	Os usos da história e da literatura, a <i>uirtus</i> do político.	171
5.2.3.	A obra engajada.	173
6.	CONCLUSÃO	174
7.	BIBLIOGRAFIA	177

1. INTRODUÇÃO

Commentarii de Bello Gallico de Júlio César é uma obra singular na literatura latina por várias razões. Publicado provavelmente em 51 a.C., a obra trata dos nove anos de campanha de César nas Gálias, enquanto próconsul, até as vésperas da guerra civil. Foi escrita no estilo *commentarii*, que remonta ao grego *hypomnema*, estilo que tem sua origem ligada a notas e relatos memorialísticos. Os *commentarii* eram geralmente obras de base em que se registravam os próprios feitos para a redação futura de histórias ou biografias. Esses dados já indicam problemáticas básicas da obra: primeiro o seu estatuto enquanto obra literária, segundo o seu valor como obra historiográfica e biográfica, e por último, uma vez que nela se relatam feitos do próprio autor, seu objetivo propagandístico. Esses fatores condicionam a análise da obra, de modo que, em relação a ela, os conceitos da análise literária tanto quanto de estudo da historiografia precisam ser aplicados de modo particular. A obra se situa na intercessão de gêneros de expressão entre a história e a biografia, entre a literatura e a propaganda.

Há um espaço privilegiado para o estudo desta problemática: a relação entre o autor e o personagem. Isto se dá porque César, embora seja autor e personagem principal, não se assume como autobiógrafo, pelo contrário, tem pretensões historiográficas. Justamente por isso a descrição do personagem César pretende ser literária, mas não abandona os traços de propaganda. O autor aspira à imparcialidade, precisão historiográfica e a composição poética, nos termos em que a historiografia na antiguidade era considerada obra literária. Entretanto, é possível um político que narra suas ações no cumprimento de uma magistratura deixar de usar expedientes de propaganda, principalmente no tocante à própria descrição? Esta é a questão que se coloca neste trabalho.

Partimos primeiramente das considerações que os contemporâneos já deixaram sobre a obra; desde sua publicação ela é tratada com particularidade no tocante ao status literário e o caráter político. Não fugiu a nenhum crítico a noção de haver intenções políticas do autor na feitura da obra. Assim buscamos onde se podem encontrar estes elementos de propaganda e, ainda assim, se o valor histórico e literário se mantém. A constatação de que, a princípio, a obra atende a todas as dimensões — é aceita como documento histórico, obra literária, autobiográfica e de pro-

paganda — nos levou a tentar determinar como estas dimensões se afirmam no texto sem se excluírem.

O fato de César, autor e personagem, não se assumir como narrador é causa de grande estranhamento em relação à obra. A falta de identificação entre personagem e narrador desqualifica evidentemente a obra como autobiografia, entre narrador e autor como história, pois o historiador geralmente se identifica e se compromete com a sua narrativa. E também oculta o caráter de propaganda da obra, já que os valores narrados não são assumidos pelo autor, e o gênero *commentarii* não é, a princípio, aceito como literatura.

Partimos então de um estudo dessas quatro dimensões para definir uma abordagem para a obra que permita contemplar a todos eles e, assim, compreendermos a obra em sua pluralidade de significação. Visto isso, passamos ao estudo do narrador, como ele se mostra no texto nos processos figurativos, semionarrativos e, principalmente, axiomáticos. Depois estudamos o personagem, como ele é construído em suas qualidades, seus percursos e seus valores. Por fim confrontamos os dois Césares, o autor descoberto por trás do narrador, e o personagem. Procuramos ver como, usando de processos poéticos e retóricos, ele constrói uma obra e é por ela construído. Explorando uma dimensão da retórica, já demonstrada por Aristóteles e Cícero, na qual toda a expressão e significação é objeto de arte, ele consegue fazer política e literatura, valores de verdade e valores estéticos, não se oporem, mas comporem juntos o todo de sua obra. Somente assim entendemos poder identificar o general-político e o escritor e compreender César na sua unidade.

Para isso extrapolaremos os limites entre texto e contexto, porque neste sentido se afirmava a retórica ciceroniana, da qual César faz parte, ao somar elementos lingüísticos, pragmáticos e analógicos nas diferentes partes da retórica, a *inuentio*, *dispositio* e *elocutio*. Pois as disposições retóricas se fizeram mais marcantes do que as propriamente poéticas no discurso historiográfico. Assim, nos voltamos para o texto em todas as possibilidades assinaladas para significação, possibilidades estas que seriam, certamente, exploradas pelo autor.

Optamos pelos recursos da semiótica de Greimas, da maneira como eles foram sistematizados após sua morte, particularmente por Denis Bertrand, para o estudo do texto por três razões. Primeiro por tratar da questão da enunciação, a qual seria fundamental ao abordar aspectos retó-

ricos, segundo, partindo desse, por apresentar a possibilidade de sistematizar, pelo estudo da narração, elementos do nível da enunciação e dos diversos níveis do enunciado com economia de teoria, e, por último, por transitar sem complicações ou perda de definição pelo texto literário e não-literário, o que é essencial para tratar de uma obra que se coloca neste limiar, sempre questionando esta divisão.

Esforçamo-nos por sempre buscar no texto o significado transversal de César, percorrendo todos os níveis e sem desprezar nenhuma possibilidade significativa, por isso aproveitamos toda a obra em diversos trechos, destacando aqueles nos quais tal aspecto pudesse ser mais facilmente observado, de modo que viessem à tona elementos de vários níveis e assim, no nível naturalmente mais profundo e resistente da linguagem, a figura de César.

Servimo-nos da Edição dos *Commentarii de Bello Gallico*, editada pela editora Lês Belles Lettres e estabelecida por L. A. Constans. Quanto ao problema da autoria recorrente ao livro oitavo, seguimos a orientação de Luciano Canfora¹, que restitui a César a autoria do livro até o capítulo 48, 9, iniciando o acréscimo da frase 10: “*Scio Cesare...*”. As citações de autores estrangeiros no decorrer do trabalho aparecerão em português com tradução nossa.

¹ Canfora (2002), p 399.

2. ABORDAGEM

2.1. *Historiográfica*

2.1.1. A história antiga

A historiografia e os historiadores antigos não devem e não podem ser comparados com os modernos, porque a história ocupava então um outro papel e era escrita de outra forma. Não apenas os historiadores da antiguidade, mas todos os anteriores ao século XIX são considerados “antigos” pelos historiadores modernos, porque não dispuseram dos métodos científicos de relato e estudo da história:

Foi processo lento e doloroso o separar-se do mito a "história" tanto pesava a tradição. Segundo Estrabão, os logógrafos Cadmo de Mileto, Ferecides de Siro, e Hecateu de Mileto em nada se distinguem dos poetas senão pela falta de uma linguagem métrica. Não sejamos demasiadamente severos para com os iniciadores da nossa ciência: as construções do espírito levam tempo. A iniciativa foi decerto notável e merece a nossa gratidão²

Mito e tradição são temas bastante importantes no estudo da antiguidade e particularmente em relação a Roma estes muitas vezes se confundem. Nos autores que se debruçaram sobre período da fundação da cidade o mito é tomado como verdade histórica³; ao tratar-se de épocas mais recentes é a tradição que vai guiar o relato até o ponto em que abundância de documentos permita uma apreciação mais confiável.

A razão pela qual nós devemos ler antigos historiadores não é porque eles eram grandes historiadores (o que, para padrões modernos, não se espera que eles sejam), mas porque eles eram artistas literários. Além disso, alguns deles foram de notável qualidade. Os historiadores tinham a intenção e o desejo de agradar; e seus leitores ou ouvintes queriam ser agradados.⁴

² Besselaar (1974), p.5.

³ *idem*, p 47; Pereira (1986), p 11-12.

⁴ Grant, (1995), p. 98

Derivada do mito, que originou todas as formas de literatura, a história jamais perdeu entre os antigos o seu valor educativo, para fortalecer os laços da comunidade e garantir a perpetuação das tradições, a moralização não estava oposta à descrição factual, mas, por outro lado, a descrição dos fatos só tinha importância enquanto pudesse passar um conteúdo moral.

Os escritores antigos eram convencidos disto, e que era sua função impor suas opiniões à sua audiência cativa (literalmente cativa, quando eles se assentavam no salão ouvindo o que eles diziam e igualmente sem poder ou sem querer reagir quando eles liam o que tinha sido escrito). Os historiadores sentiram isso de uma maneira particularmente forte porque eles sabiam de sua proximidade em relação à tragédia, com a qual eles eram ligados pelo propósito moral. Verdade que, alguns, mas não todos os Gregos prezaram pelo não-envolvimento, mas seus sucessores romanos invariavelmente parecem ter considerado o ensino da moral como essencial. Todos os historiadores têm preconceitos prejudicados e os antigos não tinham problemas e mostrar os seus.⁵

2.1.1.1. A tradição grega

A Grécia já tinha uma tradição historiográfica extensa e bem estruturada à época de César, ele certamente travara contato com ela em seus estudos em Rodes⁶. Apesar da tradição analítica em Roma, seus historiadores clássicos serão muito influenciados pelo modelo grego.

É Cícero que intitula Heródoto “pai da história”⁷, tal o reconhecimento da primazia grega neste estilo. Foi Heródoto o primeiro a usar o termo “investigação histórica” (*historiés apódexis*)⁸. Sua narrativa se volta para um acontecimento: a guerra entre gregos e persas. Apesar de ser criterioso e esforçar-se por ser imparcial, escreve na verdade uma grande epopéia de uma guerra verídica e majestosa que ele considerou que não poderia desaparecer da memória de seu povo.

Tucídides, assim como Heródoto dedicou-se a descrever uma guerra que pode ser facilmente considerada como o acontecimento mais importante de sua época, a Guerra do Peloponeso. Tucídides avança no conceito de “*histoire événementielle*”⁹, a história dos acontecimentos. Centrado na guerra, o seu relato se esforça por esmiuçar ao máximo as suas causas. Com um método

⁵ *idem*, p. 86.

⁶ Paratore, p 245.

⁷ Cícero, (1968), I 1, 15.

⁸ Heródoto, (1946) I, 1.

⁹ Martin, (1971), p 109.

de análise das relações entre as cidades, a obra de Tucídides não só ensina sobre o passado como também pretende desenvolver a capacidade de projetar o futuro no presente. Nesta perspectiva temos uma obra admirável também por ter o autor participado ativamente do evento que descreve.

Xenofonte é outro autor grego digno de nota, igualmente conhecido dos romanos. Considerada menor pelo seu valor histórico que literário a obra de Xenofonte é vastíssima e abrange uma enormidade de temas além da história. Destaca-se por ter narrado um evento do qual não só fez parte como liderou: a retirada dos gregos do território persa, narrada na *Anábase*. Apesar dos vários questionamentos quanto à veracidade do relato, a obra de Xenofonte foi muito prezada pelo seu estilo.

O último historiador grego que citaremos é Políbio, entregue como refém a Roma por causa da derrota dos Macedônios em 168 a.C. Tornou-se, em Roma, um intelectual respeitado e foi tutor de Cipião Africano, o jovem. Admirado pelo império romano dedicou-se a escrever a história de Roma. Políbio é ainda citado como um dos escritores gregos “romanizados”; entretanto foi, ele mesmo, responsável pela helenização de Roma. É o autor do famoso elogio à constituição tríplice de Roma, democrática, aristocrática e monárquica. No estilo e na postura teórica, Políbio retoma Tucídides, mas acrescenta-lhe a visão helenística de história universal. A partir de Políbio, os romanos estiveram fortemente influenciados pelo estilo grego que se caracterizava basicamente por:

- Manter o foco em um acontecimento considerado importante e que teve sérias consequências para povos e nações. Geralmente, o prólogo das obras apresenta uma justificativa da escolha de um evento e sua importância.
- Pesquisar as causas físicas e sociais para tal acontecimento, buscando as justificativas para os atos de cada personagem ou povo.
- Apresentar uma proposta política; a história era vista como um meio de entender as relações entre os homens em comunidade e a partir desse entendimento propor melhores formas de organização social. Cada historiador apresentava a sua “teoria social”.

2.1.1.2. Os Anais romanos

Antes da influência dos gregos, os romanos já registravam a sua história nos Anais, que eram registros dos atos administrativos de cada ano; e era função do *pontifex maximus* redigir os *annales maximi*, o registro oficial guardado na *regia*.¹⁰

O primeiro analista de que se tem registro é Múcio Cévola, pontífice em cerca de 120 a.C., apesar da origem dos Anais ser muito mais remota¹¹. Seguem então outros que escreveram em latim e grego e são considerados os pais da historiografia latina: Fábio Pictor, Cínio Alimento, Pisão e Fânio¹². Estes são chamados “analistas médios”, não eram considerados historiadores embora guardassem informação para os futuros historiadores. A tradição analista vai se manter nos historiadores latinos a exceção de Salústio, e mesmo os que seguiram os padrões da *historia ornata*, mantiveram a estrutura ano a ano.

Dos anais mais antigos restou a sua influência sobre os primeiros historiadores literários: Ênio (239 a 169 a.C.) e Catão, o Censor (234 a 149 a.C.). Os *Annales* de Ênio, escritos em versos como uma epopéia histórica, partem das origens troianas e relatam, tomando-os por fatos, os mitos da fundação e dos primeiros séculos da Cidade. Seu relato vale muito mais pelo apelo nacionalista e moral do elogio a Roma primitiva, que pelo valor histórico-literário. Ainda assim, parte de Ênio o motivo do elogio às origens da Cidade, motivo que permanecerá em toda a historiografia latina. A obra de Catão, *Origines*, segue o padrão laudatório das antiguidades romanas. Escrita no período das guerras púnicas, a obra retrata o *populus Romanus* como herói coletivo em sua expansão de território de poder; apesar de sua militância anti-helênica, trouxe influências dos historiadores gregos, como a presença de discursos e a narrativa por acontecimentos. Catão funda assim, a história política romana, selecionando os acontecimentos pela sua relevância para a cidade e por isso é considerado o criador da prosa latina.

2.1.2 A *historia ornata*, história dos acontecimentos.

Cícero é o primeiro teórico da historiografia latina. O célebre orador, que discorreu sobre todas as formas de retórica e de poética, dedicou importante posição para a história em seu “projeto estético e filosófico¹³”. É dele a frase célebre: “*Nescire autem quid ante quam natus sis acci-*

¹⁰ A residência oficial do *pontifex maximus*, localizada no Fórum Romano.

¹¹ Martin (1971), p. 112.

¹² Pereira. (1986), p. 137

¹³ Martin (1971), p. 114.

derit, id est semper esse puerum”¹⁴ (pois ignorar o que aconteceu antes que tivesse nascido, isto é ser para sempre uma criança). Em *De Legibus*, *De Oratore* e *Orator*, ele expõe sua posição perante os historiadores antigos e o que pensa que deva ser feito neste gênero. Para Cícero é obrigação do bom orador conhecer a história, e também cabe a ele a tarefa de escrevê-la:

Há muito que se te pede, ou melhor, que se te exige uma obra de História. É que se julga que, se tu te ocupares desse trabalho, se conseguirá que também neste gênero *não tenhamos de ceder o passo à Grécia*. E, se queres ouvir a minha opinião, não só me parece que deves este serviço àqueles que se comprazem nas Letras, como também à pátria, a fim de que ela, que foi salva por ti, por ti seja também ilustrada. *Efectivamente, História está ausente da nossa Literatura*, não só em meu próprio entender, como também a avaliar pelo que muito freqüentemente te oiço dizer. Ora, sem dúvida que tu podes tratá-la satisfatoriamente, tanto mais que *é um gênero de trabalho* — como, de resto costuma afigurar-se-te — *eminentemente próprio do orador*. Por isso, lança mãos à obra, por favor, e arranja a dispor de tempo para esta empresa, que até agora tem sido ignorada ou abandonada pêlos nossos. Com efeito, depois dos anais dos pontífices máximos (e não há nada mais aprazível do que eles), se formos até Fábio ou àquele que está sempre na tua boca — Catão —, ou a Pissão, ou a Fânio ou Venônio — embora, dentre estes, sempre haja um mais vigoroso do que outro — que coisa haverá de mais frouxo do que todos eles? (grifos nossos)¹⁵

Somente a Grécia cultiva a história enquanto gênero literário. Cícero despreza os historiadores anteriores porque eles não deram à história o tratamento que lhe é devido: o *ornatus*, este tratamento é tarefa do orador. O conceito de *ornatus* é capital na noção ciceroniana de história: “Ornar não significa tornar belo o que não o é, mas dizer belamente o que é belo”¹⁶. Assim como na retórica, a técnica de discurso, *elocutio*, não serve para enganar mas para revelar a verdade, é tarefa do orador zelar pela *fides historica*, a fidelidade com o acontecimento histórico. A *fides historica* não é alcançada apenas com o relato cru dos fatos, mas por meio do *ornatus* é que se pode dar a cada acontecimento a sua devida importância. A teoria de Cícero incorporava as principais características do estilo grego:

- A estrutura por acontecimentos em vez da tradicional analítica romana;

¹⁴ Cícero, (1921) XXXIV,120

¹⁵ *idem*, *De Legibus* I, 5-6, tradução em Pereira (1986), p. 136-137.

¹⁶ *Ornare ne signifie pas rendre beau ce qui ne l'est pas, mais dire bellement ce qui est beau*. Martin (1971), p. 115.

- A pesquisa das causas e circunstâncias de cada ato;
- O julgamento moral e teorização política, em vez do simples relato dos fatos.

O último ponto é de particular importância para a sua avaliação: a história é importante na medida em que recorda os exemplos e firma as tradições, estes exemplos e tradições não partem de um passado investigado, mas um passado idealizado, uma construção do presente, um passado revisto. O valor educativo e a utilidade para a formação e informação dos cidadãos eram determinados diante de um paradigma de bom cidadão e de organização social, padrão este que será descrito nas obras políticas do autor. A noção do livre acesso à informação independentemente do seu uso político simplesmente era desconhecida para ele, tanto quanto para a maioria dos autores antigos. Se os fatos precisassem ser maquiados para que a história tivesse o sentido que se queria, então assim o seria. Exemplo disso é o relato de discursos, o que era uma regra para todos os historiadores antigos: não havia meios, nem assim os leitores esperavam, de que fossem reportados da maneira que foram proferidos¹⁷. Sua presença era, no entanto indispensável graças à noção mesma de retórica que possuíam os antigos: um método para tornar a verdade mais compreensível.

Como vemos, esses conceitos não foram criados por Cícero, mas trazidos da tradição grega para a latina, partindo da desconsideração pela tradição anterior. As noções de veracidade e verossimilhança eram bem diferentes das exigidas hoje, e em muito se remetem à teoria da fábula e da verossimilhança em Aristóteles.

2.1.2.1. História como narrativa

Aristóteles traz, na *Arte Poética*, além de diversas considerações sobre estilo e figuras, regras sobre composição de fábulas. Nesse ponto cita o historiador:

O historiador e o poeta não se distinguem um do outro, pelo fato de o primeiro escrever em prosa e o segundo em verso (pois, se a obra de Heródoto houvesse sido composta em verso, nem por isso deixaria de ser obra de história, figurando ou não o metro nela). Diferem en-

¹⁷ Grant (1995), p. 44-45.

tre si, porque um escreveu o que aconteceu e o outro o que poderia ter acontecido.¹⁸

Ressalta nessa diferenciação a questão do estilo. Para ele o historiador pode seguir o mesmo estilo de escrita que o poeta, a diferença entre ambos reside na fonte da história, não na sua apresentação. Nessa afirmação encontra-se mais do que uma prescrição uma constatação: foi com estilo literário que os historiadores anteriores a Aristóteles escreveram, este fato não os tornou, a seu ver, menos historiadores e mais poetas. Este estilo não se limita às palavras ou frases, mas à construção do texto como um todo, o que temos é que o roteiro (a sintaxe narrativa) das obras históricas funciona da mesma forma que o das obras poéticas.

O que dá unidade à fábula não é, como pensam alguns, apenas a presença de uma personagem principal; no decurso de uma existência produzem-se, em quantidade infinita, muitos acontecimentos, que não constituem uma unidade. Também muitas ações, pelo fato de serem realizadas por um só agente, não criam a unidade. (...)

Pelo que, na fábula, que é imitação de uma ação, convém que a imitação seja una e total e que as partes estejam de tal modo entrosadas que baste a supressão ou o deslocamento de uma só, para que o conjunto fique modificado ou confundido, pois os fatos que livremente podemos ajuntar ou não, sem que o assunto fique sensivelmente modificado, não constituem parte integrante do todo.¹⁹

Nesse trecho temos um preceito usado pelos historiadores gregos e depois pelos latinos, a história dos acontecimentos, centrada em uma ação em que os personagens históricos tomaram parte e cuja relevância para a comunidade é comprovada. Assim sendo, a história tal como os historiadores antigos a relatam se presta a uma análise tal como qualquer narrativa poética.

2.1.2.1.1. Sintaxe narrativa e história

Partiremos do princípio de que toda história se refere a uma comunidade, pois se tomarmos apenas um indivíduo teremos uma biografia. Assim como a comunidade se define na interação entre os indivíduos, a história se define na interação de suas biografias. O evento histórico, selecionado pela sua importância, consiste em algo que atingiu muitos membros da comunidade e;

¹⁸ Aristóteles, *Arte Poética*, cap. IX, 2.

¹⁹ *Idem, ibidem*, cap. VIII, 1 e 4.

via de regra, de diferentes maneiras. O evento também pode envolver várias comunidades, cada uma delas afetada de maneira diferente, isto é, fazer parte de uma ou de outra comunidade determina a maneira como tal evento afeta tal indivíduo. Assim, por exemplo, na guerra entre os gregos e os persas, ser grego ou persa era fator determinante para saber como se era afetado pela guerra.

Focada em um evento e tomada como narrativa, a história porá em relevo os atores e as forças envolvidas. Ao falar em atores da história, estamos afirmando que as ações de pessoas reais, tomadas como programas narrativos, fazem a história de sua comunidade. Como todas as pessoas de uma comunidade estão agindo ao mesmo tempo e com diferentes motivações, percebemos duas coisas: primeiro, a emergência de um programa narrativo que engloba e interfere nos demais; é este programa que definirá a estrutura do evento, sendo assim o programa-base em que os outros se inserem; depois, nem todos de todas as pessoas receberão a interferência do programa-base, existe a possibilidade de se estar alheio a um dado evento, e a importância do mesmo pode ser medida pela maior ou menor possibilidade de se estar alheio a ele; por outro lado, aqueles que forem afetados não o serão da mesma maneira. No extremo oposto do exemplo anterior alguém pode ter seu próprio percurso durante o evento tomado como base para os demais, podemos pensar no percurso de Xerxes em relação aos demais persas durante a guerra com os gregos.

Podemos então falar em protagonistas, coadjuvantes e meros figurantes enquanto personagens históricos. Na sintaxe narrativa o estatuto do personagem está preso ao seu programa narrativo esta é a definição seguindo Denis Bertrand:

Programa narrativo: Operação sintática elementar da narratividade, que opera a transformação de um enunciado de estado (de disjunção, por exemplo) em outro enunciado de estado (de conjunção) pela mediação de um enunciado de fazer. A estrutura de um texto narrativo apresenta uma arquitetura complexa de programas, que podem ser repetidos (de fracasso em fracasso até conduzir ao êxito, ressaltando assim a dificuldade da prova), alternados (podendo um programa se encontrar suspenso ou desviado pela realização de outros programas), hierarquizados (a realização de um programa "de base" pode exigir, para seu cumprimento, a realização de programas intermediários, ditos "de uso"). Enfim, o crivo cultural de leitura das narrativas contextualiza os programas em um esque-

ma canônico de alcance, geral que ordena seu percurso e orienta suas finalidades: o esquema narrativo.²⁰

São esses “enunciados de fazer” que definirão a “história dos feitos”. Aqueles que se envolvem com essas ações o fazem como actantes: os clássicos seis actantes da semiótica greimasiana: sujeito, objeto, destinador, destinatário, adjuvante e oponente. Uma vez que o esquema narrativo canônico tenta sempre, dentro dos esquemas conotativos vigentes, representar a “vida real” de *pessoas reais*, é de se esperar que as biografias possam ser narradas enquanto um programa. A narrativa histórica, no entanto, por se voltar justamente para os eventos que afetam várias biografias, demanda escolhas por parte do narrador, para definir o *programa narrativo* de base e como os outros se inserirão nele.

2.1.2.1.2. A questão da perspectiva, a seleção dos programas narrativos.

A noção de ponto de vista nos permitirá investigar a atuação do narrador no texto histórico. Dentro desta noção selecionaremos aqui apenas a questão da perspectiva. A perspectiva trata da textualização dos programas narrativos, de como eles se apresentarão na superfície do texto. Uma vez que tratamos de um evento, onde diversos atores, se nos ativermos apenas àqueles que forem ditos “protagonistas da história”, realizam, ou buscam realizar, seus programas narrativos, sob a interferência uns dos outros, tal personagem assumirá diferentes posições actanciais em diferentes esquemas, ele será o sujeito em seu(s) programa(s) e terá outras funções nos programas dos outros.

Perspectiva: A diferença do ponto de vista, que implica um observador, a perspectivização é da alçada da textualização. Ela consiste na escolha que o enunciador faz, levando em conta as coerções da linearidade, ao selecionar o percurso narrativo deste ou daquele ator em detrimento de tal ou tal outro, igualmente presente na cena narrativa. Assim, no romance policial, a escolha consistirá em colocar o leitor na perspectiva do investigador, do criminoso ou da vítima...²¹

Assim, caberá ao escritor hierarquizar os programas narrativos e seus atores, de acordo com a pertinência. Em Salústio, por exemplo, em *De Coniuratione Catilinae* temos a escolha de priorizar o percurso de Catilina: seu programa é a tentativa de tomada do poder; a narrativa segue até

²⁰ Bertrand (2000), p. 428-429.

²¹ Bertrand (2000), p. 427. O termo ator é usado por ele em vez de personagem.

seu encerramento, o fracasso; e todos os demais atores realizam seus percursos em relação ao dele. O de Cícero, por exemplo, consiste em evitar o golpe: este aparece, então, como oponente (anti-sujeito), no percurso-base. Em outras obras históricas dificilmente teremos a escolha do percurso de um só ator como percurso-base, teremos geralmente um “ator coletivo” representando a comunidade que se envolve na ação por meio de agentes, líderes, ou entidades coletivas, como tropas, etc. É importante neste ponto distinguir o programa-base do percurso-base, o programa se apresenta no nível da sintaxe narrativa, enquanto o percurso se apresenta no nível da descrição. Os programas se realizam ou não, estruturalmente numa estância acrônica, enquanto um deles é posto *em perspectiva* como o percurso da narrativa.

O relato da história enquanto uma narrativa, com sintaxe própria, coloca o “fato” no mesmo plano da fábula quanto à sua textualização; aquele, como esta, vai se apresentar como um percurso onde diversos atores desempenharam funções posicionais de acordo com seus programas. Tais programas se engendram na ação sobre o sujeito de um Destinador, figura que transmite valor ao objeto, criando assim o desejo ou a necessidade da busca. Podemos assim pensar as características da *historia ornata* da seguinte forma:

- A estrutura por acontecimentos: a estrutura da história segue a da fábula e se define por um percurso narrativo.
- A pesquisa das causas e circunstâncias de cada ato: temos um estudo dos Destinadores, geralmente abstratos, e dos valores inscritos nos objetos de busca dos actantes, abstratos ou pessoais.
- O julgamento moral e teorização política: após o processo anterior temos um julgamento desses valores, e a proposta de novos objetos de valor.

2.1.3 O problema dos *Commentarii*: o *ornatus*

Em vários aspectos podemos medir a aproximação dos *Commentarii de Bello Gallico*, com os preceitos da *historia ornata*. Vale antes de tudo lembrar que o gênero *commentarii* não se confundia com o gênero historiográfico. Via de regra, os comentários não eram considerados literatura, mas notas para futura redação de histórias literárias. Em Roma, temos o dado de que os comandantes em campo remetiam periodicamente ao Senado relatórios das batalhas. É desses relatórios, mais do que de uma obra histórica, que os *Commentarii* se aproximavam.

Era costumeiro na república romana, e manteve-se assim até o tempo do imperador Augusto, que os comandantes de exército e governadores enviassem ao Senado um relatório escrito de suas atividades. Tais relatórios poderiam ser usados para apresentar seus feitos ao público geral caso necessitasse. Os relatórios de César ao Senado foram, por sua vez, a base de seus “Comentários” sobre a Guerra Gálica.²²

A obra de César, no entanto, ganhou status histórico por seu valor literário, e pela importância de seu ilustre autor. Recorreremos à antológica citação de Cícero, à qual voltaremos ainda outras vezes:

(...) orationes quidem eius mihi uehementer probantur. compluris autem legi; atque etiam commentarios quosdam scripsit rerum suarum.

*Valde quidem, inquam, probandos; nudi enim sunt, recti et uenusti, omni ornatu orationis tamquam ueste detracta. Sed dum uoluit alios habere parata, unde sumerent qui uellent scribere historiam, ineptis gratum fortasse fecit, qui uolent illa calamistris inurere: sanos quidem homines a scribendo deterruit; nihil est enim in historia pura et inlustri breuitate dulcius.*²³

As suas orações são realmente aprovadas por mim. Muitas de fato eu li; e também aqueles comentários que escreveu dos seus feitos, muito devem ser aprovados; são, realmente, nus, diretos e belos, desprovidos de qualquer ornamento oratório, como um corpo sem sua roupa. Mas, enquanto quis deixar pronto material para outros escreverem a história, fez talvez obra grata aos ineptos que vão querer dotá-la de excessivos ornamentos, mas desencorajou os sensatos de escrever; nada é realmente mais doce, em história, do que a pura e clara brevidade.

Aqui atentaremos à expressão “desprovidos de qualquer ornamento oratório”, literalmente desprovida do *ornatus*, é esse o ponto que descaracteriza a obra enquanto história. E é por esse ponto, que marca a ausência daqueles três elementos presentes nos outros historiadores, que muitos não consideram os *Commentarii* como obra de história:

- A estrutura por acontecimentos em vez da tradicional analítica romana:

²² Misch (1950), p. 234

²³ Cícero, (1923), LXXV, 262.

César se mantém apegado à descrição ano a ano, uma justificativa para tanto é que as operações militares cessavam durante o inverno, de modo que realmente as campanhas eram anuais. Além disso, o relato não tematiza o todo da relação entre os romanos e os gauleses, mas se limita aos incidentes político-militares do período do proconsulado de César; incidentalmente, no livro sétimo, temos a pacificação definitiva da Gália. O livro oitavo, descartados os problemas de autoria, serve como uma junção com o *Bellum Ciuile*.

- A pesquisa das causas e circunstâncias de cada ato;

César visa, de certo modo, explicar as causas para os atos dos povos e das pessoas, essa explicação, no entanto, carece de profundidade quanto ao problema das relações galo-romanas. Eis um exemplo:

I, 2

Apud Heluetios longe nobilissimus fuit et ditissimus Orgetorix. is M. Messala (et P.) M. Pisone consulibus regni cupiditate inductus coniurationem nobilitatis fecit et ciuitati persuasit, ut de finibus suis cum omnibus copiis exirent: perfacile esse, cum uirtute omnibus praestarent, totius Galliae imperio potiri. Iid hoc facilius iis persuasit, quod undique loci natura Heluetii continentur: una ex parte flumine Rheno latissimo atque altissimo, qui agrum Heluetium a Germanis diuidit, altera ex parte monte Iura altissimo, qui est inter Sequanos et Heluetios, tertia lacu Lemanno et flumine Rhodano, qui prouinciam nostram ab Heluetiis diuidit. His rebus fiebat ut et minus late uagarentur et minus facile finitimis bellum inferre possent; qua ex parte homines bellandi cupidi magno dolore adfíciebantur. Pro multitudine autem hominum et pro gloria belli atque fortitudinis angustos se fines habere arbitrabantur, qui in longitudinem milia passuum CCXL, in latitudinem CLXXX patebant.

Entre os helvécios, foi Orgetórix, de longe, o mais nobre e o mais rico. Ele, durante o consulado de Marco Messala e Marco Pisão, movido pelo desejo de reinar, fez uma conjuração da nobreza, e persuadiu à sua cidade que saísse do seu território com todos os seus recursos, dizendo ser fácil, uma vez que em valor excediam a todos os demais, apossarem-se do império de toda a Gália. Isto os persuadiu mais facilmente, porque de todos os lados os helvécios estão apertados pela natureza do lugar; de uma parte, pelo rio Reno, muito largo e profundo, que divide seus campos helvécios dos germanos; de outra, pelo altíssimo monte Jura, que está entre os séquanos e eles; da

terceira, pelo lago Lemano e rio Ródano, que divide a nossa província deles. Por estas razões, acontecia que podiam se estender menos, e menos facilmente levar guerra aos vizinhos; razão pela qual, homens tão desejosos de guerrear grande mágoa sofriam. Pela sua multidão de homens e pela glória na guerra e na resistência, julgavam estreito o seu território, o qual se estendia duzentos e sessenta mil passos em comprimento e cento e oitenta mil em largura.

Temos aqui a enumeração das razões do personagem Orgetórix: a ambição pessoal de reinar diante da condição de preponderância; e a enumeração dos motivos de guerra para o povo: certeza da superioridade, por força e por número, situação inicial inferior àquela que eles consideravam digna para si.

- A ausência da justificativa e da moral

Este é um ponto controvertido que se encontra no cerne do problema da propaganda nos *Commentarii*, basicamente, o autor se esforça justamente por mascarar seu julgamento e sua proposta, insinuando-os em meio à quase inevitabilidade dos acontecimentos. Esta característica está intimamente relacionada ao fato de ser ele mesmo o personagem principal de seu relato e às suas motivações políticas no momento da publicação da obra.

2.2. *Autobiográfica*

Por narrarem um evento do qual o autor tomou parte, os *Commentarii* são também material autobiográfico. Esse tipo de discurso teve larga difusão e aceitação na antiguidade e, em Roma, desenvolveu uma importante tradição.

2.2.1. Tradição da autobiografia em Roma

Em Roma, principalmente em seu princípio, o Estado era visto como uma projeção da família, uma arqui-família; pois era composto pelas tribos, que se dividiam em cúrias e as cúrias em *gentes*²⁴. Se, por um lado a fonte de celebridade era sempre a política, por outro a política romana era justamente conduzida pelos grandes aristocratas. Assim, a história das *gentes*, as grandes famílias, e a história do Estado eram pensadas sobre a mesma estrutura.

²⁴ Coulanges (2005), p. 145.

É considerado geralmente que crônicas das grandes famílias Romanas existem desde os primeiros anos da república; esta visão é defendida na força de uma observação de Lívio, que fala, com referências a fontes dos primórdios históricos de Roma, de *prúatis publicisque monumentis*, que foram perdidos no incêndio de Roma. Mas a interpretação tradicional dessa passagem é dificilmente defensável. O próprio Lívio, escrevendo na época de Augusto, assumia uma distinção entre “público” e “privado” (literalmente “à parte”, por exemplo, do Estado) que pode, dificilmente, ter existido nos primeiros dias. A literatura histórica dos romanos, embora baseada na tradição das famílias patrícias, não consistia nas histórias dessas famílias, mas nas do Estado Romano.²⁵

A grandeza da aristocracia romana, que caracteriza toda a política interna e externa da república, deixou sua peculiar impressão nos anais nacionais. Enquanto a história de países com governos déspotas é de uma extensa narrativa pessoal dos feitos dos sucessivos governantes, a história de Roma é uma soma total de crônicas conectadas que registram as explorações das grandes famílias.²⁶

2.2.1.1. *Exempla, mos maiorum e laudatio.*

A grande relevância da biografia em Roma se deve ao caráter romano basear-se nos *exempla* dos antepassados ilustres; a imitação destes antepassados era o cerne do *mos maiorum*, literalmente o costume dos antepassados. Esta tradição parte do culto familiar, no qual os antepassados eram divinizados, isto gerou a *laudatio*, discurso fúnebre que recordava os feitos do falecido. Estes discursos celebrizavam pro que meios um homem era considerado digno de servir de exemplo, isto é, ser citado como referência dos valores da cidade, passando, assim, a fazer parte da tradição.

O apelo à autobiografia tornou-se particularmente importante para projetar ou justificar um político na época de César. Desde o fim das Guerras Púnicas, o poder pessoal só fez crescer em Roma até o ponto da primeira guerra civil e da ditadura de Sila (82 a 79). Este ditador logo tratou de escrever uma autobiografia, assim como fizeram os côsules Escauro e Rufo, contemporâneos de Sila. A turbulência política propiciava a proliferação de obras de autojustificação.

Na vida política, onde o desejo por poder encontra sua mais intensa expressão e a manutenção da posição de um homem aos olhos do público é uma das maiores preocupações, a autobiografia,

²⁵ Misch (1950), p. 228-9

²⁶ *idem, ibidem*, p. 229

que aparecia apenas raramente entre os antigos em outras esferas, foi largamente utilizada, e a vida em Roma, que visava a liderança individual e a atividade responsável, no mínimo, com o desenvolvimento de um senso comum prático e que, por sua vez, como uma atividade consistente com um propósito definido, supria a massa dos auto-retratos dos tempos antigos.

Aquí, a autobiografia era considerada como um tipo de trabalho literário reconhecido.²⁷

2.2.1.2. Cícero e a retórica.

Cícero também considera esse fenômeno em suas obras, demonstrando a importância de conhecer e se referir aos antepassados:

Cícero, no diálogo sobre a teoria da ética, um dos diálogos imaginários no qual ele aparece como principal falante, traz como trunfo contra a filosofia epicurista um argumento político-histórico: A teoria epicurista, diz ele, de que o prazer é o único bem não pode apelar aos grandes nomes da história, e é incompatível com a atitude requerida de um servo do Estado. Desta maneira ele coloca perante seu interlocutor, um aristocrata Romano o qual ele apresenta como um defensor do Epicurismo, a situação do aristocrata que tivesse que responder por suas visões e atividades quando subisse à Rostra e tivesse que declarar diante de uma audiência pública o objeto de suas ações, objetivos e esforços: “Você proclamará as regras que você se propôs a observar ao administrar justiça, e também, se você achar por bem, você seguirá o costume antigo de fazer alguma referência a seus ancestrais e a você mesmo.”²⁸

Assim compreendemos que a biografia e a autobiografia encontram em Roma ambiente fértil para se desenvolver de maneira sistemática. Tinha sua base cultural nas *laudatio*, sua função determinada pelo ambiente político, e sua forma desenvolvida pelos padrões do estilo epidítico de retórica.

2.2.2. O problema dos *Commentarii*

Os *Commentarii* fornecem material autobiográfico, referindo-se às campanhas *de César* na Gália, e foram publicadas no contexto de autojustificação, logo antes do início da Guerra Civil,

²⁷ *idem, ibidem*, p. 209

²⁸ *idem, ibidem*, p. 214

com clara intenção de garantir a *dignitas* do autor. Há, no entanto, diversos desvios na obra em relação ao estilo clássico de biografia, pois não se dedicam à descrição de uma pessoa e não há descrições minuciosas dos caracteres da personalidade do general. De fato, há uma intencional ausência de qualificações, exceto aquelas estritamente ligadas aos acontecimentos, ainda assim com uma forte simplificação. A obra não acompanha toda a vida de César, mas apenas o período da guerra.

2.2.2.1 O tempo

A primeira limitação no aspecto autobiográfico dos *Commentarii* é em relação ao tempo. A obra cobre apenas os anos de proconsulado na Gália, era nesta campanha que César esperava realizar a sua *gloria*²⁹ e demonstrar sua *dignitas*. Isto limita a imagem que o autor deseja passar de si: o general vitorioso. Sabemos que em Roma o valor pessoal e a capacidade administrativa eram medidas pelo sucesso nas armas. Prova disso é a campanha de Cícero pela *cedant arma togae*, que se esforçou por mudar este costume.

Os Comentários de César não são uma autobiografia. Eles lidam apenas com cerca de nove anos de sua vida, sete deles sendo cobertos pela Guerra Gálica e o restante pela guerra civil, ou, mais precisamente, seu primeiro período (49-48 a.C.), até a batalha de Farsália e a morte de Pompeu. O intervalo entre as duas guerras foi depois preenchido por Hircio, que adicionou um “livro” aos sete da Guerra Gálica. Ele estende a obra sobre a guerra civil “tão longe” ele diz “quanto à conclusão, não da luta civil, da qual nós não vemos o fim, mas da vida de César”. Este ponto de vista biográfico é um elemento adicional introduzido na obra que, como um relatório militar factual, começa: “A Gália é toda dividida em três partes.” Mas César forneceu mais em seus Comentários do que uma obra autobiográfica qualquer. Eles oferecem um exemplo de auto-revelação que pôde servir como amostra para as autobiografias dos historiadores e políticos das épocas seguintes, que em seu auto-retrato buscaram adotar um estilo elevado na clássica tradição antiga.³⁰

2.2.2.2. A ausência da *laudatio*

Outro ponto em que os *Commentarii* destoam das autobiografias tradicionais é em relação ao estilo retórico. Por serem obras políticas, as autobiografias traziam, assim como os panegíri-

²⁹ *Gloria* é o louvor dos homens, particularmente dos cidadãos, em reconhecimento do grande feito. Em Roma, ela estava marcada por atos públicos como o *triumphus* e títulos como *imperator*. Cf. Pereira (1986)

³⁰ *idem, ibidem*, p. 239

cos, características do estilo epidítico: a descrição com o elogio ou a censura. Nesta obra César dispensa o processo de *laudatio* para falar de si, e descreve sempre na perspectiva da ação, chegando a narrar feitos de outros em concordância com a coerência dos acontecimentos da guerra. Isso não quer dizer que não haja um elogio, mas que este parte das ações para sugerir, sem explicitar, as qualidades do general.

A característica desta atitude é a objetividade no tratamento de si mesmo. César fala de si de um modo não-envolvido, na terceira pessoa, mas usando seu próprio nome, que ele gosta de usar repetidamente — por exemplo, “César, tendo antecipado que isto podia ser o curso natural dos eventos, esperou por dois dias para...” Ele não evitou absolutamente o uso da primeira pessoa, mas como romano, fala de soldados como “nossos homens”, *nostri*, e como autor usa o *pluralis maiestatis*, o “nós real”, em frases subsidiárias como “nós mostramos que...” Assim a pessoa focada e a pessoa que foca são separadas, enquanto que para nós a identidade dos dois é a marca essencial da autobiografia.³¹

2.2.2.3. O excesso de *narratio*

César, em sua obra, traz, como vimos, características tanto da *historia ornata* quanto da tradição analítica romana. Como descreve Misch:

Mas o dispositivo que César usa não é, de modo algum, artificial, parece, na verdade, a maneira natural de se expressar, pois é baseado num sério propósito, aplicável tanto para o historiador quanto para o homem de estado fixar-se aos fatos e deixá-los falar. São os fatos e não ele mesmo que proclamam sua fama. Ele não usará da retórica, e chama uma espada de espada, sem adornos de nenhum tipo; e da mesma maneira ele abstém-se de qualquer expressão de sentimento.³²

A objetividade no texto da descrição dos fatos busca somar a *simplicitas* da pureza estilística à *grauitas* da ação. César, na verdade, faz um avanço em relação à tradição autobiográfica: ele busca transmitir, pelo estilo, as mesmas qualidades que atribui a si enquanto general. Como tinha a *dignitas* como objetivo, ele tratou de emular os antigos heróis romanos, não só nos feitos, mas trazendo uma qualidade considerada rara em sua época. Justo ele, que se incluía no grupo dos

³¹ *idem, ibidem*, p. 240

³² *idem, ibidem*, p. 240

oradores “áticos”, mesclou a influência helênica com a tradição latina, utilizando um estilo sucinto e a estrutura analítica, tidos como arcaizantes e opostos à proposta retórica da *historia ornata*.

Outro ponto destoante é a atenção dispensada aos feitos de outros personagens. O autor se preocupa em descrever todos os fatos relevantes para a condução das campanhas, isso inclui a ação de seus ajudantes e de seus adversários. Agindo assim, ele se aproximava de um historiador mais preocupado com a coerência e inteligibilidade do relato do que com a descrição de um personagem específico. Como se os acontecimentos na Gália fossem por si mais importantes do que a pessoa do general. Isto denuncia uma intenção de demonstrar modéstia.

Esta objetividade inclui precisão dos detalhes militares, mas isto também inclui qualidades humanas e morais: em vez de atribuir cada sucesso a si mesmo, no estilo das memórias políticas, César deu proeminência aos serviços prestados pelos seus ajudantes, e suas memórias são livres do abuso de seus inimigos, o que é uma notável característica da autobiografia de Sila, seu predecessor no poder ditatorial, e com a qual encontramos também na autobiografia de seu sucessor César Augusto.³³

2.3. Literária

2.3.1. O valor literário dos *Commentarii*

O gênero *commentarii* não era, sequer na antiguidade, reconhecido como literatura, assim, para dar um status literário a esta obra esbarramos num problema de categorização. Este problema se mostra ainda mais fundamental quando se considera o seu contexto.

Uma das propriedades sempre reconhecidas no texto dito "literário" é que, diferentemente do conto oral, do artigo de imprensa ou outras formas de discurso, ele incorpora seu contexto e contém em si mesmo o seu "código semântico": ele integra assim, atualizado por seu leitor e independente das intenções de seu autor, as condições suficientes para sua legibilidade.³⁴

Na atualidade, tanto o discurso historiográfico quanto o biográfico são enquadrados nas tais "outras

³³ *idem, ibidem*, p. 240

³⁴ Bertrand (2000), p. 23.

formas de discurso", e os historiadores e biógrafos não tentam ser confundidos com escritores de literatura. Por outro lado, na antiguidade, esses tipos de obras eram considerados gêneros literários, principalmente por causa de seu estilo de linguagem. Trata-se de uma outra definição de literatura. A literatura antiga englobava toda a produção escrita que atingisse critérios estilísticos. A escrita propriamente dita poética era fundada na mimesis, e assim distinta das outras, filosóficas, históricas, retóricas etc. Cícero associa esses últimos gêneros de escrita ao orador, dentro da sua proposta³⁵: ele não concebia glória maior do que pelas letras, e o homem letrado se definia pelo *orator*, que deveria dominar todas as artes que edificam o cidadão: a dialética, a história e a filosofia, além da física e do direito. Em todas essas artes destaca a *exaedificatio*, construção estilística do texto. As obras históricas eram compostas com todos os cuidados e processos de uma obra literária, sem se confundirem com as obras poéticas.

Entretanto, vimos que a obra de César não era, a princípio, aceita como obra histórica. Voltar-nos-emos agora para os aspectos estilísticos que motivaram a sua valorização. Como afirma Suetônio:

*Eloquentia militarique re aut aequavit praestantissimorum gloriam aut excessit. post accusationem Dolabellae haud dubie principibus patronis adnumeratus est. certe Cicero ad Brutum oratores enumerans negat se uidere, cui debeat Caesar cedere, aitque eum elegantem, splendidam quoque atque etiam magnificam et generosam quodam modo rationem dicendi tenere; et ad Cornelium Nepotem de eodem ita scripsit: 'quid? oratorem quem huic antepones eorum, qui nihil aliud egerunt? quis sententiis aut acutior aut crebrior? quis uerbis aut ornatior aut elegantior?'*³⁶

Na eloquência e na arte militar, foi igual ou superior em glória aos melhores. Depois da acusação contra Dolabela passou, sem sombra de dúvida, a ser incluído entre os principais advogados. É certo que Cícero, no *Bruto*, enumerando os oradores, diz não ver a quem César deva ceder lugar; que ele tem um modo de expor elegante, brilhante e, em certo sentido, magnífico e generoso. E, a Cornélio Nepos, diz dele o seguinte: "Quem colocarias à frente dele, mesmo procurando entre os oradores que não se dedicaram a outra coisa? Quem mais penetrante ou rico nos pareceres do que ele? Quem mais ornado ou elegante nas expressões?".

Elegância, brilho, elevação e nobreza; beleza e limpidez no estilo, tais são as virtudes retóricas de César nos *Commentarii*, elas se opõem à falta do *ornatus* e dos princípios narrativos convencionais. Aceita-

³⁵ Cícero (1949), I,1.

³⁶ Suetônio (2003), p. 61

mos, então, que as convenções estilísticas da historiografia partem da retórica e as convenções narrativas da poética — a história vista enquanto fábula. Abordaremos então estes dois aspectos, o estilo e a estrutura narrativa, de uma maneira geral e depois os aspectos sistemáticos de César-narrador.

2.3.1.1. Estilo.

É pela força da prosa que o enredo da narrativa se funde à história real, assim como os agentes do enredo aos personagens históricos. O autor faz com que a coesão e a estrutura lógica da narrativa pareçam ter uma contigüidade com a ordem real das coisas. Esta é uma das prioridades da “arte” do historiador, a capacidade de recuperar os fatos, contá-los como fábulas de modo que fossem compreensíveis e críveis. A pura e simples sucessão dos fatos era no que consistiam os relatos dos generais, costume que deu origem aos *Commentarii*. César, indo além, dá ao relato aquele tratamento digno ao qual Cícero se referia em sua proposta. O faz, entretanto, sem o uso dos recursos retórico-literários tradicionais.

Isto explica a citada frase de Cícero no *Bruto*: os *Commentarii* não dispõem dos recursos de estilo o que faz deles *nudi* e *recti*, no entanto, *uenusti*. Apesar disso, a obra atende às necessidades de uma obra histórica: torna os fatos compreensíveis e belos.

A fria, clara e ainda assim artística atmosfera de entendimento que se respira na obra de César é de uma natureza grega mais do que latina. Ele adotou as características dos relatórios de eventos factuais não-retóricos, introduzidos na literatura helenística pela prática do Estado Maior de Alexandre, o Grande. Mas ele adaptou isto para seus propósitos políticos, ou, melhor, sua própria natureza política, pois para ele tudo que fazia e observava tinha um sentido político. Assim, a intencionalidade de sua narrativa não exclui sua objetividade. Mais do que isso, esta atitude corresponde à inclinação individual de sua mente; pois ele era capaz de olhar para as coisas com olhos de artista, mesmo se elas eram resultado de sua própria ação. Com sua habilidade espontânea e infalível serenidade de tratamento ele desenhou os eventos históricos e explicou seus planos. Hércio revela para nós, um fato que somente aqueles próximos a César poderiam saber, e que hes encheu de espanto: “O mundo conhece quão bem e quão perfeitamente, mas nós sabemos também quão facilmente e rapidamente ele compôs seus Comentários.” O leitor sem preconceitos é carregado pelo poderoso fluxo da narrativa; e não nota o propósito por trás disto.³⁷

³⁷ Misch (1950), p. 240-241

É a partir da proposta de fundir general a exército e de fazer política por meio do fazer literário que a obra se apresenta. O que vemos é a intenção de elogiar os atos e o discurso de César, associando vitória militar e a qualidade literária às mesmas virtudes: *grauitas* e *simplicitas*. A objetividade e praticidade são elementos sempre notados no texto, eles remetem àqueles princípios, o discurso, aqui, serve de demonstrativo para o pensamento e a ação, é através da virtude do estilo que os princípios e as ações de César são elogiados.

No aspecto figurativo-temático temos um esforço por precisão e simplicidade, não há receio em usar termos próprios do discurso militar sem explicações metafóricas. Há sim, uma abundância de descrições numéricas envolvendo geralmente tempo e espaço, o número de tropas recursos militares também é precisado.

VII, 8

(...) etsi mons Cebenna, qui Aruernos ab Heluiis discludit, durissimo tempore anni altissima niue iter impediabat, tamen discussa niue sex in altitudinem pedum atque ita uiis patefactis summo militum labore ad fines Aruernorum peruenit. Quibus oppressis inopinantibus, quod se Cebenna ut muro munitos existimabant ac ne singulari quidem unquam homini eo tempore anni semitae patuerant, equitibus imperat, ut, quam latissime possint, uagentur et quam maximum hostibus terrorem inferant.

Posto que o monte Cavena, que separa os helvécios dos arvernos, por causa da altíssima neve no mais rigoroso tempo do ano impedia o caminho, foi, contudo, escavada a neve até seis pés de profundidade, e abertos assim os caminhos, com muitíssimo esforço dos soldados, chega às fronteiras dos arvernos. Os quais são atacados desprevenidos, porque se consideravam protegidos pelo Cavena como por uma muralha, sendo que em tal estação nem ainda a um homem só haviam sido patentes os caminhos, ordena a cavalaria, que vague o mais largamente que puder, e leve ao inimigo o máximo terror.

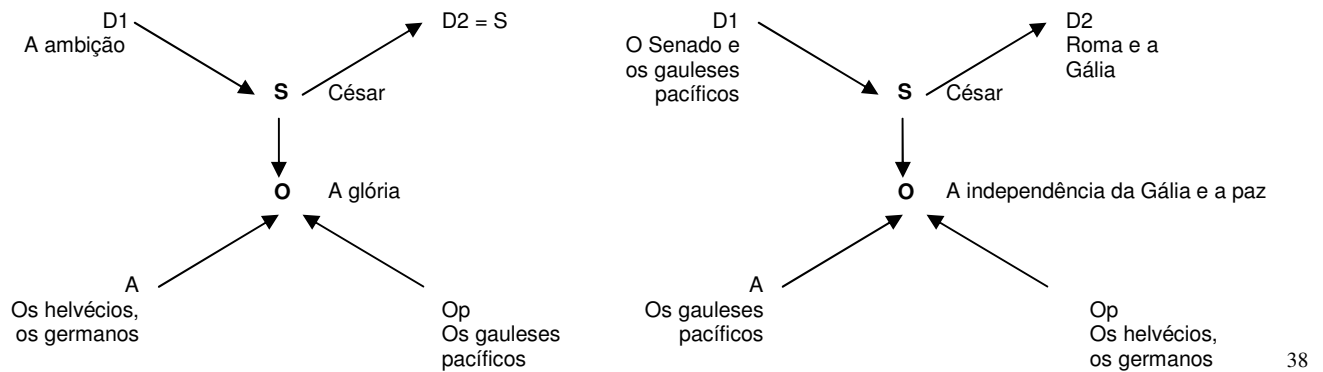
Estes dados contribuem para enfatizar a imagem de “relatório militar” da obra. Vemos que isto não parece ser resultado de um descuido ou falta de capacidade estilística do autor, mas uma escolha no sentido de passar a impressão de imparcialidade e objetividade, a citação por número dos elementos demonstra a disposição do autor em ter seu relato posto à prova por qualquer outro pesquisador contemporâneo — isto é exatamente o que Asínio Polião fará somente após a morte de César, entretanto.

A obra nos traz, portanto uma completa estrutura narrativa definida como a ação de um personagem no espaço. Na verdade esta obra nos oferece de maneira surpreendentemente concreta os termos que se procura neste tipo de estrutura. Se considerarmos a narrativa uma sucessão de eventos no tempo, isto é, mudanças de estado sofridas por agentes, a obra nos oferece estes estados com tal exatidão que parece ser um esforço direto do narrador. Como exemplo, poderíamos citar a sorte dos helvécios, primeiro povo contra quem César combate: os helvécios deixam a terra onde vivem e se colocam em migração para a Gália, lá se deparam com o bloqueio dos romanos, forçam este bloqueio e são derrotados, são obrigados a retornar à terra abandonada. Os agentes são também precisamente especificados, quase todos os povos encontrados são representados por líderes ou embaixadores, os representantes de César também são especificados em cada ocasião; são nestes encontros que achamos os poucos discursos transcritos na obra, geralmente em discurso indireto ou indireto livre.

Vemos então aquele esforço por inteligibilidade citado: os processos são todos tipificados desde a montagem de um acampamento até uma assembleia de guerra gaulesa; temos a repetição de estruturas que se tornam canônicas. Fica-nos a impressão de que assim como a condução do exército era vista como uma operação técnica, a ser executada dentro de normas de eficiência, a descrição da campanha também guarda muito de relatório militar, mesmo quando trata de termos políticos. A visão de general da campanha se impõe à visão de historiador de uma maneira inédita nos relatos de guerras na antiguidade. O que temos é um relatório militar que aspira ao título de obra literária, sem jamais perder suas características originárias de estilo.

2.3.2. História e o programa narrativo.

Lembramos que a estrutura análoga à da fábula era um preceito da *historia ornata*, assim, buscamos na obra um programa narrativo que possa dar essa estrutura. René Martin em sua análise reduz a obra à estrutura greimasiana de seis actantes:



O primeiro esquema expressa o que de fato aconteceu e o segundo o que é mostrado na obra. O que se percebe com clareza é que temos um personagem principal, sujeito do *programa narrativo* de base, e é no cumprimento de seu programa que os outros se inserem. Ele se manifesta na seqüência de ações que pode ser denominada “a guerra gaulesa”. O seu objetivo, alcançado, é a pacificação da Gália, o valor (o objeto-valor) aí inserido é a *gloria* que projeta a sua *dignitas*. Desse estágio partiria o programa do *Bellum Ciuile*, uma vez alcançada uma *dignitas* maior que a de Pompeu, César guerrearria em nome dela. O *Bellum Ciuile* é a problematização da *dignitas*, já alcançada, o *De Bello Gallico* é a busca por ela por meio da *gloria*. A própria publicação da obra contribuiu para essa busca.

Assim descrita, a história dos *Commentarii* parece ser a história de César, o general, mas é também a história dos romanos, ou do exército romano, se nos quisermos mais precisos, na Gália. É na estruturação do relato, onde general e exército se fundem, que os aspectos autobiográfico e histórico se afirmam sem se excluir.

2.4. Propagandística

Dado o contexto histórico, não somente devemos desconfiar de intenções políticas na obra de César, como é exatamente o que devemos esperar. No século I a.C., o poder pessoal chegou, em Roma, ao ponto em que ameaçaria e fatalmente destruiria o poder do Senado. Assim, era de se esperar que a política fosse tema corrente da literatura e que a auto-adulação fosse comum.

³⁸ Martin (1971), p. 118

Já vimos como a avaliação moral era esperada em qualquer obra histórica. Parece-nos sintomático que em vez de escrever memórias (*hyponémata*), ele tenha escrito notas (*commentarii*). O primeiro gênero se dedicava justamente à análise, de cunho autobiográfico, dos fatos históricos, enquanto o segundo era uma mera compilação de relatórios destinada a servir de base para obras históricas, não um gênero literário em si. Isto indica a intenção de uma neutralidade do relato, o que não se esperaria de uma obra histórica. Este fator será de grande importância para se perceber como César demonstra e camufla suas intenções na obra.

2.4.1.A propaganda na história e na biografia

Na antiguidade não era muito definida a diferença entre o público e o privado, entre a pessoa do governante e seu governo, entre o político e as idéias defendidas por ele. Isso se soma à associação entre ética e estética, já presente nos gregos, que impregna os gêneros literários e retóricos incluindo a historiografia. Assim a propaganda era algo intrínseco ao relato histórico, o patriotismo e a defesa dos “valores da cidade” afastavam qualquer pretensão à imparcialidade.

Moralidade é inevitável na história, mesmo se é apenas implícita. Nós temos, então, o direito de criticar os historiadores antigos de Grécia e Roma porque eles seguiram similar linha? Provavelmente a resposta é sim, porque eles levaram a questão realmente longe. Na verdade, é uma questão de perceber que eles não se contentavam com a história como mera disposição dos fatos: alguma interpretação é essencial, e esta interpretação não pode deixar de envolver a injeção de algum julgamento.³⁹

O julgamento moral consistia no principal conteúdo dessa propaganda. De acordo com os conceitos de Cícero, um importante uso da história era prover de bons exemplos as gerações futuras. Como a moral romana era baseada no culto aos antigos costumes, toda concepção do passado era moralizante, isto é, voltada para o *mos maiorum*, que se fazia por meio dos *exempla*.

A construção da história como *exempla* demandava o processo retórico constante do *ornatus*. A singular forma dos *Commentarii*, que, a princípio, dispensavam o *ornatus*, não o isenta de seu conteúdo moral, a composição dos *exempla* se dá a partir de outros recursos. Por tratar-se de algo autobiográfico, temos uma constituição semelhante à que vimos nos elogios (*encomium*) com as regras do gênero epidítico. Sobre este comentaremos algumas passagens de Aristóteles.

³⁹ Grant (1995), p. 85

O elogio é um discurso que mostra em todo seu esplendor a grandeza da virtude. Convém, pois, mostrar que os atos são deveras produzidos pela virtude. O panegírico tem por objeto as ações; as circunstâncias que lhes dizem respeito concorrem para a prova, como, por exemplo, uma estirpe nobre e a educação, pois é verossímil que bons pais tenham bons filhos e que o homem se mostre tal como a educação o fez. Por isso os panegíricos exaltam também os autores das ações, porque os atos são os sinais das disposições da alma; e a prova está em que louvaríamos até mesmo aquele que nada fez, se estivéssemos convencidos de ser ele suscetível de cumprir belas ações.

Devemos nos servir de muitos meios de amplificação; dizer, por exemplo, se o homem, a quem se louva, agiu só, ou em primeiro lugar, ou em companhia de outras poucas pessoas; ou se teve parte mais importante na ação; porque todas estas circunstâncias são boas. Acrescentaremos tudo o que se possa tirar das circunstâncias e das ocasiões, pois isso independe do que legitimamente seria de esperar. Diremos, ainda, se aquele a quem se louva levou muitas vezes a bom termo a mesma empresa; sendo assim, esta parecerá mais importante e imputável, não ao Destino, mas ao próprio executante.

Entre as formas comuns a todos os discursos, a amplificação é, em geral, a que melhor se presta aos discursos demonstrativos, porque nela o orador toma os fatos por aceites e só lhe resta revesti-los de grandeza e de beleza.⁴⁰

Destes trechos depreendemos que o elogio se volta para as ações e se faz por meio da amplificação, esta se dá sempre em vista da virtude e do belo, isto é, resulta numa moralização. Percebemos uma ligação entre a ampliação e o *ornatus*. César, entretanto, usa de outros recursos, que não os convencionais do panegírico, para se elogiar. Temos aqui dois fatores: a tradição da propaganda na história antiga, e a maneira peculiar como o autor se distancia dessa tradição, mas ainda assim faz seu elogio.

2.4.2.O problema do Autor-personagem

É, infelizmente, quase inevitável que as pessoas queiram justificar o que elas mesmas tenham feito no passado. Hoje nós vemos isto em todos os lados. Escritores estão em uma posição particularmente boa para apresentar tais reivindicações e explicações retrospectivas, e os historiadores estão longe de serem imunes do de-

⁴⁰ Aristóteles, *Arte Retórica*, IX, 33, 38 e 40.

sejo de fazer tal coisa. Isto é especialmente aparente entre os historiadores antigos, que por nenhum meio escondem-se. Nem assim fizeram os políticos que viveram entre eles.⁴¹

Quanto aos “Comentários” de Júlio César, ambos os da Guerra Gálica e da Guerra Civil fornecem valiosa informação, mas eles são extremamente potentes, subjetivas e sagazes obras de autopromoção e propaganda pessoal, disfarçadas entre aparente autocontenção e modéstia. Seu real objetivo é revidar insultos pessoais, e no processo nós encontramos César silenciosamente tomando o crédito pelos sucessos que seus subordinados tenham conseguido, culpando outros e não a si mesmo por fracassos (como Gergovia), explicando que suas aparentes agressões (notadamente a invasão da Bretanha) não eram de todo injustificadas.⁴²

Longe dos conceitos convencionais, César baseia seu elogio em ações, não em descrições; e é pelo sucesso dessas que ele se afirma. Isto explica as distorções em que ele se beneficia de sucessos alheios ou se isente de fracassos. Fiel ou não à verdade, o autor é fiel à imagem que quer mostrar do personagem César:

I, 21-22

Eodem die ab exploratoribus certior factus hostes sub monte consedisse milia passuum ab ipsius castris octo, qualis esset natura montis et qualis in circuitu ascensus qui cognoscerent misit. renuntiatum est facilem esse. De tertia uigilia T. Labienum legatum pro praetore cum duabus legionibus et iis ducibus, qui iter cognouerant, summum iugum montis ascendere iubet; quid sui consilii sit ostendit. Ipse de quarta uigilia eodem itinere, quo hostes ierant, ad eos contendit equitatumque omnem ante se mittit. P. Considius, qui rei militaris peritissimus habebatur et in exercitu L. Sullae et postea in M. Crassi fuerat, cum exploratoribus praemittitur.

Prima luce, cum summus mons a Labieno teneretur, ipse ab hostium castris non longius mille et quingentis passibus abesset neque, ut postea ex captiuis comperit, aut ipsius aduentus aut Labieni cognitus esset, Considius equo admissus ad eum accurrit, dicit montem quem a Labieno occupari uoluerit, ab hostibus teneri: id se a Gallicis armis atque insignibus cognouisse. Caesar suas copias in proximum collem subducit, aciem instruit. Labienus, ut erat ei praeceptum a Caesare, ne proelium committeret, nisi ipsius copiae prope hostium castra uisae essent, ut undique uno tempore

⁴¹ Grant (1995), p. 62

⁴² Grant (1995), p. 64

in hostes impetus fieret, monte occupato nostros expectabat proelioque abstinebat. multo denique die per exploratores Caesar cognouit et montem ab suis teneri et Heluetios castra mouisse et Considium timore perterritum, quod non uidisset, pro uiso sibi renuntiauisse. eo die quo consueuerat interuallo hostes sequitur et milia passuum tria ab eorum castris castra ponit.

No mesmo dia, tendo certeza pelos exploradores de haver o inimigo acampado junto a um monte a oito mil passos de nossos acampamentos, mandou que descobrissem qual era a natureza do monte e sua subida em torno. É informado de que é fácil. À terceira vigília ordena ao lugar-tenente Tito Labieno, pró-pretor, com duas legiões e aqueles guias conhecedores do caminho ocupar o topo do monte, dizendo-lhe o seu plano. À quarta vigília, marcha em pessoa para o mesmo caminho que o inimigo tomara, e manda diante de si a cavalaria. Públio Consídio que era muito hábil nos assuntos militares, e servira no exército de Lúcio Sila, e depois no de Marco Crasso, é mandado adiante com os exploradores.

Na aurora, uma vez que Labieno ocupasse o topo do monte, o próprio general distara do inimigo não mais que mil e quinhentos passos, sem que, como depois soube dos cativos, nem sua vinda, nem a de Labieno fossem percebidas; Consídio, tendo deixado o cavalo, corre a ele e diz que o monte que queria que fosse ocupado por Labieno, o estava pelo inimigo; isto percebera pelas armas e insígnias gaulesas. César conduz suas tropas para um monte próximo, e forma as linhas. Labieno, uma vez que lhe fora ordenado por César que não combatesse, a não ser que fossem vistas as suas tropas perto do campo inimigo, para que o avanço fosse feito de todos os lados ao mesmo tempo, tendo os nossos ocupado o monte, aguardava e se abstinha de atacar. Avançado o dia, enfim, César soube pelos exploradores, não só o monte estar ocupado pelos nossos, mas terem os helvécios movido acampamento e Consídio, aterrorizado, ter lhe anunciado o que não vira em vez do visto. Neste dia conserva o intervalo em relação ao inimigo e acampa a três mil passos do acampamento dele.

A virtude do general é mostrada pela sua eficiência, que o coloca em situação de pôr sempre os inimigos em desvantagem, e sua preocupação em poupar os soldados de batalhas que pudessem ser muito sacrificantes. Aqui o valor do *sui consilii* é elevado em contraste com o estado de *timore perterritum* de Consídio. Ainda podemos atribuir-lhe a clemência para com o subordinado diante da falta dele.

2.4.2.1. A *dignitas* de César escritor e general

Outro ponto de auto-elogio que podemos notar na obra está na justificativa, ou melhor, na falta dela. O autor não expressa a razão de as campanhas gálicas merecerem relato. Sabemos extra-textualmente a importância desse território e a longa história de conflito entre o povo romano e o gaulês. Isto, no entanto, é dado como informação aceita na narrativa. Assim leva-nos a subentender a importância da guerra e por consequência de seu vencedor. A vitória na Gália, a ser contada pelas gerações futuras, celebra César; este, enquanto escritor, não deixou para os pósteros avaliar a pertinência do relato, fê-lo simultaneamente, não apenas julgando-o digno de memória, mas também julgando-se apto para relatá-lo. Valorizou-se como general ao mesmo tempo em que como escritor.

Ao ser personagem histórico, César poderia, então, servir de *exemplum* assim como os grandes generais anteriores; veremos posteriormente elementos como a referência ao general Mário, e a comparação com Pompeu. Basta saber, por enquanto, que ao fazê-lo estava afirmando a sua *dignitas*, um conceito fundamental para entender o caráter político da obra.

A noção de *dignitas* é muito próxima da de *honor*. Ambas partem da esfera moral, mas se definem mais especificamente na esfera política. A *dignitas* se traduz em mérito e nobreza ligados ao exercício de cargos e funções na república como o Senado e magistraturas maiores⁴³. Principalmente aparece como prestígio, consideração e influência na sociedade. Assim, mais do que moral, a *dignitas* representava uma excelência social e política ao qual se pretendia alcançar por meio do *cursus honorum*. Tal era a sua ligação com o cargo exercido que, na guerra civil, César se considera diminuído na sua *dignitas* por que se exige dele que dispense seu posto militar para voltar a Roma “como particular”. Assim se vê que a *dignitas* estava no posto e não no homem.

Se, como já vimos, a celebridade do romano estava ligada à comparação com os antepassados, também registrar em vida as conquistas de um *homo clarus* era importante ato político. O termo *homo clarus* define justamente aqueles que tinham prerrogativas e também obrigações para zelar pela sua *dignitas*. Se César partiu para a Gália para angariar não só poder militar e recursos, mas também prestígio, era mais do que oportuno que suas batalhas tivessem um relato, principalmente diante da conturbada situação em Roma e da necessidade de justificação de seus atos.

⁴³ Aquelas *cum imperio*: pretor e cônsul

2.4.3.A arte de César

Vimos que o autor afastou-se das convenções do gênero epidítico e fez seu auto-elogio focando-se nas ações bem sucedidas. Vimos também que uma justificativa para toda a obra é o apreço pela própria *dignitas*. Estes dados refletem algo no estilo retórico da obra.

De fato, somente pelas suas ações os personagens são caracterizados, numa total preponderância do feito sobre o homem. Todo texto é pobre em qualificativos e estes quando aparecem são sempre justificados com alguma ação. Os valores do César-personagem estão todos, ou quase todos, ocultos sob o tipo do “grande general” e as intenções do César-narrador se mascaram sob a verdade histórica. O desvio pela ausência de rebuscamentos nos remete àquele estilo dos primeiros analistas que tanto foi criticado por Cícero.

2.4.3.1. A ausência do epidítico

Que apreendemos disso? A identificação com antigos historiadores não pode ser considerada casual. Vemos dois princípios políticos na rejeição por César da *historia ornata*: a *simplicitas* e a *grauitas*.

Simplicitas, derivado de *simplex*, pode ser entendida como propriedade daquilo que não é duplo, ou dúbio, e *grauitas*, de *gravis*, como propriedade daquilo que é sério. Seriedade e não-ambigüidade eram qualidades esperadas do orador, do historiador e, por fim, do político, em seu discurso e atos. Na divisão de facções⁴⁴ que então havia no Senado, era o grupo oposto ao de César, os *optimates*, que visava se identificar com estas qualidades, cuja figura mais representativa é Catão. O antagonismo entre estes dois personagens históricos será explorado por Lucano. César estava categorizado politicamente como um populista, adepto de ações extravagantes para conseguir o apoio popular, mas literariamente como um neo-ático: um adepto da transmissão da estética grega para o latim, com ênfase na pureza, na brevidade e na sobriedade estilísticas — em oposição ao *ornatus* ciceroniano⁴⁵.

⁴⁴ Preferimos o termo facção em vez de partido por estar mais de acordo com *factio*, termo usado por Salústio e Suetônio.

⁴⁵ Bayet (1952), p. 161

Na literatura, *simplicitas* se definia pela ausência de rebuscamentos, dispensavam-se arcaísmos, palavras raras, abundância de sinônimos e toda a adjetivação desnecessária. O que se tem é uma simplificação do texto, o que enfatiza sua objetividade, sem rodeios que possam trazer interpretações ambíguas, e o mínimo uso de figuras de palavra, os tropos. A *grauitas* se apresenta na seleção de objetos e acontecimentos para a descrição segundo o critério da relevância; dispensa digressões — já que o objetivo das digressões é justamente diminuir o peso do texto — apresentando os elementos e dando-lhes a ênfase necessária. Este era o estilo dos primeiros analistas, a recorrência a ele traz também o apelo às antiguidades e às primeiras tradições, menos influenciadas pelos gregos. Este apelo era mais uma característica dos seus antagonistas políticos, também neste ponto César busca se equiparar a eles.

Assim, ao pretender estes valores, César está, como general, escritor e conseqüentemente como político, buscando complementar a sua figura pública justamente com aquelas virtudes associadas a seus adversários. Centralizando a facção aristocrática em Pompeu, podemos dizer que César busca superar seus adversários em suas maiores qualidades.

2.4.3.2. A propaganda oculta

Vemos, assim, que o caráter propagandístico é tão ou mais forte na obra de César, quanto na de outros historiadores. Os dados de autojustificação e auto-elogio se afirmam sem prejuízo para a arte literária. Pelo contrário, o autor inova invertendo padrões epidícticos, na tentativa de angariar a simpatia. René Martin faz uma precisa avaliação do estilo:

É sem dúvida isto que faz a grandeza dos Comentários: de todas as máquinas de guerra utilizadas por César esta obra de propaganda é a mais refinada. Por análises plenas de refinamento e precisão, Michel Rambaud se propôs a demonstrar este mecanismo, não para reduzir a nada o valor dos textos de César, mas, sobretudo para pôr em evidência uma “arte de deformação histórica”, uma estratégia concentrada de informação tendenciosa, que mostra o gênio literário e político de seu autor. Utilizando a forma anódina dos *commentarii*, César realizou uma obra-prima: em um tempo onde as rivalidades políticas se esgotavam em panfletos vulgares, em calúnias de todos os tipos, em elogios exageradamente barulhentos, ele impôs à opinião o auto-retrato de um governante de um estilo novo, fabricou uma legitimidade pessoal, sem a voz exaltada, sem proclamações espetaculares. Ele compreendeu que as batalhas políticas podem ser vencidas com a escrita. E quando constatamos, na literatura atual, a abundância de ensaios, memórias, cadernos de viagem publicados por nossos homens públicos, podemos ver em César um precursor, ver o fundador de um gênero literário particularmente difícil de discernir — e ao qual nós

não saberíamos consagrar um capítulo deste livro: a arte de escrever as linhas para manipular a opinião. É o “demonstrativo” no coração do “narrativo”.⁴⁶

A arte da obra se centra em criar uma nova forma de elogio sem a tradicional *laudatio*. Trata-se da “arte da deformação histórica”, um processo que coloca o cerne da propaganda, não na descrição, mas na narração “o ‘demonstrativo’ no coração do ‘narrativo’”. A função principal da obra se dará na sua estrutura narrativa em vez da figurativa, e é pela observação de como o narrador estrutura a sua história que poderemos entrever suas intenções. Dentro das tradições de moralização e tomada de partido nos historiadores, César vai usar da “informação tendenciosa”, isto é, de uma forma direcionada e ideológica de apresentar o fato. Faz isso “sem a voz exaltada, sem proclamações espetaculares” que caracterizavam a propaganda de seu tempo. Atinge, assim, dois objetivos: por um lado, um ideal da propaganda: convence sem parecer querer convencer.

Seu propósito era de influenciar a opinião pública em seu favor; ele tinha que se defender da acusação de desejo de conquista e ganância por poder. Mas ainda, uma vez que a obra pertence aquele grau de literatura de literatura de panfletagem política, ou, se se prefere o termo, oferece um exemplo de conduta de assuntos políticos (nesta compilação, César fez uso dos seus relatórios anuais ao Senado), a obra, não obstante, independentemente do tempo, do lugar e do propósito de sua origem, nos dá a vívida impressão da personalidade deste homem único. A simplicidade e objetividade, clareza e brevidade de sua dicção, a qual Cícero atribui à arte do historiador, parecem-nos refletir qualidades correspondentes neste homem de estado e comandante militar, as quais ele, com sua certeza de propósito, teve em todos os assuntos.⁴⁷

Por outro lado, mostra simultaneamente seu estilo de ação e de pensamento, um e outro se manifestam apenas em seu discurso. É pelo seu sucesso como escritor que se evidencia o seu sucesso como general e se propõe o sucesso como político. Ele não faz política, guerra e literatura separadamente, pelo contrário, as atividades de general e de historiador são, assim como tudo o mais, atividades políticas, e se enquadram em seu plano de conquista do poder. Sua “simplicidade e objetividade” se estendem a partir do general, para o escritor e o político. São valores transversais, com os quais ele queria se identificar em todas as esferas, e os *Commentarii* são o seu esforço neste sentido.

⁴⁶ Martin (1971), p.119

⁴⁷ Misch (1950), p. 239

3. NARRADOR

3.1. Enunciação

3.1.1. Narrador, sujeito da enunciação.

Na semiótica greimasiana o narrador é um construto criado pelo sujeito da enunciação e com ele se identifica. Este sujeito é determinado pela aplicação do esquema narrativo ao ato próprio da narração. Assim como a narrativa se compõe de ações, narrar é visto como uma ação que em si pode ser analisada em termos esquemáticos. O sujeito da narração é aquele que fala, não necessariamente sua pessoa real, mas sua pessoa discursiva, isto é, o eu enquanto sujeito falante. Assim, como o sujeito actante, ele é determinado apenas pela sua ação. Logo, o narrador, na sua atuação, nos dá informações sobre o autor, pois o narrador é uma função do autor quando este se posiciona como sujeito de uma narração. É justamente pela linguagem do narrador que se analisa a linguagem do autor. Isto permite considerar dentro da análise o ato da enunciação sem a necessidade de partir para fora do texto. Assim, estudamos a obra inserida num processo comunicativo, que integra necessariamente um emissor, no caso, o autor.

Diferentemente da poesia, onde teríamos um “eu lírico”, na narrativa temos a figura canônica do narrador como aquele que assume o discurso. Sua operação fundamental é a *debreagem*⁴⁸, primordialmente pragmática (diz o que os outros fazem), eventualmente surgem a *debreagem* cognitiva (diz o que os outros sabem) ou discursiva (diz o que os outros dizem). O narrador se mantém sempre como o centro do discurso e sua relação com ele é regida por suas posições e-

⁴⁸**Debreagem:** Operação enunciativa pela qual o sujeito da fala projeta “para fora de si”, as categorias semânticas do /não-eu/, /não-aqui/ e /não-agora/, instalando nesse ato as condições primeiras da atividade simbólica do discurso. Rompendo sua inerência consigo mesmo, ele instala as categorias objetivantes do “ele”, do “lá” e do “então”. Essa operação é correlativa à *embreagem*. Bertrand (2000), p. 417.

Embreagem: Operação enunciativa pela qual o sujeito da fala retorna à enunciação, a partir da *debreagem*, e identifica o sujeito do enunciado com a instância da enunciação: ele instala, nesse caso, as categorias pessoais da primeira e segunda pessoas (eu/tu) e os dêiticos espaciais (aqui, lá) e temporais (agora, ontem...). Essa operação é correlativa à *debreagem*, anterior e pressuposta. Numa perspectiva de análise literária, a *embreagem* dá origem a formas variadas (*embreagem* enunciativa, *embreagem* enunciativa, *embreagem* interna) e permite dar conta, ao menos parcialmente, da discursivização da “vida interior” (por exemplo, uma série de acontecimentos . passados transforma-se, por *embreagem*, numa cena figurativa de “lembranças”). *Idem, ibidem*, p. 418.

nunciativas. O conceito fundamental para compreendermos será o de ponto de vista que veremos abaixo.

3.1.1.1. Sujeito da enunciação, narrador e autor.

A definição do sujeito da enunciação se dá pela análise de sua relação com o texto, a qual estudamos por meio do conceito de ponto de vista. Este sujeito não estabelecerá, a princípio, relação com o sujeito “real” do autor, aquele é um construto textual, objeto da semiótica narrativa, este é parte do “mundo natural” e suas estruturas. Isto afasta conceitualmente o autor do narrador.

Quanto ao sujeito da enunciação “real” o da cena intersubjetiva da comunicação, autor ou locutor, ele é sempre inevitavelmente relegado a uma posição implícita: ele é visto na cadeia recursiva do "eu digo que digo que digo, etc.", e permanece, em si mesmo, inacessível. Ele só se manifesta pelos simulacros lingüísticos de enunciações enunciadas precedentes (digo, penso, me parece, etc.) que dependerão dos critérios de análise que permitem apreendê-las. Ora, para Greimas, "não se percebe de que maneira, sem voltar a cair na ontologia do sujeito, de que a semiótica literária a tão duras penas se libertou, seria possível conceber a definição do sujeito da enunciação a não ser através da totalidade de suas determinações textuais". O sujeito do discurso é então concebido como uma instância em construção, sempre parcial, incompleta e transformável, que apreendemos (a partir dos fragmentos do discurso realizado).⁴⁹

Na prática da análise, entretanto, somos levados a romper com essa rigidez na medida em que a cadeia recursiva nos leva a encontrar o sujeito da enunciação num momento anterior à textualização. O narrador se descreve e configura durante toda a narração e é definido no fim dela, neste momento podemos analisar em retrospectiva o evento da significação, onde encontramos o sujeito da enunciação; este faz a ligação entre o narrador, sujeito que se identifica apenas pela sua linguagem, e o autor, a pessoa real existente anteriormente ao texto. Podemos partir da narração acabada para criar abstrações acerca do processo da narração. Chegamos então a um ser que fala e se define apenas na sua fala, um ser de linguagem, ele pode ser objeto de estudo da semiótica, e ao mesmo tempo se relaciona com o ser biográfico, do qual é uma função.

⁴⁹ Bertrand (2000), p. 83.

Quando estudamos César autor, o observamos no momento da criação do texto, pelos dados que o texto oferece. A “embreagem actancial integral”⁵⁰ é impossível porque anularia o texto. Agindo inversamente consideramos o autor apenas como esse ser de linguagem, que não conhecemos senão por seu discurso. Se todo ato de linguagem pressupõe uma debreagem — a consideração fundamental do não-eu, não-aqui e não-agora — e se consideramos o homem um ser de linguagem, concluímos que todo e qualquer ato é um ato de linguagem. Mostra-se despropositado esperar encontrar um momento em que o homem não seja “uma instância em construção, sempre parcial, incompleta e transformável, que apreendemos a (partir dos fragmentos do discurso realizado)”. Mesmo na narrativa literária, qualquer que seja a configuração do observador, não há também uma “debreagem actancial integral”, assim narrador e autor estarão sempre relacionados, e a partir do estudo do sujeito da enunciação em ato, poderemos estudá-los, pois são justamente os processos discursivos que configuram o narrador que identificamos com o autor. O que se busca é a linguagem de certo autor, e o que se pode apreender dela, pelo texto.

Num poema épico, narrativa poética por excelência, a figura do observador se apaga fortemente, restando quase sempre como mero focalizador, como já preconizava Aristóteles⁵¹. O autor, entretanto, se mostra com firmeza no aspecto da “arte” do poema, aqueles elementos narrativo-descritivos conscientemente entendidos como artifícios à narrativa. Numa obra histórica, o autor se afirmaria de outra maneira, primeiro sugerindo, e às vezes explicitando, um processo de pesquisa onde se afirma que houve a construção de uma narrativa com base em diversas fontes limitadas, pois sempre se baseiam em um relato, que, ainda que do próprio historiador como testemunha, não pode abarcar todos os aspectos do fato; depois na consciente tomada de posição e moralização, processo também percebido pelo leitor como “arte”, desta vez retórica, buscando a verdade. É pela mistura dos processos que o historiador clássico maquia sua opinião para fazer sua propaganda, César o faz da sua forma particular.

Nesta obra, a não-dissociação entre estes dois seres tem conseqüências interpretativas relevantes, pois criam níveis de leitura, ambos válidos e não excludentes apesar de suas diferenças. Esta fusão será, em nossa análise, o grande mérito da obra, pois proporcionou a criação de uma obra ao mesmo tempo artística e de propaganda (poética e retórica), histórica e biográfica.

⁵⁰ Bertrand (2000), p. 93.

⁵¹ Vide: item 3.1.1.2.

3.1.1.2. Mimesis e retórica

No discurso poético e no discurso retórico, o enunciador vai aparecer de maneira diferente, naquele a sua atuação será governada pela mimesis e no outro pela persuasão. Aristóteles define estes dois conceitos:

A Retórica é útil, porque o verdadeiro e o justo são, por natureza, melhores que seus contrários. Donde se segue que, se as decisões não forem proferidas como convém, o verdadeiro e o justo serão necessariamente sacrificados: resultado este digno de censura. (...) Sua tarefa [da Retórica] não consiste em persuadir, mas em discernir os meios de persuadir a propósito de cada questão, como sucede com todas as demais artes. (...) Além disso, é manifesto que o papel da Retórica se cifra em distinguir o que é verdadeiramente suscetível de persuadir do que só o é na aparência, (...) ⁵²

O poeta deve dialogar com o leitor o menos possível, pois não é procedendo assim que ele é imitador. Os poetas que não Homero, pelo contrário, ao longo do poema procedem como atores em cena, imitam pouco e raramente; ao passo que Homero, após curto preâmbulo, introduz imediatamente um homem, uma mulher ou outro personagem, e nenhum carece de caráter, e de cada um são estudados os costumes. ⁵³

Dessas definições depreendemos que a posição do sujeito da enunciação é fundamentalmente diferente no discurso retórico e no poético: no primeiro preconiza-se “o verdadeiro e o justo” e assim incluem-se características de valorização moral. A retórica, voltando-se para a verdade presta-se ao elogio e à censura. Assim, a posição do enunciador está fortemente embreada. Sendo a retórica uma função social, espera-se a identificação do enunciador com a sua pessoa real, considerando uma transversalidade do valor de verdade, este deve ser o mesmo no texto que é na realidade extra-textual.

No discurso poético o narrador deve se posicionar como um autêntico observador focalizador e deixar os percursos para os personagens, isto é, enfatizando a debreagem, espera-se que o texto seja capaz de construir a sua significação independentemente de dados externos. Já o discurso historiográfico, por outro lado, parte do princípio de busca da verdade e de sua compreensão, que vem da retórica. Ele vai se estruturar, dentro da tradição antiga, pelas regras de textuali-

⁵² Aristóteles, *Arte Retórica* I, 4.

⁵³ Aristóteles, *Arte Poética* XXV, 2

zação da poética. Quanto ao narrador, veremos que seu princípio de informação é eminentemente indutivo, parte de informações de outros, e sua perspectiva, entretanto, será geralmente, globalizante, pois tenta a partir de várias fontes históricas, limitadas em sua abrangência, compor um percurso coeso.

3.1.2. Ponto de vista

A peça chave para se enquadrar o narrador é a noção de ponto de vista e seus derivados. Pois é por este que ele vai mediar a relação entre o leitor e a diegese, direcionando os aspectos da narração, a descrição e a sintaxe narrativa. O ponto de vista se define pela análise do percurso modal do narrador, isto é, como a narração se realiza. Essa análise consiste em três classificações básicas, a da focalização, a do observador e a da perspectiva. Feita a debragem, estabelecido um espaço do narrado, a primeira relação que se pode observar é a focalização. Esta modaliza a relação entre o narrador e o narrado. Temos uma tipologia básica que se resume à três tipos: focalização zero: o narrador é onisciente, focalização interna: o narrador sabe o que os personagens sabem, e focalização externa: o narrador observa de fora da cena narrativa. Assim identificamos nos *Commentarii* a focalização interna: sendo uma descrição histórica, o narrador se baseia em informações cedidas por personagens que participaram da ação, mais freqüentemente do protagonista César, que apesar de autor e personagem não se assume enquanto narrador. A narrativa parte, a principio, de suas experiências, mas não apenas delas. Como general e historiador, ele busca um ponto de vista que integre os povos e os exércitos na ação e esta escolha implica diretamente na sua caracterização como observador.

Observador: Sujeito cognitivo, instalado pelo enunciador mediante debragem, encarregado de receber informações e de transmiti-las. Seus modos de presença no discurso são variados: ele pode estar implícito, reconhecível somente pela análise (assim, por exemplo, um "acontecimento" é uma ação considerada do ponto de vista de um observador), pode estar manifestado pela indicação de um posto de observação, pode estar assinalado no texto por uma marca pessoal e um predicado perceptivo, sua atividade pode ser assumida por um ator inserido no enunciado. As relações entre observador e observado podem ser complexas e reversíveis (o sujeito que se sabe observado pode procurar modificar, manipular, iludir o sujeito observador...).⁵⁴

⁵⁴ Bertrand (2000), p. 425.

O observador foi categorizado em uma tipologia a partir de sua posição; ele pode ser focalizador, espectador, assistente, ou ator-participante. No primeiro temos um observador não identificado por qualquer dêixis⁵⁵, ele se representa apenas nos processos de focalização; no segundo há um ponto de observação determinado, mormente espaço-temporal; no terceiro temos um personagem secundário responsável pela narração, e no último temos o caso do narrador protagonista. Obviamente a última posição é característica da autobiografia, César a rejeita nos *Commentarii*, e isto não pode ser considerado gratuito. Ele toma a posição de um observador que retoma, organizando, os fatos, em de um momento posterior; classificamo-lo assim como espectador. Com isso, ele traz algo característico dos relatórios oficiais, que deveriam ser escritos após as batalhas e que, sabemos, eram remetidos ao Senado, e, enfatizando a impessoalidade e o distanciamento, essa postura, juntamente com outros recursos, busca a *simplicitas* e a *grauitas* no discurso.

O discurso historiográfico tende, pelas suas raízes retóricas, a uma focalização partindo das experiências dos personagens, pois o narrador não é onisciente, já que trata do real, algo que não pode ser captado em sua completude. O observador se posiciona geralmente de modo a compreender o acontecimento de um ponto de vista coletivo, na tentativa de abranger a totalidade na sua descrição e estas tendências interferem na tomada de perspectiva da narração.

A noção de perspectiva é outro ponto importante para o conhecimento do narrador e de como o seu ponto de vista se realiza na narrativa. A perspectiva trata diretamente dos efeitos do ponto de vista diante das coerções da textualização, os problemas da linearidade e de como converter o acontecimento em programas narrativos. Na obra, já vimos, o foco está nas ações romanas na Gália, estas centralizadas no seu líder⁵⁶ César. A perspectiva de César é então de tal modo privilegiada que justifica o aspecto autobiográfico do texto. Esta perspectiva, entretanto, alterna-se constantemente com a de seus antagonistas ou ajudantes seguindo um critério de relevância.

⁵⁵ DÊIXIS — Faculdade que tem a linguagem de designar mostrando, em vez de conceituar. A designação dêitica, ou mostrativa, figura assim ao lado da designação simbólica ou conceptual em qualquer sistema linguístico. Podemos dizer que o SIGNO linguístico apresenta-se em dois tipos — o SÍMBOLO, em que um conjunto sônico representa ou simboliza, e o SINAL, em que o conjunto sônico indica ou mostra (v. símbolo). O pronome (v.) é justamente o vocábulo que se refere aos seres por dêixis em vez de o fazer por simbolização como os nomes (v.). Essa dêixis se baseia no esquema linguístico das 3 pessoas gramaticais que norteia o discurso: a que fala, a que ouve e todos os mais seres situados fora do eixo falante-ouvinte. Mattoso Câmara (1978), p. 90. O observador focalizador não assume pessoa verbal nem posição espaço-temporal.

⁵⁶ Vide item 4.1.2.1.

Essa relevância é raramente explicitada, mas segue um padrão: a perspectiva começa com aquele que provocou o fato, mostra-se seus motivos e circunstâncias. É relevante que os *casus belli* sejam na maior parte das vezes provocados pelos inimigos dos romanos, assim César se posiciona como um reparador que busca impedir, desfazer ou punir o dano causado ao “povo romano”⁵⁷. Os acontecimentos provocados pelo general são sempre justificados com bastante ênfase, apesar da objetividade⁵⁸. Descreve-se a reação romana e alterna-se a descrição para os atos de cada lado nos combates até a vitória. Esta alternância de perspectiva é tradicional no discurso historiográfico, para tornar compreensíveis as ações de todos. Algumas vezes chega-se a explicitar o processo de reconstrução posterior dos fatos que se dá em cada um desses casos.

I, 12.

Flumen est Arar, quod per fines Haeduorum et Sequanorum in Rhodanum influit, incredibili lenitate, ita ut oculis in utram partem fluat iudicari non possit. Id Heluetii ratibus ac lintribus iunctis transibant. Ubi per exploratores Caesar certior factus est tres iam partes copiarum Heluetios id flumen traduxisse, quartam uero partem citra flumen Ararim reliquam esse, de tertia uigilia cum legionibus tribus e castris profectus ad eam partem peruenit quae nondum flumen transierat. Eos impeditos et inopinantes adgressus magnam partem eorum concidit; reliqui sese fugae mandarunt atque in proximas siluas abdiderunt. Is pagus appellabatur Tigurinus; nam omnis ciuitas Heluetia in quattuor partes uel pagos est diuisa. Hic pagus unus, cum domo exisset, patrum nostrorum memoria L. Cassium consulem interfecerat et eius exercitum sub iugum miserat. Ita siue casu siue consilio deorum immortalium, quae pars ciuitatis Heluetiae insignem calamitatem populo Romano intulerat, ea princeps poenas persoluit. Qua in re Caesar non solum publicas, sed etiam priuatas iniurias ultus est, quod eius soceri L. Pisonis auum, L. Pisonem legatum, Tigurini eodem proelio quo Cassium interfecerant.

O Arar é o rio que corre para o Ródano pelas fronteiras dos héduos e dos séquanos com incrível lentidão, tal que com os olhos não se pode julgar para qual das duas direções corra. Os helvécios o cruzavam com canoas e pontes de barcos. Quando César foi feito ciente de que já os helvécios tinham atravessado três partes das tropas pelo rio e estar apenas a quarta parte ainda antes do rio Arar, à terceira vigília, saindo com três legiões do acampamento, veio em direção àquela parte que ainda não cruzara o rio. O assalto caiu so-

⁵⁷ Em I, 10 fornece um exemplo por excelência.

⁵⁸ As expedições a Bretanha e à Germânia são exemplos.

bre a maior parte deles, que estavam desprevenidos e atrapalhados; os restantes puseram-se em fuga se escondem nas florestas próximas. Este distrito era chamado Tigurino; pois a cidade helvécia é toda dividida em quatro partes ou distritos este distrito apenas, como saísse de sua terra, na época de nossos pais matara o cônsul Lúcio Cássio e subjugara seu exército. Assim, quer pelo acaso quer pela vontade dos deuses imortais, aquela parte da cidade helvécia que trouxe a calamidade ao povo romano, sofreu primeiro os castigos. Por isso, César vingou não somente as injúrias públicas como as privadas, pois o avô de seu sogro Lúcio Pisão, o legado Lúcio Pisão, os tigurinos mataram nesta mesma batalha, juntamente com Cássio.

Neste trecho podemos notar como análise dos processos de debreagem e embreagem facilita a compreensão do narrador. O que temos é a caracterização de um narrador focalizador, que vai aos poucos retomando suas características actanciais, vemos um grande distanciamento que vai, em certos pontos, sendo anulado por curtos processos de embreagem que marcam, no entanto, a “cara” do texto: em I. 12, 1, temos a expressão “*ut in utram partem fluat iudicari non possit*” este processo de embreagem, que dá “olhos” à figura abstrata do narrador e é elemento comum do discurso descritivo, o apelo aos sentidos. Apesar disso, o forte distanciamento se dá por o trecho tratar basicamente do percurso actancial dos personagens — César e os helvécios como um coletivo. O I, 12, 2-3 se dedica a essa descrição. A partir daí temos um longo trecho de justificação de I, 12, 4 a 7, quando o tom muda de narrativo para argumentativo, assim está na ordem canônica do discurso: exórdio, narração, argumentação e peroração. Marca-se pela recorrência ao *pathos* em “*siue casu siue consilio deorum immortalium*” e ao *ethos* em “*Caesar non solum publicas, sed etiam priuatas iniurias ultus est*”.

A atitude do narrador passa da descrição para a explicação e por fim a justificação, isso se dá por uma progressiva embreagem, primeiro cognitiva depois actancial. Cognitiva pela focalização, que a princípio é interna, isto é, a informação parte da experiência pessoal dos personagens, onde o termo “*oculis*” contribui para a identidade entre o narrador e o personagem, apesar do discurso em terceira pessoa. A passagem para o explicativo traz uma atitude de focalização zero, pois o narrador não tem a sua fonte de informação presa a nenhum personagem, sua informação não tem relação com o narrado, mas tem a sua fonte anterior à narrativa. Por fim ele se posiciona modalmente quando inclui o dado ético, a ética sempre aponta para o modo /dever fazer/ e seus derivados /dever não fazer, não dever fazer e não dever não fazer/. Assim temos uma embreagem

actancial, pois o próprio ato da narração se revela como um programa narrativo, que tem como objetivo estabelecer uma verdade: “*Caesar non solum publicas, sed etiam priuatas iniurias ultus est*”.

Por estes processos, caracterizamos o observador-espectador, pois mesmo não sendo assumido por um personagem, temos a noção de seu posicionamento diante da cena narrativa. Na parte descritiva temos uma visão geral que parte, entretanto, de informações internas. Essa combinação de focalização interna com observador-espectador, pois a descrição não parte de nenhum personagem, caracteriza o processo de reelaboração posterior dos fatos narrados que é feito pelo historiador, pois ele deve, a partir de depoimentos fragmentados, compor uma história estruturada. Na parte argumentativa temos a noção de que o observador não está preso ao tempo da narração, ele está certamente num tempo posterior e tem acesso a outros momentos, essa independência em relação ao espaço e o tempo é outra característica do espectador, que pode se afastar da cena narrativa para digressões ou explicações. Outra característica típica da historiografia.

O processo de reelaboração dos relatos inclui a composição dos percursos a serem seguidos. Aqui basicamente temos dois percursos antagônicos, o dos helvécios, cujo objetivo é a fuga, e o de César que aparece como anti-sujeito, visando impedir a fuga. A ação “fuga” dos helvécios é frustrada, começa então a ação “luta”, em que o percurso de César é privilegiado, pois ele tem a iniciativa do combate. Por fim, é sobre esta vitória que se aplicam os enunciados explicativos e argumentativos, que explicitam a fase de sanção do percurso do sujeito César.

3.1.3. O programa narrativo do narrador

Depois de observar estes dados podemos descrever o programa narrativo do narrador, que define seu estatuto em relação ao texto. Vimos que ele se define pelo seu objeto, o narrado, e sua relação com o mesmo se estuda por meio da noção de ponto de vista. O programa do narrador descreve, em última instância, uma poética, aqui entenderemos poética por uma teoria discursiva; maior do que o conceito de estilo, ela expressa um princípio para tomar o mundo enquanto discurso, isto é, criar signos. O princípio a partir do qual o autor cria os objetos semióticos define sua poética, dela podemos avançar até uma verdadeira *weltanschauung*, a visão de mundo que se constrói pelo texto.

O percurso do narrador nos indica nos *Commentarii* uma forte preocupação historiográfica de descrição dos fatos com precisão e imparcialidade, a ênfase autobiográfica é meramente incidental; é por sua posição de chefe que César é descrito e suas ações aparecem apenas enquanto relacionadas com seu exército. Essa postura força a fusão entre o programa narrativo do general e do “povo romano”⁵⁹, enfatiza uma qualidade que o autor queria atribuir ao personagem: sua identificação com o seu povo e seu exército, mote tradicional da facção dos *populares*.

Esta atitude leva a um problema recorrente: a separação entre a concepção do texto como objeto poético e como peça de propaganda. Isto implica na oposição entre o narrador, sujeito desta enunciação, e o autor, o sujeito “real” que se aproveita politicamente do texto. O que vemos, entretanto é a contaminação entre esses sujeitos. O narrador trai em seu percurso a intenção do autor; a narração está contaminada por estas intenções, ela peca diante do princípio de isenção e independência da obra literária. Neste processo o autor se revela, no ponto de vista do narrador podemos perceber algo da perspectiva que o autor tem da “vida real”, isto dá ao texto um valor arqueológico.

Assim como o discurso do personagem-general interfere no discurso do historiador, um e outro são direcionados pelas intenções do político, que torna tanto a guerra quanto o seu relato instrumentos políticos. Revela, assim, uma visão de mundo que não apenas subordina tanto o fazer bélico quanto o poético ao político, mas torna cada ato humano avaliável pela sua importância num permanente e preponderante jogo de poder. Segundo Cícero:

Sed homo demens ut isti putant, cum cogeret eum necessitas nulla, in his undis et tempestatibus ad summam senectutem maluit iactari, quam in illa tranquillitate atque otio iucundissime uiuere.

Mas o homem que eles julgam demente, ainda que nenhuma necessidade o obrigue, prefere ser lançado em suas ondas e tempestades [da vida pública] até o extremo da velhice, do que viver muito satisfatoriamente em tal tranquilidade e ócio.⁶⁰

Para César não há espaço livre de tais tempestades, não há — e talvez nem deva haver — ato que não seja político.

⁵⁹ I, 12; IV, 16; e diversos outros pontos; no próximo capítulo trataremos do tipo do “líder”.

⁶⁰ Cícero (2005), I, 8.

I, 1.

Gallia est omnis diuisa in partes tres, quarum unam incolunt Belgae, aliam Aquitani, tertiam qui ipsorum lingua Celtae, nostra Galli appellantur. Hi omnes lingua, institutis, legibus inter se differunt. Gallos ab Aquitanis Garunna flumen, a Belgis Matrona et Sequana diuidit. Horum omnium fortissimi sunt Belgae, propterea quod a cultu atque humanitate prouinciae longissime absunt minimeque ad eos mercatores saepe commeant atque ea, quae ad effeminandos animos pertinent, important proximique sunt Germanis, qui trans Rhenum incolunt, quibuscum continenter bellum gerunt. Qua de causa Heluetii quoque reliquos Gallos uirtute praecedunt, quod fere cotidianis proeliis cum Germanis contendunt, cum aut suis finibus eos prohibent aut ipsi in eorum finibus bellum gerunt. Eorum una pars, quam Gallos obtinere dictum est, initium capit a flumine Rhodano, continetur Garunna flumine, Oceano, finibus Belgarum, attingit etiam ab Sequanis et Heluetiis flumen Rhenum, uergit ad septentriones. Belgae ab extremis Galliae finibus oriuntur, pertinent ad inferiorem partem fluminis Rheni, spectant in septentrionem et orientem solem. Aquitania a Garunna flumine ad Pyrenaeos montes et eam partem Oceani, quae est ad Hispaniam, pertinet, spectat inter occasum solis et septentriones.

A Gália é toda dividida em três partes, das quais em uma habitam os belgas, em outra os aquitanos e na terceira aqueles que na própria língua são chamados celtas e, na nossa, gauleses. Estes todos diferem entre si pela língua instituições e leis. O rio Garona separa os gauleses dos aquitanos, e dos belgas o Matrona e o Séquana. Destes todos os mais fortes são os belgas, por isso, por que se afastam muitíssimo da cultura e da humanidade da nossa província, muito pouco frequentemente os mercadores se dirigem a eles e importam pouco aquelas coisas, que são próprias para efeminar os ânimos, também são próximos dos germanos, que vivem além do Reno, com os quais frequentemente entram em guerra. Por esta mesma razão os helvécios precedem os demais gauleses em valor, pois quase todos quotidianamente se medem em combate com os germanos, quando ou os repelem das suas fronteiras ou nas fronteiras deles mesmos conduzem a guerra. Uma parte deles, a qual se disse pertencer aos gauleses, tem o início no rio Ródano, é contida pelo rio Garona, e o Oceano, as fronteiras dos belgas, atingem de certo pelos séquanos e helvécios o rio Reno, vira-se para o norte. Os belgas se originam das fronteiras extremas da Gália, se estendem até a parte inferior do rio Reno, voltam-se para o norte e para o sol nascente. A Aquitânia se estende do rio Garona aos montes Pirineus e aquela parte do Oceano, que se chega à Espanha, volta-se para o sol poente e para o norte.

Este famoso capítulo dos *Commentarii* ilustra exemplarmente o percurso cognitivo no texto, este é tão forte que é sempre notável o caráter etnográfico da obra como um todo. Tal percurso se caracteriza pela exposição constante de informações descritivas, isto é, que não evidenciam um personagem com um programa narrativo, logo não apresentam um percurso narrativo. Essas informações não são apenas dadas, mas compõem um todo “didático”. Com isto queremos dizer que há sim um enunciado de transformação mediando dois enunciados de estado — o que compõe a base de um esquema narrativo. O que temos é a aquisição de informações que geram conhecimento, que é o princípio tanto dos processos lógicos (silogismo) quanto retóricos (entimemas), daí o percurso didático, o que guarda sem dúvida traços persuasivos, pois parte do gênero demonstrativo de retórica. Este trecho não é isolado, mas é representativo do caráter didático desta obra. Um dos objetivos do narrador.

II, 35.

His rebus gestis omni Gallia pacata tanta huius belli ad barbaros opinio perlata est, uti ab iis nationibus, quae trans Rhenum incolerent, legati ad Caesarem mitterentur, qui se obsides daturas, imperata facturas pollicerentur. Quas legationes Caesar, quod in Italiam Illyricumque properabat, initio proximae aestatis ad se reuerti iussit. Ipse in Carnutes, Andes, Turonos quaeque ciuitates propinquae his locis erant, ubi bellum gesserat, legionibus in hiberna deductis in Italiam profectus est. Ob easque res ex litteris Caesaris dies quindecim supplicatio decreta est, quod ante id tempus accidit nulli.

Feitos estes combates, toda a Gália pacificada, tão estendida foi a notícia desta guerra pelos bárbaros, que daquelas nações, que estão além do Reno, embaixadores foram mandados a César, os quais se comprometeram a dar reféns e a executar o que fosse mandado. César, porque tinha pressa de ir à Itália e ao Ilírico, mandou estas embaixadas voltarem a si no início do próximo verão. Ele rumou para a Itália deixando as legiões em quartéis de inverno nos carnutes, andes e turonos que eram cidades próximas a esses lugares onde se deu a guerra. Por causa desses mesmos feitos, a partir das cartas de César, quinze dias de suplicas públicas foram decretados, o que antes deste tempo acontecera a ninguém.

Este capítulo se dedica exclusivamente ao resultado da campanha contra os belgas de 57 a.C., cujo valor é mostrado na narração e não na avaliação do narrador. Tomando como base o resultado da ação do personagem César, temos aí a sanção de seu programa. Destacamos o uso da

palavra “*pacata*”; *pax* e seu derivado sempre serão resultados das batalhas de César, que claramente aparecerá como um dos objetivos do personagem, outro objetivo, alcançado, também aparece: o temor dos outros povos em relação a Roma. Este temor é um claro objetivo das campanhas e sempre é algo positivo dentro dos princípios políticos defendidos na obra. Por fim, temos uma fase de sanção explícita, a aprovação, com ênfase em “*quod ante id tempus accidit nulli*”, pelo Senado das ações do personagem. Assim a paz, a segurança de Roma e a aprovação do Senado são mostradas como objetivos do personagem. Destacamos assim como o narrador faz para compor a imagem desejada de César, sem uso de recursos do demonstrativo: o personagem é valorizado por suas ações e resultados.

IV, 16.

Germanico bello confecto multis de causis Caesar statuit sibi Rhenum esse transeundum. Quarum illa fuit iustissima quod, cum uideret Germanos tam facile impelli ut in Galliam uenirent, suis quoque rebus eos timere uoluit, cum intellegerent et posse et audere populi Romani exercitum Rhenum transire. Accessit etiam quod illa pars equitatus Usipetum et Tenctherorum, quam supra commemorauit praedandi frumentandique causa Mosam transisse neque proelio interfuisse, post fugam suorum se trans Rhenum in fines Sugambrorum receperat seque cum his coniunxerat. Ad quos cum Caesar nuntios misisset, qui postularent eos, qui sibi Galliaeque bellum intulissent, sibi dederent, responderunt: populi Romani imperium Rhenum finire; si se inuito Germanos in Galliam transire non aequum existimaret, cur sui quicquam esse imperii aut potestatis trans Rhenum postularet? Ubi autem, qui uni ex Transrhenanis ad Caesarem legatos miserant, amicitiam fecerant, obsides dederant, magnopere orabant ut sibi auxilium ferret, quod grauiter ab Suebis premerentur; uel si id facere occupationibus rei publicae prohiberetur, exercitum modo Rhenum transportaret; id sibi <ad>auxilium spemque reliqui temporis satis futurum. Tantum esse nomen apud eos atque opinionem exercitus Romani Ariouisto pulso et hoc nouissimo proelio facto etiam ad ultimas Germanorum nationes, uti opinione et amicitia populi Romani tuti esse possint. Nauium magnam copiam ad transportandum exercitum pollicebantur

Concluída a guerra germânica, César decidiu que devia cruzar o Reno por muitos motivos: das quais esta foi a mais justa que, como visse que os germanos tão facilmente eram impelidos a entrarem na Gália, quis que eles temessem também por suas terras, para que compreendessem que o exército do povo romano não só podia como ousava cruzar o Reno. Acrescentou também que aquela parte

da cavalaria dos usipetes e tencteres, que acima comentamos, cruzara o Mosa para saquear e forragear e não participara da batalha e, depois da fuga dos seus, ficara além do Reno nas fronteiras dos sugambros, com quem se juntaram. Como César mandasse-lhes mensageiros ordenando-os que entregassem aqueles que contra si e contra a Gália fizeram guerra, responderam: o império do povo romano termina no Reno, se ele não julgava justo os germanos atravessarem para a Gália contra sua vontade, como postulava ter qualquer império ou poder além do Reno? Os úbios, entretanto, que foram os únicos dos transrenanos que enviaram embaixadores a César, para que fizessem amizade, e deram reféns, pediam com grande empenho que a eles levasse auxílio, pois gravemente eram oprimidos pelos suevos; ou se fosse proibido de fazer isto pelas ocupações da república, que pelo mesmo transportasse o exército pelo Reno; isto a si já seria auxílio e bastante esperança para o tempo futuro. Tamanho é o nome e o conceito do exército romano, depois de expulso Ariovisto e desta novíssima batalha, junto a eles e até as últimas nações dos germanos, que poderiam estar seguros com o conceito e a amizade do povo romano. Prometiam grande provisão de navios para transportar o exército.

Neste trecho, o narrador explicita os motivos do personagem. Tal procedimento é comum na historiografia, pois busca intensificar a clareza. Esta explicação aparece acompanhada de um tom moral em “*illa fuit iustissima quod...*”, onde o narrador faz a sua avaliação e a justifica, moralizando assim, as ações do personagem. O princípio de incitar o temor dos outros povos em relação a Roma é retomado e explicado em IV, 16, 1. E é reafirmado em IV, 16, 7, desta vez pelo testemunho dos próprios bárbaros. Este procedimento de colocar o elogio na fala do outro mostra a intenção de confirmar a justificativa dada, antes por uma argumentação, por meio de um *exemplum*. Há também, em IV, 16, 4, espaço dado à voz do oponente, o discurso é mostrado em sua coerência e não recebe refutação formal. Fato comum nos *Commentarii* é que os atos dos oponentes sejam logicamente justificados e aceitáveis, a resposta de César geralmente é justificada não por um argumento, mas pela evidência: neste caso o apelo dos úbios. César assim parece ser movido não apenas pelo que ele considera melhor para Roma, mas por fatos imperiosos que prescindiriam de justificação: o valor da prestação do auxílio é algo tido como aceito pelo leitor.

Nestes exemplos vemos como o narrador faz de César um herói histórico identificando-o, no decorrer da obra, com os valores romanos. Compõe assim seu percurso como um processo retórico, onde por meio da *narratio* — apelando para o *logos* — faz o seu elogio ao personagem. Ele inclui assim “o demonstrativo no coração do narrativo”.

3.2. Descrição

3.2.1. Nível discursivo

Vimos anteriormente como os conceitos de *fides historica* e mimesis se opõem no tocante à presença do narrador. Quanto ao estilo, entretanto, temos uma aproximação que denuncia as relações entre a poética e a retórica; partindo do fato de que a primeira busca o fingimento e a segunda a verdade, essa proximidade gera uma problemática com relação ao texto: como se pode garantir o *ornatus* sem ferir a verdade? Este problema está na base da retórica antiga e fundamenta a diferenciação conceitual entre os historiadores antigos e modernos.

No tocante à descrição nos parece que há consciência da baixa permeabilidade da linguagem, que justifica a parcialidade diante do fato histórico. A expressão da opinião, não apenas é tolerada como esperada. Isto nos leva a um raciocínio que rompe com as fronteiras entre o subjetivo e o objetivo. Os homens, dentro da ética-estética clássica, participam de uma verdade que os transcende, uma verdade imóvel, partindo do princípio aristotélico. Não há a declaração de uma consciência separada das coisas.

Se a retórica é um processo de emergência da verdade⁶¹, uma verdade não-apodídica, e pelo fato histórico se enquadrar neste tipo de verdade, o trabalho do historiador para relatar a verdade passa por processos retóricos. O fato histórico, por ser um ato humano, não podia ser relatado de outro modo. A história não se presta a tautologias. Segundo Humberto Eco:

A retórica clássica se considerava uma arte (e uma ciência) da persuasão. A persuasão não era considerada um artifício culpável e era socialmente orientada: constituía uma forma de raciocínio que não partia de *primeiros princípios* incontestados (como os princípios de identidade, não-contradição e terceiro excluído) e não procedia por *silogismos apodícticos*. Tratava, como por sua vez a dialética, com **PREMISSAS PROVÁVEIS** abertas à discussão e à refutação; salvo que, enquanto a dialética devia derivar de tais premissas conclusões racionalmente aceitáveis, a retórica articulava seus próprios silogismos ou **ENTIMEMAS**, para mover pragmática e emocionalmente o destinatário. (grifos do autor)⁶²

⁶¹ Segundo Aristóteles.

⁶² Eco (SD), p. 234.

Assim, somente por meio de entimemas a história pode ser contada. A verdade histórica é uma construção retórica. O relato clássico está totalmente isento da pretensão fotográfica dos relatos modernos. Afastada essa pretensão é justificada uma precisa atenção para os esquemas figurativos utilizados no discurso historiográfico. Sabe-se que sob estas estruturas há uma estrutura temática que leva à transmissão de uma mensagem, que se quer verdadeira. Na *historia ornata*, há a intenção explícita: os *exempla* conduzem à explicação e à exaltação das *uirtutes*. O trabalho do historiador serve para prover estes *exempla*. O poder de fazer-creer do orador, e, por conseguinte do historiador, tem uma função social, já que muitas vezes a verdade não é evidente. Afastada a imparcialidade, todos os recursos descritivos são orientados para o fim moralizante de evidenciar a verdade.

3.2.1.1. Mímesis e semiose

Dada essa orientação, a preocupação do orador é: como tornar a verdade não-evidente, verificável; e a preocupação do historiador é: como tornar o fato verdadeiro verossímil. Aristóteles diz: “No que diz respeito à poesia, deve-se preferir o impossível crível ao possível incrível.”⁶³. A história trata, contudo, do acontecido real que eventualmente pode ser incrível. Sabemos que as narrativas étnicas se propagam impondo seu sistema de veridicção ao senso comum das gerações. As narrativas históricas, ao depreenderem-se do mito, já nasceram dentro de um esquema de veridicção. Aqui estamos tratando apenas da verdade discursiva, aquela que pode ser transmitida em um juízo, e a história fornece apenas juízos refutáveis. Assim a verossimilhança deve ser uma preocupação constante do historiador, para tanto ele se utiliza de recursos poéticos.

A esquematização da história em um percurso narrativo e a composição dos personagens pelos seus programas já foram citados como processos habituais. Além do nível semionarrativo, no nível da descrição, os recursos poéticos também se apresentam. É neste nível que aparecerão recursos para tornar a verdade histórica mais verossímil. É preciso criar esquemas figurativos e temáticos que possam, por sua coerência, conduzir ao processo de veridicção esperado, isto é a moral que se quer dar à história. Esses esquemas consistem nas isotopias:

É de fato essa dimensão que o conceito de *isotopia* tenta apreender. Apoiando-se de início na análise sêmica, a isotopia designa a

⁶³ Aristóteles, *Arte Poética*, XXVI, 27.

iteração de semas ao longo de uma cadeia sintagmática. Essa iteração, que é a dos elementos de significação e não das palavras, das figuras e não dos signos, assegura a coesão semântica e a homogeneidade do discurso enunciado. Se nos lembrarmos da distinção inicial feita pela semântica estrutural entre núcleo sêmico e classema (ou sema contextual), compreenderemos facilmente que a iteração de um classema componente de pelo menos dois sememas de um sintagma já basta para estabelecer uma isotopia mínima: é o caso, por exemplo, do classema /canilidade/ em "o cão late", por oposição aos enunciados não-isotópicos "*o gato late" ou "*a nuvem mia".

Assim, se considerarmos, com os gramáticos, que as grandes regras de coerência textual se apóiam na *repetição* e na *progressão*, a isotopia aparece propriamente como um dos instrumentos de tais regras: ela assegura a repetição, pela recorrência, dos elementos semânticos que se repetem de uma frase a outra, garantindo a continuidade figurativa e temática do texto (especialmente por meio dos termos de retomada, as anáforas pronominais e nominais). Provê também a progressão, ou seja, o aporte de informações novas por sobre o fundo de continuidade ao longo dos enunciados, quando os traços semânticos são selecionados, assumidos e desenvolvidos na alternância e encadeamento dos "temas" e "comentários".⁶⁴

3.2.1.2. Figuras e temas: as isotopias

As figuras de retórica — metáfora, comparação e metonímia à frente — estão baseadas, como se sabe, no duplo sentido. Instalam a coexistência tensa e eventualmente competitiva de dois ou vários planos de significação simultaneamente oferecidos à interpretação. Podem, portanto, ser compreendidas como conectores de isotopias, que introduzem uma isotopia inicial (por exemplo, o comparado) no campo de atração de uma segunda isotopia (por exemplo, o comparante), abrindo essa significação inicial para um novo universo de sentido, e instalando assim duas leituras coexistentes e parcialmente concorrentes de uma mesma significação.⁶⁵

Os processos figurativos estavam claramente divididos em dois tipos, na antiguidade. Segundo Aristóteles:

A qualidade principal da elocução poética consiste na clareza, mas sem trivialidades. Obtém-se a clareza máxima pelo emprego das palavras da linguagem corrente, mas à custa da elevação. Exemplo deste último estilo é a poesia de Cleofonte e de Esténelo. A

⁶⁴ Bertrand (2000), p. 186-7

⁶⁵ Bertrand (2000), p. 189

elocução mantém-se nobre e evita a vulgaridade, usando vocábulos peregrinos (chamo peregrinos os termos dialetais), a metáfora, os alongamentos, em suma tudo o que se afasta da linguagem corrente.⁶⁶

De um lado temos, a clareza, a trivialidade e a vulgaridade: elementos da “língua corrente” do outro temos a nobreza e a elevação, resultado de uma linguagem “elevada”. Assim os tropos, os barbarismos — e também os arcaísmos, e as figuras de som — eram os principais artifícios de estilo na poética antiga.

Como vimos, o texto dos *Commentarii* parte de uma tradição não-literária, os relatórios militares, em direção a um tipo de texto literário, a história. A expressão de Cícero: “*nudi, recti*”, já denuncia que a obra mantém uma ligação com a linguagem “trivial” maior do que com a linguagem “elevada”, e é apesar disso, que o valor literário se afirma. Veremos no exemplo como as noções de “trivialidade e clareza” se apresentam no texto, que trata do momento decisivo da Guerra Gálica, a última fase da Batalha de Alésia:

VII, 84-88

*Vercingetorix ex arce Alesiae suos conspicatus ex oppido e-
greditur; a castris longurios, musculos, falces reliquaue quae e-
ruptionis causa parauerat profert. Pugnatur uno tempore omnibus
locis atque omnia temptantur; quae minime uisa pars firma est, huc
concurritur. Romanorum manus tantis munitionibus distinctur nec
facile pluribus locis occurrit. Multum ad terrendos nostros ualet
clamor qui post tergum pugnantibus existit, quod suum periculum
in aliena uident uirtute constare; omnia enim plerumque, quae ab-
sunt, uehementius hominum mentes perturbant.*

*Caesar idoneum locum nactus quid quaque in parte geratur
cognoscit; laborantibus submittit. Utrisque ad animum occurrit
unum esse illud tempus, quo maxime contendere conueniat: Galli nisi
perfregerint munitiones, de omni salute desperant; Romani si rem
obtinuerint, finem laborum omnium exspectant. Maxime ad supe-
riores munitiones laboratur, quo Vercassiuellaunum missum de-
monstrauimus. Iniquum loci ad decliuitatem fastigium magnum ha-
bet momentum. Alii tela coniciunt, alii testudine facta subeunt; de-
fatigatis inuicem integri succedunt. Agger ab uniuersis in muni-
tionem coniectus et ascensum dat Gallis et ea, quae in terra occul-*

⁶⁶ Aristóteles, *Arte Poética*, XXII, 1-3, mas todo o capítulo trata do tema.

tauerant Romani, contegit; nec iam arma nostris nec uires suppetunt.

His rebus cognitis Caesar Labienum cum cohortibus sex subsidio laborantibus mittit; imperat, si sustinere non possit, deductis cohortibus eruptione pugnet; id nisi necessario ne faciat. ipse adit reliquos, cohortatur ne labori succumbant; omnium superiorum dimicationum fructum in eo die atque hora docet consistere. Interiors desperatis campestribus locis propter magnitudinem munitionum loca praerupta ex ascensu temptant; huc ea quae parauerant conferunt. Multitudine telorum ex turribus propugnantes deturbant, aggere et cratibus fossas explent, falcibus uallum ac loriam rescindunt.

Mittit primum Brutum adulescentem cum cohortibus Caesar, post cum aliis C. Fabium legatum; postremo ipse, cum uehementius pugnaretur, integros subsidio adducit. Restituto proelio ac repulsis hostibus eo quo Labienum miserat contendit; cohortes III ex proximo castello deducit, equitum partem se sequi, partem circumire exteriores munitiones et a tergo hostes adoriri iubet. Labienus postquam neque aggeres neque fossae uim hostium sustinere poterant, coactis una de XL cohortibus, quas ex proximis praesidiis deductas fors obtulit, Caesarem per nuntios facit certiolem, quid faciendum existimet.

Accelerat Caesar, ut proelio intersit. Eius aduentu ex colore uestitus cognito, quo insigni in proeliis uti consuerat, turmisque equitum et cohortibus uisis quas se sequi iusserat, ut de locis superioribus haec decliua et deuexa cernebantur, hostes proelium committunt. Utrunque clamore sublato excipit rursus ex uallo atque omnibus munitionibus clamor. Nostri omissis pilis gladiis rem gerunt. Repente post tergum equitatus cernitur; cohortes aliae adpropinquant. Hostes terga uertunt; fugientibus equites occurrunt. Fit magna caedes. Sedullus dux et princeps Lemouicum occiditur; Vercassiuellaunus Aruernus uiuus in fuga comprehenditur; signa militaria LXXIII ad Caesarem referuntur; pauci ex tanto numero incolumes se in castra recipiunt. Conspicati ex oppido caedem et fugam suorum desperata salute copias a munitionibus reducant. Fit protinus hac re audita ex castris Gallorum fuga. Quod nisi crebris subsidiis ac totius diei labore milites essent defessi, omnes hostium copiae deleri potuissent. De media nocte missus equitatus nouissimum agmen consequitur; magnus numerus capitur atque interficitur, reliqui ex fuga in ciuitates discedunt.

Vercingetórix, aos ver seus companheiros, sai da cidadela de Alésia; traz da fortaleza, lanças compridas, mantas de guerra, foices e outras coisas que preparara para a sortida. Ao mesmo tempo em

todos os lugares combate-se e tenta-se de tudo; se alguma parte parece menos firme, para lá se corre. As tropas romanas distendidas por tantas guarnições não corre facilmente a tantos lugares. Muito vale para aterrar os nossos o clamor que se ergue das lutas atrás de suas costas, pois vêm o seu perigo depender do valor alheio; pois, de fato, normalmente tudo que não se pode ver perturba mais fortemente as mentes dos homens.

César, que encontrou um lugar vantajoso, percebe o que se passa em cada parte; e envia apoio aos que mais sofrem. Ocorre à mente de um e outro ser este o momento, em que convém esforçar-se o máximo: os gauleses, se não romperem as fortificações, perdem toda a esperança de salvação; os romanos, se a isto resistirem, esperam o fim de todas as dificuldades. Luta-se o máximo nas fortificações superiores, para onde dissemos que Vercassivelauno fora mandado. O declive acidentado do lugar traz grande dificuldade para a descida. Alguns arremessam as lanças, outros descem na formação de tartaruga, alternadamente descansados sucedem os fatigados. Os amontoados lançados de todas as partes sobre as fortificações tanto dão passagem aos gauleses, quanto cobrem o que os romanos esconderam na terra [as armadilhas], já não são suficientes nem as armas nem as forças dos nossos.

Tendo tomado ciência disto, César manda Labieno com seis coortes em apoio aos que passavam dificuldades; manda que, se não pudesse sustentar o ataque, retiradas as coortes, lutasse em sortida, mas que só fizesse isto se fosse necessário. Ele mesmo vai aos demais, exorta que não sucumbam às dificuldades, e mostra que neste dia e nesta hora resultava o fruto de todas as batalhas anteriores. Os da cidade, desacreditadas as áreas no campo, por causa da grandeza das fortificações, tentam as posições altas e para lá levam os seus aparatos. Derrubam com grande número de lanças os que lutavam nas torres, com entulho e grades enchem os fossos, com foices vazam a trincheira e os baluartes.

César manda primeiro o jovem Bruto com coortes, depois com outras o legado Cáio Fábio; por fim ele próprio, uma vez que se lutasse com mais intensidade, conduz tropas descansadas de reforço. Restabelecido o combate e repelidos os inimigos, dirige-se para onde mandara Labieno; retira quatro coortes do forte próximo e ordena que parte da cavalaria o siga e outra parte circunde as fortificações exteriores e aborde os inimigos pelas costas. Labieno, depois que nem os montes nem os fossos puderam deter a força dos inimigos, reúne trinta e nove coortes, as quais retirou ao acaso das guarnições próximas, e comunica a César por mensageiros o que julga que deve ser feito.

César se apressa para ingressar na batalha. Conhecida a sua vinda pela cor do traje que costumava usar nas batalhas como insígnia, e vistas as turmas de cavalaria e as coortes que mandara segui-lo, pois dos locais superiores percebia-se este declive e a descida, os inimigos começam o ataque. Levantado o clamor de uma e outra parte, ergue-se também o clamor da trincheira e de todas as fortificações. Os nossos, largados os pilos, avançam com os gládios. De repente, é vista a cavalaria pelas costas; outras coortes se aproximam; os inimigos voltam as costas; os cavaleiros perseguem os que fogem. Faz-se grande matança. Sedulo, chefe e comandante dos lemovices é morto. O arverno Vercassivelauno é capturado vivo na fuga; setenta e quatro signas militares são entregues a César; poucos de tão grande número de inimigos se recolhem incólumes no acampamento. Os da cidade depois de verem a matança e fuga dos seus, sem esperança de salvação, retiram suas tropas das nossas fortificações. Ouvido isto, logo se dá a fuga dos acampamentos gauleses. Pois se não estivessem cansados os soldados dos frequentes reforços e do trabalho de todo o dia, todas as tropas dos inimigos poderiam ter sido mortas. A cavalaria enviada no meio da noite segue a última tropa; grande número é capturado e morto, os remanescentes da fuga se abrigam em suas cidades.

Pelo estudo das isotopias figurativas e temáticas e da relação entre elas, podemos chegar a uma poética da descrição, uma poética que define os processos semânticos a nível textual. Basicamente percebemos isto analisando o percurso cognitivo do narrador que é o que define o observador. Vimos já as características do observador nesta obra: a reelaboração posterior da cena narrada com base em relatos fragmentados — que identificamos como atitude típica do historiador, o princípio de tornar os fatos passados críveis e compreensíveis em toda sua importância orienta sua poética.

No plano espaço-temporal, temos um enfraquecimento dessas categorias por causa da preponderância do plano actancial. Assim, tempo e espaço são descritos apenas em função da ação, o tempo do texto é o tempo da batalha e o espaço é o espaço da batalha. As referências temporais se resumem a antes e depois de determinada ação, por se tratar de um percurso altamente dinâmico, cuja causalidade é enfatizada. Os indicadores temporais aparecem primordialmente no tempo dos verbos, particularmente no uso do particípio passado e do tempo mais-que-perfeito, por exemplo, em VII, 84: “*suos conspicatus*” e “*parauerat*”; em VII, 85: “*idoneum locum nactus*”; em VII 86: “*his rebus cognitis*”, “*desperatis*” e “*parauerant*”; em VII, 87: “*restituto proelio*”; e em VII, 88: “*Eius aduentu*” e “*conspicati caedem et fugam suorum desperata salute*”. Mesmo os

ablativos absolutos guardam primordialmente a noção temporal. Menos frequentemente aparecem indicadores temporais sempre referindo a antes, durante ou depois de certa ação, como em VII, 84: “*uno tempore*”; em VII, 85: “*esse illud tempus*”; em VII, 87: “*primum... post*”; e em VII, 88: “*postquam*” e “*de media nocte missus equitatus*”. Pela temporalidade estar em grande parte mostrada nos verbos, temos também fortes indicações aspectuais; assim, a relação entre o acabado e o inacabado é particularmente relevante e motiva a escolha estilística do tempo presente em vez do perfeito ou do imperfeito. Este uso do presente histórico pelo passado é típico para dar mais vivacidade à narração, e permite que os fatos, ordenados pela indicação da causalidade, possam ser vistos cada um com o mesmo distanciamento, a subversão da perspectiva temporal põe-nos todos no mesmo plano.

A dimensão espacial da mesma forma está sempre relacionada com indicações dos actantes. As indicações de espaço são abundantes e retratam a grande mobilidade da batalha; descritas em seqüência, elas mostram os rápidos e constantes movimentos dos personagens. Essa indicação é feita muitas vezes por verbos de movimento, que são o principal indicativo espacial do trecho, como em VII, 84: “*egreditur*”, “*cuncurratur*”, “*occurrit*”, “*distinetur*” e “*absunt*”; em VII, 85: “*submitit*”; em VII 86: “*mittit*”, “*si sustinere*” “*deductis*”, “*adit*”, “*conferunt*” e “*deturbant*”; em VII, 87: “*Mittit*” “*adducit*” “*miserat*”, “*contendit*”, “*deducit*”, “*adoriri*”, “*sustinere*”, “*coactis*” e “*deductas*”, “*obtulit*”; e em VII, 88: “*intersit*”, “*aduentu*”, “*se sequi*”, “*gerunt*”, “*adpropinquant*”, “*terga uertunt*”, “*fugientibus*”, “*discedunt*”, “*comprehenditur*”, “*referuntur*”, “*recipiunt*”, “*missus*”, “*consequitur*” e “*occurrunt*”. Todos estes verbos caregam algum sentido, mesmo que não seja este o escolhido no texto, que caracterizam suas ações por deslocamentos. Aparecem também muitos adjuntos adverbiais, ou de posição ou indicando lugares específicos, como em VII, 84: “*ex arce Alesiae*”, “*ex oppido*”, “*omnibus locis*”, “*pars*”, “*huc*”, “*tantis munitionibus*”, “*post tergum*” e “*pluribus locis*”; em VII, 85: “*idoneum locum*”, “*quaque in parte*”, “*ad superiores munitiones*”, “*Iniquum loci*”, “*in munitionem*”, “*ascensum*” e “*in terra*”; em VII 86: “*eruptione*”, “*campestribus locis*”, “*magnitudinem munitionum*”, “*loca praerupta*” e “*huc*”; em VII, 87: “*a tergo*” e “*ex proximis praesidiis*”; e em VII, 88: “*de locis superioribus*”, “*ex uallo atque omnibus munitionibus*”, “*post tergum*”, “*in fuga*”, “*in castra*”, “*ex oppido*”, “*a munitionibus*”, “*ex castris Gallorum*”, e “*ex fuga in ciuitates*”. Estas indicações permitem perceber o alto dinamismo das ações, uma vez que quase todos os verbos e adjuntos adverbiais são de movimento.

No plano actancial, temos o domínio do personagem *Caesar* da cena narrativa; alguns outros personagens são nomeados como adjuvantes: *Labienus*, *Brutus* e *C. Fabius*, e outros como opositores: *Vercingetorix*, *Vercassiuellaunus* e *Sedullus*. Nenhum adjetivo é usado para nenhum deles; apenas César, Vercingetórix e Labieno são sujeitos de verbos, os demais aparecem apenas em outras funções. Certo destaque é dado aos personagens coletivos, como “*Romani*” e “*Galli*”, os mais freqüentes. Estes são geralmente citados por adjetivos e pronomes, para os romanos são: “*nostrî*”, “*Romanorum manus*”, “*milites*”, “*equitatus*”, “*equitum*”, “*cohortibus*”, “*laborantibus*”, “*integros*”, cujos dois primeiros são referenciais diferenciais, para os opor aos gauleses, os seguintes são denominações de unidades, destaque para o fato de que somente os romanos são chamados de “*milites*” e os dois últimos adjetivos meramente ocasionais; os gauleses são: “*suos*”, “*hostes*”, “*copias suorum*”, “*interiores*”, sendo que os três primeiros são diferenciais e o último ocasional. Isto indica uma tendência de descrição por diferenciação, na qual os personagens são descritos apenas por sua distinção. Isto é, a citação nominal, para os personagens individualizados, ou a indicação do “lado” para os coletivos. De resto toda a descrição se dá pelas ações.

Devido à ausência de adjetivações e à abundância de referências de movimento, o que temos é uma descrição altamente dinâmica. Há três tipos de predicados: verbos causativos, cujos sujeitos são os líderes citados nominalmente; verbos de movimento, que são a maioria e descrevem os movimentos da batalha; e verbos transitivos, sempre presos ao eixo semântico ataque-defesa. Importante notar que é pela ação de César, VII, 87, que os romanos passam da postura defensiva para a ofensiva. Não há aqui, referências ao valor guerreiro que mostrem o soldado romano melhor que o gaulês; sendo assim, o mérito da se deve à agilidade e precisão no comando de César, que distribui as tropas, exorta-as a resistirem com firmeza, planeja e conduz pessoalmente o ataque. Os percursos actanciais acabam por fazer o elogio sem a necessidade de qualificativos.

Quase não há uso de metáforas ou metonímias, e quando aparecem, têm geralmente, pouco peso semântico por serem usos canonizados na língua e guardarem pouca possibilidade de ambigüidade. Temos por exemplo “*romanorum manus*”, que se refere tanto às tropas romanas, numa concepção de mão como meio da força, quanto à mão propriamente dita, pois que se combatia com as armas nas mãos. E também “*terga uertunt*” que significa a recuar simplesmente e também eventualmente ao fato de o inimigo virar-se de costas para recuar. Ainda que a narrativa seja es-

sencialmente dinâmica, não há metáforas e metonímias espaço-temporais, porque as ações são sempre concretas. Não há com o que e nem necessidade de haver comparação. A descida de uma colina é descrita ao pé da letra, pois é apenas isso que se quer informar: que naquele momento as tropas desceram a colina. Aqui vimos o sentido das palavras de Cícero: “nus, diretos e belos,”; o narrador descreve a cena de modo que todo artifício suplementar pareça supérfluo e indesejável, e faz crer que, sabendo que as tropas desceram a colina, nenhuma informação adicional seja necessária.

Esta análise permite compreender, na perspectiva da obra como um todo, o estilo de César. Uma descrição por predicados verbais e não nominais. A ênfase nas ações concretas, a fraca adjetivação e o pouco uso de figuras de linguagem implicam numa aceção sobre o motivo da guerra. A princípio, a Guerra Gálica é considerada diferente das outras pela sua importância, esse é o motivo da sua narração. Essa importância se deve aos seguintes fatores: dificuldade, os povos combatidos são elogiados em seu valor, são descritos como valorosos — sempre se referem ao “antigo valor guerreiro”, dignos — porque visam à liberdade, e são sempre muito numerosos; valor político, esta guerra envolve um grande número de povos e todos muito numerosos, o espólio das batalhas é o maior bem já conquistado, superando as vitórias no Oriente. Isto se percebe pela descrição dos povos e das conseqüências vantajosas das vitórias.

A partir daí, temos uma descrição objetiva da guerra. A guerra é vista como um movimento mutuamente resistido pelos dois contingentes. A força e o direcionamento desse movimento definem quem prevalece. Assim, ressalta-se, sobretudo, a *gerência* desses contingentes, e sua capacidade de manipulá-lo, dividindo e reunindo, compactando e distendendo, manobrando e encastelando essas forças. Essa definição remete claramente a um modo de imaginar a guerra tipicamente romano, o que se observa na organização de seu exército. A ordem geométrica das tropas, organizadas em manípulos que se agrupam em coortes, as quais podem ser movidas e combinadas de acordo com a necessidade da ocasião; a disciplina que torna os soldados uma massa impessoal, constante e previsível, que pode ser manobrada pelo chefe de modo a cumprir o seu dever específico, enquanto este se preocupa com a batalha como um todo; e a capacidade dele de visão estratégica na gestão tanto dos recursos humanos quanto do uso em seu favor dos recursos naturais de tempo e espaço, o que lhe permite planejamentos e a previsão do desempenho da tropa.

Esse é o modelo de exército profissional e de guerra “científica” com o qual Roma inovou e que até hoje inspira os exércitos modernos. César funda uma nova narrativa de guerra e também registra uma noção de guerra, esta derivada de uma particular noção sobre o homem e o estado. Noções estas que tiveram grande permanência no ocidente celebrizando a visão de mundo do famoso Júlio César.

3.2.2. Impressão referencial e o *ornatus*

Aristóteles afirma: “Se, em vez destes vocábulos estranhos, das metáforas e de outras figuras de palavras, usarmos palavras correntes, ver-se-á que dizemos a verdade”⁶⁷. A oposição entre língua corrente e língua elevada, gera conseqüências no processo de veridicção, a verossimilhança tende para a expressão mais vulgar. Assim a linguagem que enfatiza a impressão referencial, como a escrita “fotográfica” do realismo, seria preferível na escrita da história. Isto é particularmente válido quando se busca descrever os caracteres, deixando para o leitor o julgamento sobre eles. No entanto, como já vimos, a compreensão da verdade é algo problemático, e sua apreensão era assunto da dialética e da retórica.

Assim, os processos retóricos, que em Roma podemos definir pela noção ciceroniana de *ornatus*, participavam da composição da verdade no discurso. Uma *verdade elaborada*, pois que não era de imediato evidente e inegável. A história buscava mais do que uma impressão “sensorial” dos fatos, mas uma noção global do acontecimento, a qual inclui em seu fundamento os recursos retóricos do *ethos*, do *pathos* e do *logos*. Esses elementos são essenciais na retórica e compõem, em última análise, o *ornatus*. Sem eles a história estaria desprovida do devido tratamento e os fatos perderiam sua proporção. O *ornatus* tem função profundamente ética, isto é, compõe uma verdade ética e não puramente lógica. Os fatos narrados, verdadeiros ou não, só têm valor enquanto apresentam um conteúdo ético. Assim, a história tem, como o mito, função de *exemplum*. E é por sua utilidade, numa perspectiva retórica, que se define o seu estilo.

A função do *ornatus* era tornar a verdade mais verossímil, mais compreensível e, por conseguinte, mais útil. Utilidade e virtude são valores que condicionam a verdade. Logo, aquele que lida com ela, o *orator*, deve conhecê-la, no plano ciceroniano, por meio da filosofia e da história. O historiador tem, então, o poder de ditar a verdade, tendo apenas que se conter nos limites dos

⁶⁷ Aristóteles, *Arte Poética*, XXII, 13

costumes morais, no caso o *mos maiorum*, e poderá impor a sua visão moral ao fato. Ele deve se guiar pela *fides historica*, mas sempre conserva um espaço de manobra onde pode fazer a sua propaganda. Salústio é um autor que explicitamente faz de seu relato histórico um panfleto com uma proposta moralizante. César tem objetivos políticos diretos: ele quer a glória para superar a *dignitas* de Pompeu. A vitória pura e simples é insuficiente sem o devido relato. Feito o primeiro ato, a guerra, resta a glorificação, e César não deixou para outros a tarefa de se elogiar. Ele se revelou também um grande escritor e teve assim a oportunidade de garantir que a sua visão dos fatos seria a consagrada, com poucas chances de ser refutado no que dissesse; ele literalmente criou as Guerras Gálicas. Veremos um exemplo do texto:

I, 38.

Cum tridui uiam processisset, nuntiatum est ei Ariouistum cum suis omnibus copiis ad occupandum Vesontionem, quod est oppidum maximum Sequanorum, contendere triduique uiam a suis finibus processisse. Id ne accideret, magnopere sibi praecauendum Caesar existimabat. Namque omnium rerum, quae ad bellum usui erant, summa erat in eo oppido facultas, idque natura loci sic muniebatur, ut magnam ad ducendum bellum daret facultatem, propterea quod flumen Dubis ut circino circumductum paene totum oppidum cingit; reliquum spatium, quod est non amplius pedum <mille> sescentorum, qua flumen intermittit, mons continet magna altitudine, ita ut radices eius montis ex utraque parte ripae fluminis contingant. Hunc murus circumdatus arcem efficit et cum oppido coniungit. Huc Caesar magnis nocturnis diurnisque itineribus contendit occupatoque oppido ibi praesidium conlocat.

Como avançasse três jornadas, foi avisado sobre Ariovisto, que este com todas as suas tropas dirigia-se para ocupar Besançon, que é a maior cidade dos séquanos, e havia prosseguido três dias no caminho vindo das suas fronteiras. César julgava que devia a todo custo precaver-se de que isto não acontecesse. Pois que era grande a abundância nesta cidade de todas as coisas, que são usadas na guerra, e ela de tal modo era defendida pela natureza do local, que grande facilidade daria para conduzir a guerra, porque aquele rio chamado Dúbis, quase como um círculo completo, rodeia quase toda a cidade; o espaço restante, que não é maior que seiscentos mil pés, que se interpõe ao rio, contém um monte de grande altitude, mesmo assim, as bases deste monte, de um e outro lado chegam às margens do rio. Muralha que circunda o monte, converte-o em uma cidadela e está ligada à cidade. Para aqui, César, com grandes marchas noite e dia, se dirige e, ocupada a cidade, aí põe sua guarnição.

O capítulo se dedica quase totalmente à descrição da cidade, esta descrição, entretanto só é feita para justificar certas ações, constituindo, assim, o explicativo-argumentativo dentro do narrativo. Ainda que não seja uma perversão das convenções retóricas, essa “complicação” abre interessantes possibilidades de se observar os processos de veridicção nos *Commentarii*. Como já foi dito, o texto histórico busca uma verdade demonstrável sobre fatos que não podem ser inquestionáveis, assim ele se utiliza do princípio de aquisição da verdade da retórica, cujas deduções avançam por entimemas. Deixaremos de lado, a princípio, a possibilidade de o leitor *ir pessoalmente à cidade e verificar os dados apresentados*, ainda que a ratificação por outras fontes fosse algo que estivesse no horizonte do sujeito enunciador do discurso historiográfico. Queremos ver como o autor torna crível o que descreve. Primeiramente, observamos que a descrição é orientada para justificar uma ação: a ocupação da cidade por César. A justificativa está em: “*id ne accideret, magnopere sibi praecauendum Caesar existimabat*”. Este julgamento de César, entretanto, é justificado nas frases seguintes: I, 38, 3-6. A ação só é declarada na última frase: I, 38, 7. Assim, o narrador evidencia primeiro os motivos do personagem para depois descrever sua ação. Para uma aceitação dessa justificativa era fundamental descrever a cidade como um lugar que deveria a todo custo ser ocupado pelos romanos, não pelos germanos.

César descreve assim os elementos que fazem dela um local propício para a prática da guerra, dentro da tradicional maneira de se conduzi-la: abundância de recursos e localização propícia. A abundância é descrita por uma expressão generalizante: “*omnium rerum, quae ad bellum usui erant*”, essa expressão nada diz da natureza dessas coisas, deixando a compreensão apenas para aqueles que possam saber de antemão que coisas são úteis para a guerra, o centro semântico está então na quantidade das coisas “*facultas*”, e tal é a informação que o narrador se propõe dar, espécie e qualidade das coisas são omitidas. A localização propícia é descrita pelos aspectos físicos do local, são elementos concretos e sensíveis que a asseguram: o rio, o monte e a muralha. A associação destes ao campo semântico das “barreiras físicas” seria evidente mesmo que não tivesse sido expresso em “*natura loci sic muniebatur*”. O forte apelo ao concreto, contribui para a caracterização de um estilo “limpo e claro”, atribuído a César por Cícero. Esse estilo visa evitar ao máximo a possibilidade de ambigüidade na descrição do personagem e de suas ações e garantir que a sua visão descrita seja tomada como certa pelo leitor.

3.3. Narração

3.3.1. Nível semionarrativo

O nível semionarrativo do texto é aquele em que se aborda a estrutura actancial e modal. Isto se dá pela projeção das ações dos personagens sobre um esquema canônico, o esquema narrativo. É o feixe de ações, uma vez estruturado, que define este nível. Assim, observaremos quais programas narrativos os personagens desenvolvem e como eles interferem uns nos outros.

3.3.1.1. A sintaxe da Guerra Gálica

O fato de ter sido narrada nos permite analisar a Guerra Gálica nos termos da sintaxe narrativa; ocorre que, o processo de “tornar os fatos compreensíveis” implicava uma projeção da estrutura da fábula sobre o acontecimento real. Podemos aqui deixar de lado a problemática relativa à semiótica do “mundo natural”, apesar de isso ser uma questão para o historiador em sua visão do fato. Trataremos da sintaxe da guerra narrada, isto é, daquela que existe apenas no texto de César. A relação desta com a guerra “real” é um problema de veracidade e não de veridicção, e, portanto, não cabe à análise do texto.

Assim a história pode ser resumida em um percurso, no qual um personagem é privilegiado, o protagonista César⁶⁸. Ocorre que a obra trata dos conflitos entre os romanos e os gauleses. É neles que o personagem César emerge como líder e representante dos soldados romanos. O personagem é apresentado numa fusão com o conjunto de soldados; assim os atos do exército são atos de seu general. Esta fusão era já tradicional não só na literatura, nas expressões “vitórias do general tal”, mas também na estrutura do exército, vide a cerimônia do *triumphus*. Não somente ele, mas vários outros personagens têm essa dupla atuação: uma direta, nos discursos e diálogos, por exemplo; e outra causativa, em que age como destinador para a ação de outros personagens, alguns coletivos, como uma tropa ou um povo. Esse é o estatuto do tipo: como líder, ele pode:

- Agir diretamente, em relação ou a outros líderes ou a figuras importantes.
- Agir como destinador, isto porque ele está investido da autoridade que lhe permite usar predicados de fazer saber, fazer querer e fazer fazer. No texto esse segundo aspecto se manifesta de duas maneiras: na primeira considera-se o percurso do “comandado”, que é o sujeito efetivo da ação; na segunda temos uma “ação indireta”, o

⁶⁸ Ver definição de protagonista em 3.1.1.

líder tem a capacidade de tomar a autonomia do sujeito em relação à sua ação; este cai, então, na esfera do não-sujeito⁶⁹, um mero agente desprovido da assunção de seu ato, cuja responsabilidade cabe totalmente ao líder.

É ao redor dos tipos do líder e do agente que se estrutura a narrativa. Dentro do motivo “guerra”, os líderes freqüentemente assumirão e deixarão a ação de modo que o estado de sujeito ou não sujeito dos agentes seja variável:

3.3.2. Os personagens e seus programas narrativos

3.3.2.1 César: o programa narrativo de base

Tomando o percurso de César como base para toda a narrativa, temos já a análise de René Martin, o que levanta a questão do percurso real e do percurso aparente, ambos se desenvolvendo simultaneamente. No real temos o registro do narrador, e no aparente temos a realização do projeto do autor. Assim, temos que o percurso “ilusório” só é possível na medida em que o percurso do narrador é bem sucedido, quando se toma a narração como acabada. Ele se resumiria assim:

1. A emergência de um destinador: o povo e o Senado romano que transmite a *salus populi Romani* como objeto-valor ao sujeito; a este destinador se juntam os aliados dos romanos que constantemente lhe pedem ajuda de modo que a *salus* de seus aliados interfere na sua *salus*. E um anti-destinador, que transfere os valores de “vontade de reinar” (*regni cupiditate*), “desejo de liberdade” (*libertatis studio*) e que conduzem ao objeto “outros governos” (*nouis rebus*)⁷⁰ os anti-sujeitos, os gauleses e britânicos e germanos revoltosos.
2. O sujeito César se caracteriza por um percurso de atribuição e de preservação, ele busca devolver a *pax* aos povos da Gália e a *salus* ao povo romano, toda vez que revoltosos busquem a guerra⁷¹

O percurso do destinador se realiza em três momentos:

⁶⁹ Bertrand (2000), p. 64

⁷⁰ Ver I, 2, 1; III, 10, 3 e muitíssimas outras passagens.

⁷¹ É na configuração deste objetivo pacífico que se mostra a grandiosidade da “deformação histórica” operada na obra, dela trataremos na última parte desta dissertação.

A fase do contrato: é a relação entre destinador e sujeito, se dá em quatro etapas:

1. O fazer-saber: consiste nos requisitos cognitivos da ação do personagem, em como o destinador faz, por meio dos adjuvantes, César saber do que se passa.
2. O fazer-criar: é a etapa de verificação das informações obtidas.
3. O fazer-querer ou dever: neste personagem o querer e o dever estão propositalmente fundidos, é vontade do narrador que o dever e o querer de César sejam os mesmos; eles se manifestam nas suas deliberações.
4. Por fim o fazer poder: etapa em que César recebe os recursos necessários para cumprir sua tarefa; note-se que invariavelmente a captação desses recursos é possibilitada pela autoridade proconsular que o Senado investiu em César, configurando assim uma dívida do destinador.

A fase de desempenho: é onde o destinador se manifesta como adjuvante, César recebe ajuda de vários personagens devido, na maioria das vezes, à autoridade a ele dada.

Por fim a fase de sanção ocorre na descrição das vantagens trazidas pela vitória de César. Esta, em alguns momentos, ocorre de maneira explícita, na manifestação do Senado ou dos povos libertados contentes.

O percurso do sujeito ocorre em quatro etapas:

A fase de contrato consiste na manipulação dele pelo destinador. César é impelido por seus destinadores à ação.

A fase de competência, onde o sujeito busca os recursos para realizar sua resolução. Aqui, por tratar-se de um ato, canonicamente esquematizado, temos o detalhamento dos preparativos feitos a cada batalha.

A fase de desempenho, onde o sujeito se depara com o anti-sujeito, é o choque dos recursos, o de César e de seus antagonistas, e é também o momento em que outros personagens são convertidos em adjuvantes, subordinando seu programa narrativo ao do general. Como já citamos, César, pela sua condição de líder, pode tanto agir diretamente quanto por meio de agentes, que não se confundem com os adjuvantes. O primeiro está conjunto ao líder, integrado, compon-

do um único actante, enquanto que o segundo está apenas adjunto, mantém uma independência actancial, ainda que não sirva a um destinador próprio mas sim o do sujeito. Um mesmo personagem pode, entretanto, ser adjuvante ou agente, em diferentes ações dentro do percurso maior do líder. Mais abaixo detalharemos as diferenças entre essas duas posições actanciais.

Por último, a fase de reconhecimento une novamente o destinador e o sujeito no processo de sanção. César é recompensado pelos seus destinadores.

A fusão entre o percurso do protagonista e o plano geral da fábula cria uma forte identificação deste com o leitor. Este tipo de estrutura, comum em narrativas étnicas⁷², serve para apresentar heróis tipificados, aqui temos a figura do general-guerreiro, que já era uma figura-tipo da cultura romana. Temos, então, um artifício para identificar o personagem histórico com o tipo registrado na memória coletiva.

O percurso do destinador e sua caracterização nas fases de manipulação e sanção são particularmente importantes para o caráter “moralizante” da obra. O destinador caracteriza-se, em última instância, por um feixe de valores que ele transmite ao objeto. O dado fundamental do destinador é a sua autoridade, aqui expressamente a *auctoritas* do Senado, que emana sempre de um valor de larga aceitação, quando se pretende uma larga aceitação do programa narrativo e, por consequência, identificação com o sujeito — o personagem busca valores que os leitores defenderiam. César, o personagem, é sempre fiel à autoridade de seu destinador; os valores por estes defendidos são os valores tradicionais dos romanos. Assim se dá a auto-justificação e o auto-elogio.

VI, 1

Multis de causis Caesar maiorem Galliae motum exspectans per M. Silanum, C. Antistium Reginum, T. Sextium legatos dilectum habere instituit. Simul a Cn. Pompeio próconsule petit, quoniam ipse ad urbem cum imperio rei publicae causa remaneret, quos ex Cisalpina Gallia consulis sacramento rogasset, ad signa conuenire et ad se proficisci iuberet, magni interesse etiam in reliquum tempus ad opinionem Galliae existimans tantas uideri Italiae facultates, ut, si quid esset in bello detrimenti acceptum, non modo id

⁷² Na teoria da antropologia cultural, aquelas narrativas tradicionais que se inserem na memória coletiva de determinado povo e são transmitidas pela tradição oral.

breui tempore sarciri, sed etiam maioribus augeri copiis posset. Quod cum Pompeius et rei publicae et amicitiae tribuisset, celeriter confecto per suos dilectu tribus ante exactam hiemem et constitutis et adductis legionibus duplicatoque earum cohortium numero quas cum Q. Titurio amiserat, et celeritate et copiis docuit, quid populi Romani disciplina atque opes possent.

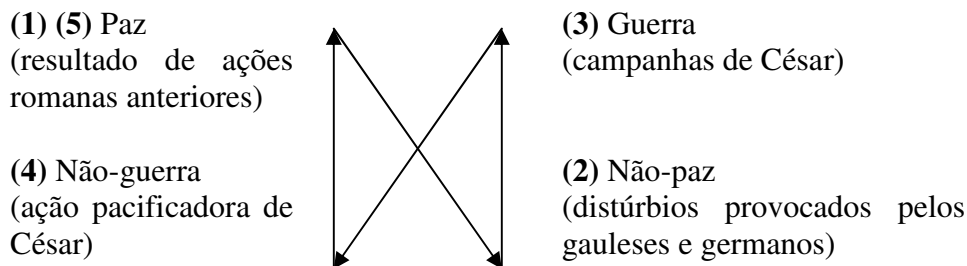
César, por muitas razões esperando haver maior agitação na Gália, resolve convocar tropas por meio dos legados Marco Silano, C. Antístio Regino e Tito Sexto. Ao mesmo tempo pede ao prócon-sul Gneu Pompeu, o qual, por causa do interesse público, ficara junto à Cidade com autoridade militar, que chamasse aqueles da Gália Cisalpina que estivessem sob o juramento do cônsul, juntasse as insígnias e os mandasse avançar para junto de si, julgando haver certamente grande interesse para a opinião da Gália no tempo futuro parecerem tamanhos os recursos da Itália, que, se houvesse uma perda em batalha, ainda assim isto em breve tempo seria reparado, e ainda se pudesse aumentar com maiores tropas. Então, como Pompeu respeitasse o interesse público e a amizade, rapidamente completado pelos seus o reforço com três, antes do fim do inverno as legiões foram reunidas e mandadas e duplicado o número de coortes das quais com Quinto Titúrio tinham sido perdidas. Mostrou-se, pela velocidade e pelos recursos, o que podem a disciplina e a riqueza do povo romano.

Este trecho permite observar paradigmaticamente o programa narrativo de César. Ele aqui descreve o esquema do percurso que irá seguir, percurso este que se insere no objetivo maior de pacificar a Gália e alcançar a *gloria*, mas que também se compõe de diversos percursos “de uso” no decorrer do livro VI. O que temos aqui é a primeira fase, a de manipulação, na qual o destinatador age sobre o sujeito e reveste o objeto de valor, o objeto, atualizado como objeto de busca, pela sua natureza já sugere que percursos o sujeito terá que desempenhar para alcançá-lo. O destinatador-destinatário é expresso por “*rei publicae*”, no entanto esse não é um ser que manipula o sujeito, mais precisamente, é em nome do qual o sujeito se justifica. Temos aqui uma amostra de como César é, em certos momentos, autocrata, o personagem destina a si mesmo, como denunciou René Martin. Ele dá o valor ao objeto “*existimans*”. Esse objeto é “*opinionem Galliae*” a impressão dos gauleses sobre os romanos, em vista da agitação eminente “*maiolem Galliae motum*”, o valor aí incluso é o da segurança de Roma “*salus Romae*”, que na verdade orienta todo o percurso da obra. Este objetivo é buscado pela mostra da “*celeritate et copiis docuit, quid populi Romani disciplina atque opes possent*”. E é para conseguir tal coisa que se dá o percurso de Cé-

sar: convocar as tropas. Esse feito simples mostra, pela sua motivação e pelos valores inseridos, o programa do personagem de forma paradigmática. Assim:

- (1) Estado: paz na Gália;
- (2) Mudança de estado: novas perturbações, início das guerras;
- (3) Estado: Guerra
- (4) Mudança de estado: ações de César, conclusão das guerras;
- (5) Estado: paz restabelecida.

Assim, via de regra, os conflitos são provocados pelos gauleses e resolvidos por César. Nos estados 1 e 5 temos a paz e no estado 3 temos a guerra. Podemos, assim, formar o quadrado semiótico:



O percurso do protagonista será visto com mais detalhes no próximo capítulo.

3.3.2.2. Os adjuvantes

Os adjuvantes de César são aqueles que inscrevem o próprio percurso dentro do programa do general, com dois tipos: os subordinados e os gauleses e germânicos simpatizantes. Eventualmente esses personagens correm o risco de perderem seus programas, isto é, a inserção é total, de modo que se reduzem a agentes dentro dos programas de César. Isto não se dá pela pura e simples hierarquização dos programas, mas pela função de tomada da autonomia pelo líder. Citaremos dois exemplos:

III, 17-19

Dum haec in Venetis geruntur, Q. Titurius Sabinus cum iis copiis, quas a Caesare acceperat, in fines Unellorum peruenit. His praeerat Viridoux ac summam imperii tenebat earum omnium ciuitatum, quae defecerant, ex quibus exercitum magnasque copias coegerat; atque his paucis diebus Aulerci Eburouices Lexouique se-

natu suo interfecto, quod auctores belli esse nolebant, portas clauserunt seseque cum Viridouice coniunxerunt. Magnaque praeterea multitudo undique ex Gallia perditorum hominum latronumque conuenerat, quos spes praedandi studiumque bellandi ab agri cultura et cotidiano labore reuocabat. Sabinus idoneo omnibus rebus loco castris se tenebat, cum Viridouix contra eum duorum milium spatio consedisset cotidieque productis copiis pugnandi potestatem faceret, ut iam non solum hostibus in contemptum Sabinus ueniret, sed etiam nostrorum militum uocibus nonnihil carperetur; tantamque opinionem timoris praebuit, ut iam ad uallum castrorum hostes accedere auderent. Id ea de causa faciebat quod cum tanta multitudine hostium, praesertim eo absente qui summam imperii teneret, nisi aequo loco aut opportunitate aliqua data legato dimicandum non existimabat.

Hac confirmata opinione timoris idoneum quendam hominem et callidum delegit Gallum ex iis, quos auxilii causa secum habebat. huic magnis praemiis pollicitationibusque persuadet uti ad hostes transeat et quid fieri uelit edocet. qui ubi pro perfuga ad eos uenit, timorem Romanorum proponit, quibus angustiis ipse Caesar a Venetis prematur docet, neque longius abesse, quin proxima nocte Sabinus clam ex castris exercitum educat et ad Caesarem auxilii ferendi causa proficiscatur. Quod ubi auditum est, conclamant omnes occasionem negotii bene gerendi amittendam non esse, ad castra iri oportere. Multae res ad hoc consilium Gallos hortabantur: superiorum dierum Sabini cunctatio, perfugae confirmatio, inopia cibariorum, cui rei parum diligenter ab iis erat prouisum, spes Venetici belli, et quod fere libenter homines id quod uolunt credunt. His rebus adducti non prius Viridouicem reliquosque duces ex concilio dimittunt, quam ab his sit concessum arma uti capiant et ad castra contendant. Qua re concessa laeti, ut explorata uictoria, sarmentis uirgultisque collectis, quibus fossas Romanorum compleant, ad castra pergunt.

Locus erat castrorum editus et paulatim ab imo accliuis circiter passus mille. Huc magno cursu contenderunt, ut quam minimum spatii ad se colligendos armandosque Romanis daretur, exanimatique peruenerunt. Sabinus suos hortatus cupientibus signum dat. Impeditis hostibus propter ea quae ferebant onera, subito duabus portis eruptionem fieri iubet. Factum est opportunitate loci, hostium inscientia ac defatigatione, uirtute militum et superiorum pugnarum exercitatione, ut ne primum quidem nostrorum impetum ferrent ac statim terga uerterent. Quos integris uiribus milites nostri consecuti magnum numerum eorum occiderunt; reliquos equites consecrati paucos, qui ex fuga euaserant, reliquerunt. Sic uno tempore et de nauali pugna Sabinus et de Sabini uictoria Caesar est certior factus, ciuitatesque omnes se statim Titurio dederunt.

Nam ut ad bella suscipienda Gallorum alacer ac promptus est animus, sic mollis ac minime resistens ad calamitates ferendas mens eorum est.

Enquanto isso se fazia junto aos vênetos, Quinto Titurino Sabino com suas tropas, que recebera de César, chega às fronteiras dos unelos. A estes comanda Viridóvix e detém total controle daquelas cidades todas, que se rebelaram, das quais reunira exército e grandes recursos, e nestes poucos dias os aulercos, os eburovices e os lexóvios, depois de matarem todo seu senado, pois não queriam ser provocadores da guerra, fecham suas portas e se juntam a Viridóvix. Além disso, ele reúne grande multidão de homens perdidos e ladrões de cada parte da Gália, os quais a esperança de saquear e o gosto pela guerra tiraram do cultivo do campo e do trabalho cotidiano. Sabino, em boa situação de todas as provisões mantém-se nos acampamentos, ainda que Viridóvix acampasse a duas milhas dele e todos os dias se pusesse em formação de combate com suas tropas, de modo que já Sabino não somente recebia o desprezo dos inimigos, mas também algumas ofensas vinham das vozes dos nossos soldados. Tamanha opinião do temor se espalhou que já até o fosso do acampamento os inimigos ousavam chegar. Isto era feito por esta causa, por que não julgava dever travar combate, como legado, contra tamanha multidão de inimigos, sobretudo estando ausente aquele que tinha o comando supremo, e nem tendo local adequado nem alguma oportunidade.

Confirmada esta opinião de temor, escolhe certo gaulês, homem adequado e astuto, entre aqueles que tinha consigo como tropa auxiliar. Persuade-o com grandes prêmios e promessas para que passe para o lado dos inimigos e instrui-lhe no que quer que seja feito. Este, quando chega a eles como fugitivo, denuncia o temor dos romanos, relata quais apertos o próprio César sofria dos vênetos, e que não passaria da próxima noite, que Sabino, às escondidas, tirasse seu exército do acampamento e partisse para dar apoio a César. Então, ouvido isto, conclamam todos que se deve ir ao acampamento romano, para não perder a ocasião de combatê-los com sucesso. Muitas razões exortavam os gauleses a esta decisão: a hesitação de Sabino nos dias passados, a confirmação da fuga, a carência de suprimentos, os quais eram aprovencionados pouco diligentemente entre eles, a esperança da guerra venetícia, e como quase automaticamente os homens acreditam no que querem acreditar. Movidos por estas razões, não despedem Viridóvix e os outros chefes do conselho antes que por eles seja determinado que tomem as armas e avancem para o acampamento romano. Felizes com essa decisão, como se já tivessem conseguido a vitória, colhidos sarmentos e sarças, com as quais encheriam os fossos romanos, avançam para o acampamento.

O local do acampamento era elevado e pouco a pouco mais inclinado da base até mil passos de distância. Para lá avançam grande percurso, para que fosse dado aos romanos o mínimo espaço para se reunir e armar, chegam sem fôlego. Sabino dá o sinal de ataque a seus comandados como desejavam. Atrapalhados os inimigos por causa da carga que levavam, subitamente pelas duas portas manda fazer-se a sortida. Feito isto, pela oportunidade do local, a ignorância e cansaço dos inimigos, e pelo valor dos soldados e experiência dos combates anteriores, como nem o primeiro impulso dos nossos suportassem, imediatamente viram as costas. Os quais os nossos soldados com as forças inteiras seguem e matam grande número deles. Os cavaleiros deixaram os poucos restantes que se evadiram na fuga. Assim ao mesmo tempo Sabino é informado da batalha naval e César da vitória de Sabino, e todas as cidades imediatamente se entregam a Titurio. Pois como para iniciar a guerra o ânimo dos gauleses é vivaz e bem disposto, assim a mente deles é fraca e pouco resistente às calamidades sofridas.

Neste trecho, podemos perceber que o personagem Sabino toma a dianteira da ação e age como protagonista. Ele recebe todos os predicados típicos que são dados a César, inclusive a capacidade de agir como líder. Fica clara, entretanto, a sua posição de subordinado, sendo seu percurso inserido no percurso maior de César: “*Q. Titurius Sabinus cum iis copiis, quas a Caesare acceperat*”, “*eo absente qui summam imperii teneret,*” e “*legato*”. Estes trechos mostram que a sua posição militar não lhe permitia tomar as mesmas atitudes que César tomaria, pois sua autonomia está comprometida. Ainda assim, sua atuação se desenrola seguindo a canônica condução da batalha, da mesma forma que a do general. Isto sugere que a maneira de César guerrear ou não era exclusivamente sua, mas vinha de uma tradição romana, ou que a tal ponto ele influenciou seus subalternos que eles a seguiam na sua ausência. Sendo uma ou outra a razão, repete-se aqui a mesma fórmula para a descrição das batalhas de toda a obra (como vimos em VII, 84-88).

O destinador de Sabino é indicado pelo percurso de seu oponente, Viridóvix. Este é movido por um anti-destinador que não está claro, assim como os seus valores, seu percurso, no entanto, é de rebelião, o que sugere que o objetivo seria a “liberdade” da autoridade romana. É contra essa rebelião que age Sabino, objetivando a paz e também o “*imperium*”, a autoridade romana. Assim, seu destinador é Roma, que interfere como adjuvante, por meio de César ao confiar-lhe as legiões. Logo, é Roma-César. Seu objeto e percurso são bastante análogos ao do general e seu programa segue o mesmo esquema do percurso do protagonista. Nota-se, então, uma regularidade na condução da guerra e também, principalmente, uma regularidade na descrição da mesma. Ainda

que o autor não se baseie aqui em suas experiências, mas em relatos, a descrição segue o mesmo padrão. Isto revela um esforço de homogeneização dos feitos e ressalta o conflito entre Roma e os outros, quaisquer que sejam os povos, em detrimento da atuação pessoal dos líderes no combate. Apesar disto, César faz, sub-repticiamente, elogio às suas próprias conquistas no plano geral da obra.

VII, 11, 7-9.

Cenabenses paulo ante mediam noctem silentio ex oppido egressi flumen transire coeperunt. Qua re per exploratores nuntiata Caesar legiones, quas expeditas esse iusserat, portis incensis intromittit atque oppido potitur perpaucis ex hostium numero desideratis quin cuncti caperentur, quod pontis atque itinerum angustiae multitudini fugam intercluserant. Oppidum diripit atque incendit, praedam militibus donat, exercitum Ligerim traducit atque in Biturigum fines peruenit.

Os cenabenses, pouco antes da meia noite, em silêncio começaram a sair da cidade e a cruzar o rio. Isto informado pelos exploradores, César, queimadas as portas, introduz as legiões, que ele ordenara estivessem prontas, e se apodera da cidade, e muito poucos dos inimigos deixam de ser capturados naquela hora, pois as passagens estreitas da ponte e do caminho impediram a fuga da multidão. Saqueia e incendeia a cidade, dá presa aos soldados, atravessa o exército pelo Líger e chega às fronteiras dos bituriges.

II, 11, 3-6.

Prima luce confirmata re ab exploratoribus omnem equitatum, qui nouissimum agmen moraretur, praemisit. His Q. Pedium et L. Aurunculeium Cottam legatos praefecit; T. Labienum legatum cum legionibus tribus subsequi iussit. Hi nouissimos adorti et multa milia passuum prosecuti magnam multitudinem eorum fugientium conciderunt, cum ab extremo agmine ad quos uentum erat consisterent fortiterque impetum nostrorum militum sustinerent, priores quod abesse a periculo uiderentur neque ulla necessitate neque imperio continerentur, exaudito clamore perturbatis ordinibus omnes in fuga sibi praesidium ponerent. Ita sine ullo periculo tantam eorum multitudinem nostri interfecerunt, quantum fuit diei spatium, sub occasumque solis destiterunt seque in castra, ut erat imperatum, receperunt.

À primeira luz, confirmada a situação [a fuga dos belgas] pelos exploradores envia toda a cavalaria, para que lhes retardasse a

última tropa. Põe os legados Quinto Pedito e Lúcio Aurunculeio Cota no comando da cavalaria, manda segui-los Tito Labieno com três legiões. Estes tendo atacado as últimas tropas, e por muitas milhas as seguido, matam grande multidão daqueles que fugiam, uma vez que eles resistiam com a última linha àqueles que vinham e detinham firmemente o ímpeto dos nossos soldados, os primeiros que pareciam estar livres do perigo e nem qualquer necessidade nem comando detinham, ouvido o clamor, com as formações desfeitas, punham na fuga a sua segurança. Assim sem nenhum perigo os nossos mataram tamanha multidão deles, quando permitiu o espaço do dia, e sob o ocaso do sol cessaram e se recolheram aos acampamentos como era ordenado.

Nestes trechos, vemos como o líder conduz suas tropas como uma extensão de sua própria vontade, até mesmo os adjuvantes citados nominalmente não garantem um status de sujeito, pois eles não têm autonomia nenhuma. No primeiro trecho, temos como destaque o uso da terceira pessoa do singular nos verbos das ações da tropa, fazendo de César sujeito das ações da mesma. Elas perdem a sua autonomia de tal modo que isto se mostra também no nível da frase. No segundo, os coadjuvantes citados nominalmente não aparecem jamais em função de sujeito, e, além disso, são reunidos no plural “*nostrī*”. Consideramos, então, que estas ações não configuram percursos coadjuvantes, mas são apenas constituintes dos percursos do próprio protagonista.

3.3.2.3. Os opositores

Os opositores a César são aqueles que eventualmente cruzam seu programa narrativo com o do general, postando-se como anti-sujeitos. Para tanto são impelidos por anti-destinadores, que defendem valores opostos aos do protagonista. É notável que certos personagens, alguns coletivos, alteram e até alternam sua posição de adjuvante a opositor em diferentes ações. A análise da composição desses valores opostos é também bastante indicativa do aspecto moralizante da obra. São descritos mormente dentro da esfera do “bárbaro”, aqui tomado em sentido literal: diferente, estrangeiro. Denunciam com precisão a natureza e a estrutura do pensamento etnocêntrico romano.

Os programas narrativos dos “bárbaros” centram-se, mormente, em dois motivos: a vontade de liberdade em relação ao conquistador — romano ou germânico, e a vontade de glória e conquista em relação uns aos outros. Vale notar que esses valores eram reconhecidos pelos romanos em relação a si, aparece, então, o aspecto etnocêntrico. Por considerarem-se o único povo civili-

zado⁷³ os romanos se viam como predestinados a reinar⁷⁴, os desejos de liberdade e vitória dos demais povos não eram valorizados, pois o uso que eles fizessem dessa liberdade não seria justo. Aspecto marcante do imperialismo romano era que eles se consideravam mais capazes para governar outros povos do que eles a si próprios. Viam-se como os únicos aptos a se governar e por conseqüência, prontos para reger todos os demais povos. Os movimentos libertários dos bárbaros eram então vistos como empecilho à ordem romana. Este discurso propagado por Cícero e seus contemporâneos. Traz em si um sentido mais simples de garantir a segurança pela eliminação de todos os potenciais inimigos. Daí a política de ataques preventivos que vemos nos *Commentarii*. O sucesso contra povos tais como os cartagineses e os gregos, deu base para a formulação da idéia da superioridade e a predestinação para reinar dos romanos.

Assim como na relação entre César e os romanos, os bárbaros têm suas ações dirigidas e centralizadas em um líder, ainda que em certos momentos seja mostrada a presença de um grupo, um conselho ou “senado”, que delibera os atos do líder. Frequentemente, entretanto, esses líderes aparecem se importando menos com a *salus* de seu povo do que com a própria glória. A venalidade de seus líderes e o caráter fratricida dos povos gauleses são, por vezes, mostrados como causa da inferioridade em relação a Roma.

V, 3

Haec ciuitas longe plurimum totius Galliae equitatu ualet magnasque habet copias peditum Rhenumque, ut supra demonstrauimus, tangit. In ea ciuitate duo de principatu inter se contendebant, Indutiomarus et Cingetorix. Ex quibus alter, simulatque de Caesaris legionumque aduentu cognitum est, ad eum uenit, se suosque omnes in officio futuros neque ab amicitia populi Romani defecturos confirmauit quaeque in Treueris gererentur, ostendit. At Indutiomarus equitatum peditatumque cogere iisque, qui per aetatem in armis esse non poterant, in siluam Arduennam abditis, quae ingenti magnitudine per medios fines Treuerorum a flumine Rheno ad initium Remorum pertinet, bellum parare instituit. Sed posteaquam nonnulli principes ex ea ciuitate, et auctoritate Cingetorigis adducti et aduentu nostri exercitus perterriti, ad Caesarem uenerunt et de suis priuatim rebus ab eo petere coeperunt, quoniam ci-

⁷³ “Tal como os chineses, os romanos dividiam o mundo em civilização e terras fora de seu controle, embora por necessidade recorressem às vezes à diplomacia (em suas relações com os armênios e outros reinos antigos, por exemplo), faziam-no apenas por conveniência, não como um Estado tratando outro equivalente.”. Keegan (1995), p. 293.

⁷⁴ Cf. Virgílio, *Eneida* VI, 851-853

uitati consulere non possent, Indutiomarus ueritus ne ab omnibus desereretur, legatos ad Caesarem mittit: sese idcirco ab suis discedere atque ad eum uenire noluisse, quo facilius ciuitatem in officio contineret, ne omnis nobilitatis discessu plebs propter imprudentiam laberetur; itaque ciuitatem in sua potestate esse seque, si Caesar permetteret, ad eum in castra uenturum et suas ciuitatisque fortunas eius fidei permissurum.

Esta cidade [a cidade dos tréviros] é de longe a mais forte em cavalaria de toda a Gália, e tem grandes tropas a pé e, como demonstramos acima, toca o Reno. Nesta cidade, dois entre si competiam pela liderança, Induciomaro e Cingetórix. Destes, o último, logo que foi informado da chegada de César e das legiões, veio até ele, confirmou que ele e todos os seus não faltariam no dever, sob a amizade do povo romano, e que cada acontecimento entre os tréviros seria informada. Mas Induciomaro, reunida a cavalaria e infantaria e escondidos aqueles que, pela idade, não pudessem pegar em armas na floresta das Ardenas, que por grande vastidão se estende pelas fronteiras dos tréviros desde o rio Reno até o início do território dos remos, decidiu preparar a guerra. Mas depois que alguns líderes desta cidade movidos pela autoridade de Cingetórix e aterrorizados pela chegada do nosso exército vieram a César e começaram a perguntar-lhe sobre seus assuntos particulares, uma vez que não podiam decidir sobre a cidade, Induciomaro receoso de que fosse abandonado por todos, manda representantes a César: que não quisera, nestas circunstâncias, afastar-se dos seus e vir até ele, para que mais facilmente contivesse a cidade no dever, e que a plebe não agisse mal por imprudência quando tivesse saído toda a nobreza; assim a cidade está em seu poder e, se César permitir, viria até ele no acampamento e confiaria à autoridade dele a sua própria fortuna e de toda a cidade.

Este trecho opõe dois gauleses, um se coloca prontamente como aliado de César, outro age primeiro como opositor depois como adjuvante. O percurso do primeiro é a constante dos aliados gauleses: “*ad eum uenit, se suosque omnes in officio futuros neque ab amicitia populi Romani*”; os termos “*officio*” e “*amicitia populi Romani*” são os mais comuns para descrever os valores desta relação de submissão, os romanos cedem a amizade e os gauleses perseveram no dever. O segundo gaulês, Induciomaro, tem uma atitude claramente hostil, “*bellum parare instituit*”. Esta atitude deixa entrever o que gauleses esperavam da parte dos romanos: a vinda do exército era motivo de guerra. Depois temos a rendição sem batalha, motivada pela divisão na cidade, e um dos poucos exemplos do percurso da conversão no texto. O objetivo dessa conversão é “*ueritus ne ab omnibus desereretur*”, os termos dela são um discurso totalmente incoerente com a atitude

anterior. No relato deste discurso fica clara a falsidade da conversão e a incapacidade do gaulês em se justificar de maneira crível. O elemento notável deste capítulo é a descrição da divisão política, causada pela atuação de César na Gália, e como esta beneficia o general, ao mesmo tempo em que mostra os processos que ocorrem entre os gauleses para levá-los a tal: a desunião pelo temor da guerra e pela cooptação por meio da “amizade do povo romano”⁷⁵.

VII, 1

Quieta Gallia Caesar, ut constituerat, in Italiam ad conuentus agendos proficiscitur. ibi cognoscit de P. Clodii caede <de> senatusque consulto certior factus, ut omnes iuniores Italiae coniu-rarent, dilectum tota prouincia habere instituit. eae res in Galliam Transalpinam celeriter perferuntur. Addunt ipsi et adfingunt rumo-ribus Galli, quod res poscere uidebatur: retineri urbano motu Caesarem neque in tantis dissensionibus ad exercitum uenire posse. hac impulsu occasione, qui iam ante se populi Romani imperio subiectos dolerent, liberius atque audacius de bello consilia inire incipiunt. indictis inter se principes Galliae conciliis siluestribus ac remotis locis queruntur de Acconis morte; hunc casum ad ipsos recidere posse demonstrant; miserantur communem Galliae fortunam; omnibus pollicitationibus ac praemiis deposcunt qui belli initium faciant et sui capitis periculo Galliam in libertatem uindicent. inprimis rationem esse habendam dicunt, priusquam eorum clandestina consilia efferantur, ut Caesar ab exercitu intercludatur. id esse facile, quod neque legiones audeant absente imperatore ex hibernis egredi neque imperator sine praesidio ad legiones peruenire possit. postremo in acie praestare interfici, quam non ueterem belli gloriam libertatemque quam a maioribus acceperint recuperare.

Estando quieta a Gália, César, como estava estabelecido, partiu para a Itália a conduzir as assembleias. Lá sabe do assassinio de Públio Clódio, e ciente do decreto do Senado, que todos os jovens da Itália se alistassem, resolve convocar tropas em toda província. Estas notícias rapidamente são levadas à Gália Transalpina. Os próprios gauleses se ajuntam e criam rumores, pois que a situação parecia pedir: César tinha sido retido pela agitação na Cidade e não podia em meio a tantas dissensões vir ao exército. Movidos por essa oportunidade, os que antes já sofriam por estarem submetidos ao

⁷⁵ Esta amizade era basicamente uma promessa de proteção de Roma contra ameaças externas em troca do apoio contra essas mesmas ameaças. Considera-se que o principal interesse romano era criar um cinturão de nações amigas que servisse de escudo contra vizinhos perigosos, daí a insistência de César em manter nações gaulesas entre os germanos e as províncias. Os romanos podiam contar com grande número de tropas treinadas e aprestadas à custa dos recursos dos vizinhos ao mesmo tempo em que os desestimulava a terem suas próprias tropas em grande número. Os aliados contavam com o prestígio da proteção romana além das vantagens da infra-estrutura e da participação no comércio romano. cf. Finley, (1997) e Garnsey & Whittaker, (1978).

império do povo romano, mais livremente e audaciosamente começam a tomar decisões sobre a guerra. Metidos em lugares silvestres e remotos, indagam aos principais da Gália sobre a morte de Acção; demonstram poderem sofrer da mesma forma; lamentam a sorte comum da Gália; provocam com todas as ofertas e prêmios aqueles que dessem início à guerra e convocassem a Gália à liberdade com o risco de suas próprias cabeças. Dizem que se deveria primeiramente ter em mente, antes de serem divulgadas as suas decisões clandestinas, que César fosse separado do exército. Isto seria fácil, pois nem as legiões ousariam, estando o general ausente, sair dos abrigos de inverno, nem o general sem guarnição poderia chegar às legiões. Por fim, era melhor ser morto na linha de batalha, que não recuperar a velha glória guerreira e a liberdade que receberam dos antepassados.

Este trecho descreve também de forma paradigmática o programa narrativo dos gauleses. Isso porque quem está em foco é o povo gaulês, que age como destinador para os diversos líderes. Assim, temos a exposição da fase de manipulação, onde o destinador age sobre o sujeito engendrando os valores de busca ou de manutenção. Neste caso os objetos-valores são bem descritos: “*Galliam in libertatem uindicent*” “*ueterem belli gloriam libertatemque quam a maioribus acceperint recuperare*”; o percurso é indicado com clareza: a guerra: “*de bello consilia inire incipiunt*” “*qui belli initium faciant*” “*sui capitis periculo*” “*in acie praestare interfici*”. Assim se configura o típico programa de rebelião pela liberdade que se repete em toda a obra. O opositor é César e a ele é atribuída a lamentável “*communem Galliae fortunam*”, a vitória contra César e as legiões é a condição para a liberdade. Por esse capítulo podemos compor o programa narrativo paradigmático dos gauleses:

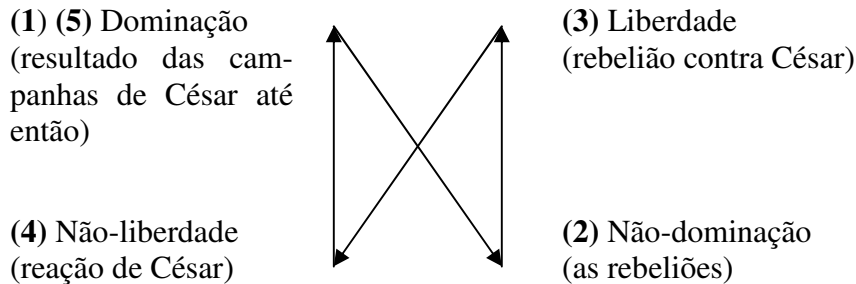
- (1) Estado: a Gália dominada;
- (2) Mudança de estado: a rebelião contra os romanos;
- (3) Estado: a Gália livre.

Assim, o que temos é um típico esquema de dois estados diferentes mediados por um enunciado de ação. Os gauleses lutam por sua própria libertação, liberdade é o valor buscado para si. Entretanto, o percurso dos gauleses é sempre frustrado, o estado atingido (3) não garante a liberdade e é desfeito pela ação do seu opositor, resultando no esquema abaixo:

- (1) Estado: a Gália dominada;
- (2) Mudança de estado: a rebelião contra os romanos;
- (3) Estado: a Gália rebelada.

- (4) Mudança de estado: a reação e vitória de César:
 (5) Estado: a Gália novamente dominada.

O estado (3) não é mantido e a reação restitui o estado inicial. Podemos assim formar o quadrado semiótico:



3.4. Moralização

Pela sua natureza retórica, o fim último da história é transmitir uma “verdade”. Uma verdade bem específica por se tratar de atos humanos, assim ela é fundamentalmente refutável e intrinsecamente moralizante, pois que todo ato humano tem um caráter moral, visando alguma forma de bem. Essa era a concepção da antiguidade, o que põe a função moralizante na base da obra. Atualizados, no ato da leitura, todos os processos semióticos, deve impor-se, a partir da estrutura profunda do texto, o seu conteúdo moral. Quer este conteúdo seja ou não explicitado em determinadas passagens, ele deve residir onde se afirma a “verdade da obra”, no nível profundo, onde os valores compostos nos níveis superiores atingem, ou não, a inteireza que garante o sucesso retórico da obra.

3.4.1. Nível profundo

Dentro do método, chegamos ao nível profundo passando pelas estruturas semionarrativas, e reduzindo-as à sua sintaxe básica. No nível semionarrativo, busca-se categorizar as ações em enunciados de mudança de estado do sujeito. Assim, enfocamos a ação como uma transformação que torna determinado sujeito conjunto ou disjunto de determinado objeto-valor. Este enunciado consiste no programa narrativo de cada ator. Por conseqüência, como o programa de base da obra é o programa do protagonista, vemos neste o esquema geral da obra.

A partir daí passamos à projeção da estrutura paradigmática sobre a sintagmática⁷⁶, atingindo uma estrutura acrônica onde se acentuam os valores, adquiridos, mantidos ou perdidos nos enunciados de mudança de estado. Estes valores constituirão o “estilo” da obra, que vão fundamentar o seu sentido estético e também ético.

3.4.2. A moralização histórica

Vimos que a moralização era parte integrante da obra historiográfica clássica, marco de sua origem retórica. A obra objetiva a composição de uma verdade sobre os atos humanos, esta verdade sempre tem caráter moral. Esse processo de valorização ética ocasionava uma freqüente justificação dos atos e dos valores envolvidos resultando em um ato de propaganda destes, entendendo propaganda como processo retórico de elogio de pessoas, valores e instituições.

III, 7-8

His rebus gestis cum omnibus de causis Caesar pacatam Galliam existimaret, superatis Belgis, expulsis Germanis, uictis in Alpibus Sedunis, atque ita inita hieme in Illyricum profectus esset, quod eas quoque nationes adire et regiones cognoscere uolebat, subitum bellum in Gallia coortum est. Eius belli haec fuit causa: P. Crassus adulescens cum legione septima proximus mari in Andibus hiemarat. is quod in his locis inopia frumenti erat, praefectos tribunosque militum complures in finitimas ciuitates frumenti commeatusque petendi causa dimisit; quo in numero est T. Terrasidius missus in Unellos Essuuiosque, M. Trebius Gallus in Coriosolitas, Q. Velanius cum T. Sillio in Venetos.

Huius est ciuitatis longe amplissima auctoritas omnis orae maritimae regionum earum, quod et naues habent Veneti plurimas, quibus in Britanniam nauigare consuerunt, et scientia atque usu rerum nauticarum ceteros antecedunt et in magno impetu maris atque aperto Oceano paucis portibus interiectis, quos tenent ipsi, omnes fere, qui eo mari uti consuerunt, habent uectigales. Ab his fit initium retinendi Sillii atque Velanii et si quos intercipere potuerunt, quod per eos suos se obsides, quos Crasso dedissent, recuperaturos existimabant. Horum auctoritate finitimi adducti, ut sunt Gallorum subita et repentina consilia, eadem de causa Trebium Terrasidiumque retinent et celeriter missis legatis per suos principes inter se coniurant nihil nisi communi consilio acturos eundemque omnes fortunae exitum esse laturos, reliquasque ciuitates solli-

⁷⁶ Bertrand (2000), p. 282-284

citant, ut in ea libertate, quam a maioribus acceperint, permanere quam Romanorum seruitutem perferre malint. Omni ora maritima celeriter ad suam sententiam perducta communem legationem ad P. Crassum mittunt, si uelit suos recuperare, obsides sibi remittat.

Feitas estas coisas, como César com todos os motivos julgava a Gália pacificada, vencidos os belgas, expulsos os germanos, vencidos nos Alpes os sedunos, e como no início do inverno se dirigiria para o Ilírico, pois ainda queria visitar aquelas nações e conhecer aquelas regiões, de súbito desencadeou-se uma guerra na Gália. Esta foi a causa desta guerra: o jovem Públio Crasso com a sétima legião invernara entre os Andes, próximo ao mar. Ele, pois neste lugar havia carência de mantimentos, mandou vários prefeitos e tribunos militares para as cidades vizinhas para pedir provisões; entre os quais estavam Tito Terrasídio mandado aos unelos e essúvios, Marco Trévio Galo aos coriosolitas e Quinto Velanio com Tito Sílio aos vênetos.

A autoridade desta cidade é de longe a maior em de toda a orla marítima destas regiões, tanto porque os vênetos têm muitas navas, com as quais costumam navegar para a Bretanha, quanto porque excedem os outros povos na ciência e na prática dos assuntos náuticos e porque na grande ferocidade do mar e no estreito Oceano que têm poucos portos, sobre os quais têm o controle, quase todos, que estão acostumados a passar por este mar, pagam tributos. Por eles foi dado o início prendendo Sílio e Velanio e os que puderam interceptar, pois por eles esperavam recuperar os seus reféns que tinham sido dados a Crasso. Os vizinhos, movidos pela autoridade destes, como são as decisões dos gauleses súbitas e repentinas, pela mesma causa prendem Trévio e Terrasídio e rapidamente, mandados embaixadores, seus líderes entre si conjuram que nada senão pela decisão comum será feito e que todos devem partilhar da mesma fortuna; e solicitam as outras cidades que preferiram permanecer naquela liberdade, que receberam dos antepassados, do que suportar a servidão dos romanos. Levada rapidamente toda a costa marítima à sua decisão, enviam um embaixador comum a Públio Crasso, que se quiserem recuperar os seus, devolva-lhes os reféns.

III, 10

Erant hae difficultates belli gerendi, quas supra ostendimus, sed multa tamen Caesarem ad id bellum incitabant: iniuria retentorum equitum Romanorum, rebellio facta post deditionem, defectio datis obsidibus, tot ciuitatum coniuratio, in primis ne hac parte neglecta reliquae nationes sibi idem licere arbitrarentur. Itaque cum intellegeret omnes fere Gallos nouis rebus studere et ad bellum mobiliter celeriterque excitari, omnes autem homines natura

libertatis studio incitari et condicionem seruitutis odisse, priusquam plures ciuitates conspirarent, partiendum sibi ac latius distribuendum exercitum putauit.

Eram estas as dificuldades de conduzir a guerra, as quais acima [III, 9] descrevemos, mas muitas razões, entretanto moviam César para esta guerra: a ofensa de reter cavaleiros romanos, a rebelião feita depois da rendição, submissão e dos reféns entregues, conjuração de tantas cidades, principalmente que, negligenciada esta parte, as demais nações julguem poderem fazer o mesmo. Assim como entendia que quase todos os gauleses tramavam novas ações e eram facilmente e rapidamente excitados à guerra, e ainda por todos os homens odiarem a condição de servidão e pela sua natureza serem levados à busca da liberdade, decidiu que o exército deveria ser dividido e espalhado mais abrangentemente antes que mais cidades conspirassem.

A moralização nos textos historiográficos responde à etapa da argumentação na retórica, onde predomina o *ethos*. Para os fatos narrados, tradicionalmente se apresenta uma disposição das causas e os valores envolvidos; assim se dá a justificação pelo autor das ações. Em César, o esforço de clareza para afastar a ambigüidade torna a maior parte das justificativas pressupostas ou subentendidas. Isso acontece pela repetição dos programas narrativos e pela insistência nos valores buscados pelo sujeito. Em algumas ocasiões podemos destacar trechos como estes onde a estrutura didática do texto é explicitada, expondo o esforço do autor em firmar a sua visão dos fatos.

No primeiro trecho temos a causa da guerra: “*eius belli haec fuit causa*”

- 1) Afastamento do general e a sua razão: “*in Illyricum profectus esset, quod eas quoque nationes adire et regiones cognoscere uolebat*”.
- 2) Atitude do legado Públio Crasso e a sua razão: “*P. Crassus adulescens cum legione septima proximus mari in Andibus hiemarat. Is quod in his locis inopia frumenti erat, praefectos tribunosque militum complures in finitimas ciuitates frumenti commeatusque petendi causa dimisit*”.
- 3) A traição dos Vênetos e a sua razão: “*ab his fit initium retinendi Sillii atque Velanii et si quos intercipere potuerunt, quod per eos suos se obsides, quos Crasso dedissent, recuperaturos existimabant*”.

- 4) A atitude dos vizinhos e a sua razão: *“horum auctoritate finitimi adducti, ut sunt Gallorum subita et repentina consilia, eadem de causa Trebium Terrasidiumque retinent”* e *“omni ora maritima celeriter ad suam sententiam perducta communem legationem ad P. Crassum mittunt, si uelit suos recuperare, obsides sibi remittat”*.

Este esquema prende cada ato ao seu argumento. Assim, ao mesmo tempo em que dá as informações, as interpreta para o leitor, e apresenta-as prontas para serem aceitas sem reflexão. O leitor descuidado é conduzido como se cada ato tivesse uma explicação clara e inquestionável. Neste trecho, percebemos claramente como o César-narrador dispõe os acontecimentos da mesma forma como o César-personagem dispõe suas tropas. O percurso é construído, como se constrói uma ponte: de maneira previsível e ordenada. Tudo parece claro e sob controle, perfeitamente compreensível sem a possibilidade de ambigüidade ou questionamento. Isto não apenas faz propaganda do general como grande estrategista e político, mas também expressa uma visão do mundo como algo objetivo e perfeitamente compreensível, de modo que o homem pode impor sempre sua ordem aos acontecimentos. Um mundo de causas e conseqüências, de condicionamento histórico de povos e homens.

No segundo trecho temos a justificação da guerra: *“Erant hae difficultates belli gerendi, quas supra ostendimus, sed multa tamen Caesarem ad id bellum incitabant”*

- 1) *“iniuria retentorum equitum Romanorum,”*
- 2) *“rebellio facta post deditionem”*
- 3) *“defectio datis obsidibus”*
- 4) *“tot ciuitatum coniuratio”*
- 5) *“in primis ne hac parte neglecta reliquae nationes sibi idem licere arbitrarentur”*

A última razão enumerada já inclui um julgamento, este se justifica por um pretense conhecimento das tendências dos gauleses:

- 1) *“cum intellexeret omnes fere Gallos nouis rebus studere”*
- 2) *“ad bellum mobiliter celeriterque excitari”*
- 3) *“omnes autem homines natura libertatis studio incitari et condicionem seruitutis odisse”*

Assim, temos a enumeração das razões e a enumeração das considerações acerca delas. Esta disposição altamente esquemática tem por objetivo conduzir primeiro logicamente depois eticamente. Os julgamentos feitos mostram tais valores: Previsibilidade do comportamento dos bárbaros, o que afirma a capacidade estratégica do general; conhecimento não só da atitude, mas também do caráter dos gauleses e do seu gosto pela guerra, o que traz um julgamento étnico. Por último uma consideração de caráter absoluto, pois trata dos homens em geral e de sua natureza, em relação à questão da liberdade. Constrói-se a justificativa em uma gradação, partindo de considerações político-militares de circunstância, passando por um dado sociológico constitutivo do povo e encerrando em um enunciado “filosófico”, tratando de temas da natureza humana. O apelo ao *ethos*, então, se constrói do específico para o genérico, partindo de informações dadas no próprio texto (em capítulos anteriores), juízos éticos. Esses juízos são aceitáveis porque: Primeiro, pela estrutura da gradação o enunciador ganha credibilidade para tratar de temas “eternos” a partir de sua clareza e coerência nos temas transitórios. Segundo, porque se ancora profundamente no senso comum e no *ethos* romanos, corrobora os preconceitos e idéias tradicionais sem nenhum tipo de crítica ou inovação⁷⁷. Por esses processos, César faz as suas idéias parecerem cada vez mais coerentes com as tradições e os ideais romanos, justifica suas ações e cria um ambiente propício a ter seus atos futuros aceitos.

VII, 77.

At ii qui Alesiae obsidebantur praeterita die qua auxilia suorum exspectauerant, consumpto omni frumento, inscii quid in Haeduis gereretur, concilio coacto de exitu suarum fortunarum consultabant ac uariis dictis sententiis quarum pars deditioem, pars dum uires suppeterent eruptionem censebat, non praetereunda uidetur oratio Critognati propter eius singularem ac nefariam crudelitatem. Hic summo in Aruernis ortus loco et magnae habitus auctoritatis “nihil” inquit “de eorum sententia dicturus sum, qui turpissimam seruitutem deditiois nomine appellant, neque hos habendos ciuium loco neque ad concilium adhibendos censeo. Cum his mihi res sit, qui eruptionem probant, quorum in consilio omnium uestrum consensu pristinae residere uirtutis memoria uidetur, animi est ista mollitia, non uirtus, paulisper inopiam ferre non posse. Qui se ultro morti offerant facilius reperiuntur quam qui dolorem patienter ferant. Atque ego hanc sententiam probarem - tantum apud me dignitas potest -, si nullam praeterquam uitae nostrae iacturam

⁷⁷ Ver item 3.3.2.3.

fieri uiderem; sed in consilio capiendo omnem Galliam respiciamus, quam ad nostrum auxilium concitauimus: quid hominum milibus LXXX uno loco interfectis propinquis consanguineisque nostris animi fore existimatis, si paene in ipsis cadaueribus proelio decertare cogentur? Nolite hos uestro auxilio exspoliare qui uestrae salutis causa suum periculum neglexerunt, nec stultitia ac temeritate uestra aut animi imbecillitate omnem Galliam prosternere et perpetuae seruituti addicere. An quod ad diem non uenerunt, de eorum fide constantiaque dubitatis? Quid ergo? Romanos in illis ulterioribus munitionibus animine causa cotidie exerceri putatis? Si illorum nuntiis confirmari non potestis omni aditu praesaepo, his utimini testibus adpropinquare eorum aduentum, cuius rei timore exterriti diem noctemque in opere uersantur. Quid ergo mei consilii est? Facere quod nostri maiores nequaquam pari bello Cimbrorum Teutonumque fecerunt: qui in oppida compulsi ac simili inopia subacti eorum corporibus, qui aetate ad bellum inutiles uidebantur, uitam tolerauerunt neque se hostibus tradiderunt. Cuius rei si exemplum non haberemus, tamen libertatis causa institui et posteris prodi pulcherrimum iudicarem. Nam quid illi simile bello fuit? depopulata Gallia Cimbri magnaue inlata calamitate finibus quidem nostris aliquando excesserunt atque alias terras petierunt; iura, leges, agros, libertatem nobis reliquerunt. Romani uero quid petunt aliud aut quid uolunt nisi inuidia adducti quos fama nobiles potentesque bello cognouerunt, horum in agris ciuitatibusque considerare atque his aeternam iniungere seruitutem? Neque enim umquam alia condicione bella gesserunt. Quodsi ea quae in longinquis nationibus geruntur ignoratis, respicite finitimam Galliam, quae in prouinciam redacta, iure et legibus commutatis, securibus subiecta perpetua premitur seruitute.”

Mas aqueles que estavam sitiados em Alésia, passado o dia em que esperavam o auxílio dos seus, consumido todo o alimento, ignorantes do que se passava nos héduos, reunido o conselho, consultavam sobre a definição de suas sortes. E ditas várias sentenças das quais uma parte considerava a rendição e outra a sortida da cidade enquanto ainda restassem forças, não se pode deixar de relatar o discurso de Critognato por causa da sua singular e nefanda crueldade. Este, nascido na mais alta classe entre os arvernos e detentor de grande autoridade, disse:

“Nada direi da sentença daqueles, que a mais torpe servidão chamam pelo nome de rendição, eles, penso eu, nem devem ser tidos como cidadãos nem recebidos neste lugar para conselho. Meu assunto é com aqueles que propõem a sortida, em cujo julgamento, no consenso de todos vós, parece residir a memória da antiga virtude. É fraqueza de ânimo, não força, não poder suportar a penúria por pouco tempo. Pelo contrário, aqueles que se oferecem à morte

são mais facilmente encontrados do que os que pacientemente suportem a dor. E eu aprovaria esta sentença — tanto pode a minha autoridade — se não visse nenhuma perda haveria além da nossa vida; mas, tomando esta decisão, atentemos a toda a Gália, a qual convocamos ao nosso auxílio. Que ânimo julgais que haveria para nossos parentes e consangüíneos, tendo sido mortos quase oitenta mil soldados em um só lugar, se, quase sobre os mesmos cadáveres fossem obrigados a guerrear? Não priveis do vosso auxílio aqueles que, pela vossa salvação, negligenciaram o próprio perigo, nem por vossa estupidez ou por temeridade ou fraqueza de ânimo toda a Gália se perder e submeter-se à perpétua servidão. Por que não vieram até este dia duvidais da lealdade e constância deles? Mas por quê? Julgais que os romanos todos os dias se esforçam naquelas fortificações exteriores por causa do ânimo? Se, fechada a entrada, não podeis ser encorajados por notícias dos nossos, aproveitai destes como testemunhas de que se aproxima a chegada deles, pois, amedrontados pelo temor disto, esforçam-se dia e noite no trabalho. Qual então é o meu conselho? Fazer como nossos ancestrais fizeram na guerra, de modo algum comparável, dos cimbro e dos teutões: que cercados na cidade e afligidos por semelhante penúria, com os corpos daqueles, que pela idade pareciam inúteis para a guerra, se sustentaram e não se entregaram aos inimigos. Se não tivéssemos exemplo disto, julgaria então belíssimo que fosse instituído pela causa da liberdade e legado aos pósteros. Pois o que foi semelhante àquela guerra? Despovoada a Gália, e tomada por grande calamidade, os cimbro se retiraram das nossas fronteiras e procuraram outras terras. Deixaram-nos direitos, leis, campos e a liberdade. Os romanos, entretanto, o que buscam? Ou que outra coisa querem que não, movidos pela inveja, nos campos e cidades daqueles que conheceram nobres e poderosos pela fama guerreira, estabelecerem-se e impor-lhes a eterna servidão? E nem fizeram jamais a guerra com outra condição. Se, pois ignorais o que se passa nas longínquas nações, olhai a vizinha Gália, que foi reduzida à província, com leis e direito mudados, submetida ao governo romano e oprimida por uma perpétua servidão.”

Aqui temos uma outra forma de moralização, que concorre com o esquema didático. No esquema didático, temos o *ethos* inserido por meio do *logos*, neste o *ethos* aparece por meio do *pathos*. Tal recurso é usado com muita descrição por César, considerando que era fator central da retórica ciceroniana e era largamente utilizado nas orações. Aqui, no entanto, o autor preferiu se fazer entender mais pelo *logos*, de modo que as recorrências ao *pathos* são frequentemente mascaradas. O trecho escolhido é particularmente interessante porque relata o que claramente era o clímax da obra, a Batalha de Alésia, o confronto decisivo das Guerras Gálicas. Esta particularida-

de parece justificar o uso do discurso direto, uso muito raro em toda a obra. Essa particularidade chega a ser expressa: “*non praetereunda uidetur oratio Critognati*”. A justificativa do relato do discurso se dá por um argumento patético: “*propter eius singularem ac nefariam crudelitatem*”. Assim a avaliação precede o relato e o condiciona, a sua razão de ser e o seu conteúdo visam mais as impressões a causar do que a relevância para compreender a batalha. César explicitamente demonstra a intenção de incluir um conteúdo patético na narrativa desta batalha.

O discurso em si é estruturado pelas regras ciceronianas de argumentação, ele alterna sempre *logos* e *pathos*. Aos argumentos são colocados de maneira lógica e depois confirmados no apelo às emoções, havendo até mesmo recorrência ao *ethos* no *exemplum*. Assim temos os principais elementos do discurso deliberativo.

1. Reforço: “*nihil*” *inquit (...) adhibendos censeo*”
2. Argumento: “*cum his mihi res sit, qui eruptionem probant,*”
2. Reforço: “*quorum in consilio (...) patienter ferant*”
3. Argumento: “*atque ego (...) auxilium concitauimus:*”
3. Reforço: “*quid hominum (...) seruituti addicere*”
4. Argumento: “*quid ergo (...) neque se hostibus tradiderunt.*”
4. Reforço: “*cuius rei si exemplum non haberemus, tamen libertatis causa institui et posteris prodi pulcherrimum iudicarem.*”
5. Argumento: “*Romani uero quid (...) perpetua premitur seruitute.*”

Vemos que todos os seus argumentos têm um reforço patético. Exceto o primeiro onde há diretamente o apelo patético e o último que é somente lógico. A idéia que se constrói é a confirmação da proposta apresentada: Argumento 4. Ela é decorrência dos argumentos anteriores e é reforçada pelo argumento seguinte. A avaliação desta proposta é dada de antemão “*eius singularem ac nefariam crudelitatem*”. Este é exemplo raro de julgamento por qualificativos na obra. Entretanto a coerência apresentada no discurso do personagem parece redimir sua proposta, como

se o narrador respeitasse o processo lógico-patético que a criou. Isto conseqüentemente evidencia o caráter terrível da situação imposta pelo exército romano aos sitiados, situação que gera o ambiente para tal proposta.

Assim, nesta batalha temos a mudança da habitual postura do narrador, que aqui passa a evidenciar os horrores da guerra. Se aceitamos a proposta de que César lutava para restabelecer a paz e a ordem perturbada pela natureza inconstante e libertária dos gauleses, somos levados a defender sua postura reparadora e a condenar os gauleses que por sua própria iniciativa colocam seu povo em tal situação. Já em outro trecho, mostramos como César quer fazer crer que as guerras eram inevitáveis, pois eram necessárias para a segurança dos dois povos. Elogia-se o que faz a guerra e a leva ao fim e condena-se aquele que a provocou.

3.4.3. A valência e veridicção

Estudaremos aqui, como César, em seu percurso de enunciador, constrói os valores na obra, como se utiliza dos recursos retórico-literários de condução do pensamento para criar uma verdade própria em seu discurso.

V, 54.

At Caesar principibus cuiusque ciuitatis ad se euocatis alias territando, cum se scire quae fierent denuntiaret, alias cohortando magnam partem Galliae in officio tenuit. Tamen Senones, quae est ciuitas in primis firma et magnae inter Gallos auctoritatis, Cauarinum, quem Caesar apud eos regem constituerat, cuius frater Moritasgus aduentu in Galliam Caesaris cuiusque maiores regnum obtinuerant, interficere publico consilio conati, cum ille praesensisset ac profugisset, usque ad fines insecuti regno domoque expulerunt et missis ad Caesarem satisfaciundi causa legatis, cum is omnem ad se senatum uenire iussisset, dicto audientes non fuerunt. Tantum apud homines barbaros ualuit esse aliquos repertos principes belli inferendi tantamque omnibus uoluntatis commutationem attulit, ut praeter Haeduos et Remos — quos praecipuo semper honore Caesar habuit, alteros pro uetere ac perpetua erga populum Romanum fide, alteros pro recentibus Gallici belli officiis — nulla fere ciuitas fuerit non suspecta nobis. idque adeo haud scio mirandumne sit cum compluribus aliis de causis, tum maxime quod qui uirtute belli omnibus gentibus praeferebantur, tantum se eius opinionis deperdidisse, ut a populo Romano imperia perferrent, grauissime dolebant.

Mas César, convocados à sua presença os líderes de cada cidade algumas vezes aterrorizando, como denunciasse saber o que fizeram, outras exortando-os manteve a maior parte da Gália no dever. Entretanto, os senones, que é cidade poderosa ente as primeiras e de grande autoridade entre os gauleses, tentaram, por decisão pública, matar Cavarino, que César nomeou rei entre eles, e cujo irmão Moritasgo reinava assim como seus antepassados, quando César chegou à Gália. Como ele tivesse pressentido e fugisse, foi seguido até as fronteiras e expulsaram-no do reino e da casa e tendo mandado embaixadores a César para dar satisfações, como ele mandasse vir todo o senado a si, não obedeceram ao que foi dito. Tanto tem poder entre homens bárbaros aqueles líderes que estimulem a guerra e tamanha mudança trouxe à vontade de todos, que exceto os héduos e os remos — os quais sempre César teve em primeira consideração, uns pela antiga e perpétua fidelidade ao povo romano, outros pelas recentes ajudas na Guerra Gálica — quase

nenhuma cidade esteve fora de suspeita para nós. Na verdade, não sei se é de se admirar que sofram com grande pesar, senão por muitas outras causas, principalmente porque eles em virtude guerreira ultrapassavam todos os povos, e tanto desceram deste conceito, que sofrem o império do povo romano.

Pelos processos figurativos e semionarrativos, César constrói, nos *Commentarii*, uma verdade, com um valor firme no universo da obra. Isto se dá por meio dos processos de veridicção para os quais ele utiliza dos recursos retóricos como já foi visto. Este trecho nos permite analisar uma das “definições” que encontramos na obra: o retrato do povo gaulês. Toda a obra tem, sem dúvida, um forte caráter etnográfico. Esta descrição, entretanto, não é, de forma alguma, imparcial ou livre de preconceitos, pelo contrário, dá-nos preciosas informações sobre a visão do escritor, talvez mais do que sobre o assunto descrito. Se a opinião de César sobre os gauleses é questionável, a descrição feita nos permite algumas análises sobre os meios usados para criar essa descrição, a maneira como o valor de verdade é construído no discurso e o estilo retórico, de pensamento e de discurso do autor.

Seccionamos o trecho em duas partes: V, 54.1-3 e V, 54.4-5. Na primeira parte temos o início do conflito com os Senones, que ocorre já em um contexto de rebeliões, no qual César é forçado a agir para manter as cidades fiéis a Roma. Tal insubordinação é motivo comum na obra para o início dos conflitos. A consequência desta, entretanto, é um levante generalizado de muitas cidades. Sobre isso se tem um comentário, que é exemplar para a análise da descrição do povo gaulês na obra. Em V, 54. 4, temos a mudança de status de todas as cidades exceto duas. Estas mantêm a confiança do general por serviços prestados — descritos anteriormente na obra, destoando assim das outras por uma qualidade: a constância. A inconstância é uma qualidade frequentemente atribuída aos gauleses, aqui a temos em dois momentos: primeiro, o percurso dos senones, que os leva de amigos a inimigos; segundo, avaliação feita pelo narrador: “*tantum apud homines barbaros ualuit esse aliquos repertos principes belli inferendi tantamque omnibus uoluntatis commutationem attulit*”. Isto quer dizer, a mudança na atitude dos gauleses foi algo perceptível, daí a atribuição da inconstância. A afirmação se apóia na descrição anterior e esta faz valer sua verdade pelos recursos de clareza e objetividade do estilo.

No fim temos um comentário de César sobre a opinião que acabou de ser dada. Este é um raro exemplo de algo posto em discussão, e cujos questionamentos ficam em aberto: “*Idque adeo*

haud scio mirandumne sit cum compluribus aliis de causis, tum maxime quod qui uirtute belli omnibus gentibus praefererent, tantum se eius opinionis deperdidisse, ut a populo Romano imperia perferrent, grauissime dolebant.”. Esta é uma demonstração explícita do respeito pela atitude guerreira dos gauleses. Vemos isto já em I, 1, onde aqueles gauleses mais afastados dos romanos são elogiados por sua virtude guerreira. Este último comentário se afirma não apenas pelo que foi dito imediatamente antes, mas em todo o sistema de verificação da obra.

Muito superficialmente podemos afirmar que os *Commentarii de Bello Gallico* defendem esta campanha romana. Para isso, defendem a atitude do general e de seu exército, a política imperialista⁷⁸ e a função da guerra em relação à “*salus rei publicae*”, a segurança da república. Justifica-se a dominação romana como um meio de garantir a segurança da pátria. A melhor justificativa para tanto se encontra em I, 10,2 “*Id si fieret, intellegebat magno cum periculo prouinciae futurum, ut homines bellicosos, populi Romani inimicos, locis patentibus maximeque frumentariis finitimos haberet.*” (Entendia que, se isto se desse, haveria grande perigo para a província que tivesse em campos expostos e plenos de recursos vizinhos belicosos inimigos do povo romano.). Isto sugere que a intervenção nos vizinhos era vista como elemento essencial da política de defesa de Roma. Não temos o objetivo de focar especificamente a política romana, mas de ressaltar que algo dela pode ser compreendido na pura análise do texto de César. O que ocorre, apesar disso, é uma identificação com os gauleses por duas semelhanças: o valor guerreiro e o desejo de liberdade. Esses valores põem os gauleses num patamar muito valorizado o que quase indica uma atitude imparcial. Mas a verdade é o inverso, César transpõe para os bárbaros os valores romanos; em vez de conhecê-los em suas próprias virtudes, ele os avalia na medida em que se aproxima daquelas romanas. Este é um exemplo de discurso etnocêntrico que perdura até os dias de hoje e que pode ser visto nos *Commentarii*.

⁷⁸ Definiremos política imperialista por “tendência de um Estado, nação ou povo de impor o seu domínio ou seu controle direto ou indireto sobre outro Estado, nação ou povo. O imperialismo se caracteriza por urna ação de poder, contrária à vontade do Estado, nação ou povo sobre o qual incide.” (verbete: imperialismo, Enciclopédia Mirador, 1979) por considerá-la genérica e ao mesmo tempo precisa para abarcar a complexidade da política externa romana.

Outra afirmação bastante significativa é “Cada passo à frente que ele deu pôde ser considerado em conformidade com a peculiar concepção romana de guerra defensiva, que cobria a prevenção e a eliminação de qualquer ameaça potencial (grifo do autor) ao poder romano. Os Comentários candidamente revelam que este *casus belli* era subsidiário, pelo menos no final.”. Brunt. *Laus Imperii*, in GARNSEY, R.D.A & WHITTAKER, C.R. (1978), p. 179

4. PERSONAGEM

4.1. Descrição

4.1.1. A definição de personagem

O conceito de personagem, derivado da *dramatis persona* do teatro antigo, é mais ou menos constante na teoria da literatura. Para fugir à análise psicológica e privilegiar uma postura estrutural, Greimas criou o termo ator⁷⁹, justamente para indicar que não há necessidade de o personagem ser análogo a uma pessoa real e enfatizar o seu caráter funcional, que vem desde as funções de Propp. O ator é analisado em dois planos: parte do plano semionarrativo, onde ator é o actante sujeito de um programa narrativo e aponta para o plano figurativo onde ele recebe uma carga semântica que o identifica, (tipo, espécie, nome, etc...). Assim, podemos estudar o personagem pela sua descrição e pelos seus percursos, estas informações eventualmente vão colaborar para o nível mais profundo da análise, onde poderemos procurar o sentido e o valor do personagem, do seu ser e do seu fazer.

Nas narrativas, classificamos os personagens em protagonistas, antagonistas e coadjuvantes. O protagonista é o ator que tem seu percurso narrativo descrito em primeiro plano na narrativa; naquelas em que há apenas um protagonista, o programa narrativo deste se confunde com o esquema da narrativa como um todo, naquelas onde há vários protagonistas o esquema da narrativa é composto de seus programas hierarquizados. O antagonista é aquele que tem um programa oposto ao do protagonista, motivado por um anti-destinador e visa um anti-objeto, seu percurso consiste em negar e impedir o e percurso do protagonista; ele, portanto, realiza seu programa a-

⁷⁹ **Personagem** s. f.

fr. Personnage; ingl. Personage

Empregado, entre outras coisas, em literatura e reservado às pessoas humanas, o termo personagem foi progressivamente substituído pelos conceitos — mais rigorosamente definidos em semiótica - de actante e de ator. Greimas e Courtés (1979), p. 332

Ator s. m.

fr. Acteur; ingl. Actor

1. Historicamente, o termo ator foi progressivamente substituindo personagem (ou *dramatis persona*) (...) 4. Chega-se, assim, a uma definição mais precisa de ator: é o lugar de convergência e de investimento dos dois componentes, sintático e semântico. Para ser chamado de ator um lexema deve ser portador de pelo menos um papel actancial e de no mínimo um papel temático. Acrescentemos que o ator não é somente lugar de investimento desses papéis, mas, também, de suas transformações, consistindo o discurso, essencialmente, em um jogo de aquisições e de perdas sucessivas de valores. Greimas e Courtés (1979), p. 34

penas se vencer este conflito. O coadjuvante é aquele cujo programa narrativo está subordinado ao do protagonista ou do antagonista, de modo que seu percurso e seu programa próprios não são descritos na narrativa, ou aparecem apenas como percurso de uso, diante do percurso base da narrativa, o coadjuvante se reduz a uma faceta da ação do destinador sobre o desempenho do protagonista ou do anti-destinador sobre o antagonista.

César é o protagonista da obra, pois seu percurso consiste no percurso base da narrativa. Ele integra os outros personagens definindo-os como coadjuvantes ou antagonistas em relação a seu programa. Veremos então como César é descrito e depois analisaremos seus percursos.

4.1.2. A descrição de César

A primeira informação que temos sobre César no texto é uma citação nominal.

I, 7

Caesari cum id nuntiatum esset eos per prouinciam nostram iter facere conari, maturat ab urbe proficisci et quam maximis potest itineribus in Galliam ulteriorem contendit et ad Genauam peruenit. Prouinciae toti quam maximum potest militum numerum imperat — erat omnino in Gallia ulteriore legio una; pontem qui erat ad Genauam iubet rescindi. Ubi de eius aduentu Heluetii certiores facti sunt, legatos ad eum mittunt nobilissimos ciuitatis, cuius legationis Nammeius et Verucloetius principem locum obtinebant, qui dicerent sibi esse in animo sine ullo maleficio iter per prouinciam facere, propterea quod aliud iter haberent nullum; rogare ut eius uoluntate id sibi facere liceat. Caesar, quod memoria tenebat L. Cassium consulem occisum exercitumque eius ab Heluetiis pulsum et sub iugum missum, concedendum non putabat; neque homines inimico animo, data facultate per prouinciam itineris faciundi, temperaturos ab iniuria et maleficio existimabat. Tamen, ut spatium intercedere posset, dum milites quos imperauerat conuenirent, legatis respondit diem se ad deliberandum sumpturum; si quid uellent, ad Idus Apriles reuerterentur.

Como a César fosse avisado que eles tentavam cruzar a nossa província, apressa-se em partir da cidade e, com as maiores jornadas que pode, dirige-se à Gália Ulterior e chega a Genebra. Ordena o maior número de soldados que pode em toda a província — havia em toda a Gália Ulterior apenas uma legião; e manda cortar a ponte que havia em Genebra. Quando os helvécios foram certificados da sua chegada, mandam-lhe, os mais ilustres embaixadores da cidade,

de cuja embaixada Nomeio e Verucloécio tomavam o lugar principal, para que dissessem que tinham a intenção de passar pela província sem causar nenhum malefício, isto porque não tinham nenhum outro caminho; e rogassem lhes fosse permitido fazer isso de bom grado. César, pois tinha na memória o cônsul Lúcio Cássio ter sido morto e o seu exército ter sido dissolvido pelos helvécios e posto sob jugo, não julgava dever conceder; nem considerava que homens de espírito inimigo, dada a faculdade de cruzarem a província, não seriam tentados pela injúria e pelo malefício. Contudo, para que pudesse dar espaço, enquanto chegavam os soldados que mandara, responde aos embaixadores que tomaria uns dias para deliberar; e que voltassem nos idos de abril se quisessem.

Logo percebemos que nenhum adjetivo é dado a César, só o conhecemos por seus predicados, todos verbais. Eles são:

- *nuntiatum esset*
- *maturat ab urbe proficisci*
- *et ad Genauam peruenit*
- *militum numerum imperat*
- *iubet rescindi.*
- *memoria tenebat*
- *concedendum non putabat;*
- *existimabat.*
- *legatis respondit*

Os verbos indicam as ações comuns do personagem e o seu direcionamento, temos verbos que serão significativos da sua atitude: verbos de movimento, verbos causativos e verbos de conhecimento/julgamento. César fica, assim, caracterizado como alguém que tem autoridade sobre a tropa; está em campanha com ela; e lida com os estrangeiros com autoridade e autonomia de julgamento. Caracteriza-se sendo o tipo do líder que tem características específicas na sintaxe narrativa, no plano figurativo, e sua caracterização se dá por um termo que aparece muito poucas vezes: *imperator*.

4.1.2.1. Um tipo: o *imperator*

A definição corrente de *imperator* é: título recebido por cônsul ou próconsul, pretor ou própretor, adicionado ao fim de seu nome até o fim da magistratura⁸⁰, concedido pelo Senado devido a uma importante vitória militar; ao *imperator* é concedido o direito do *triumphus*, a entrada triunfal na cidade em procissão com os despojos da batalha. A tradução mais comum é general, para dissociar do imperador romano, o *princeps*. Caio Júlio César foi o primeiro a receber o título em caráter permanente, em 44, mas já o recebera pela primeira vez em 60, depois da campanha contra os lusitanos na Hispânia. Este título foi estendido aos seus descendentes da dinastia júlio-claudiana e, posteriormente, a todos os *princeps*; daí o título imperador ser utilizado para o soberano romano.

Como próconsul, César exercia o *imperium* na sua província designada exatamente como o cônsul o fazia em Roma, mas sem a presença inoportuna do Senado para vigiá-lo de perto e, principalmente, sem um *collega* de proconsulado⁸¹; isto explica o caso que incitou a guerra civil: César se recusou a deixar seus poderes proconsulares para ir à Cidade. O *imperium* pertencia teoricamente ao povo romano desde a expulsão dos reis, daí a referência constante a “*imperium populi Romani*”, o império do povo romano; e ele era solenemente conferido aos magistrados pelos *comitia curiata*, os comícios curiados, por meio da *lex curiata de imperio*.

O *imperium* consistia em:

- Recrutar e comandar soldados e tropas auxiliares, nomear oficiais;
- Jurisdição civil, administrativa e criminal; no caso do próconsul: as juntas provinciais.
- Coerção e repressão até a pena capital (prender, mandar executar);
- Convocar o povo para comícios centuriados fora da Cidade.
- *Jus auspiciorum maiorum*: podem consultar os auspícios fora da Cidade.

⁸⁰ As magistraturas eram anuais, exceto a censura, que durava dezoito meses, e a ditadura, que durava seis meses. César, entretanto recebeu o proconsulado da Gália por cinco anos (59-55) e depois mais cinco (54-50). Antunes, Manuel. Verbete: César, in *Verbo-Enciclopédia Luso-brasileira de Cultura* (1998)

⁸¹ Os cônsules eram eleitos em pares e alternavam o poder mês a mês. Dois ocupantes da mesma magistratura eram chamados *collegae*, colegas ou companheiros. Daí o termo *collegium*, colégio, conjunto de magistrados da mesma magistratura. Os próconsules não tinham *collegae*, governavam sozinhos.

E, além disso, chama atenção a grande autonomia com que César dirige a política externa romana junto aos gauleses, germanos e bretões e tem liberdade para iniciar, conduzir e estender as campanhas militares. Esta era, entretanto, uma característica inerente ao *imperium*, como se pode constatar da atuação dos generais romanos em outras áreas: Crasso da Partia, Pompeu na Ásia e o próprio César anteriormente no Mediterrâneo.

Estruturalmente, o *imperator* se caracteriza por composições modais particulares dentro de uma narrativa de guerra. Primeiramente, ele se põe na mais alta posição na hierarquia dos programas narrativos com duas conseqüências: eventualmente ele retira a autonomia actancial dos sujeitos dos programas subordinados, os sujeitos são reduzidos a agentes instrumentais e estes programas são absorvidos pelo líder; outra conseqüência é que o *imperator* assume o percurso da guerra como próprio percurso pessoal. Assim, fica fundido ao personagem coletivo que lhe serviria de destinador, mormente seu povo. Isto causa a contaminação dos valores do percurso, pois é competência do destinador engendrar os valores e atribuí-los a um objeto de busca ou preservação para o sujeito, aqui o sujeito ganha a possibilidade de criar para si mesmo valores de busca. No nível textual surge a ambição própria que se mistura nos interesses da nação que se busca defender. A estrutura resultante, que iguala sujeito a destinatário, compõe um “segundo esquema” para o mesmo percurso.

Além disso, temos valores tipicamente constituintes do tipo: a autoridade e o poder (*auctoritas* e *imperium*). A primeira sugere um esquema onde o *imperator* foi valorizado positivamente por uma instância capaz de conceder-lhe tal autoridade, no caso de César temos a autoridade proconsular que lhe foi atribuída pelo povo romano, teoricamente em conformidade com Senado, por meio da consagração no comício curiatio. Esta escolha se baseia num critério canônico: a *dignitas*. Assim temos o esquema:

+*dignitas* = +desejável (querer ser)

O *imperium* dá ao personagem a possibilidade de engendrar valores para si e para os outros e convertê-los em objeto-valor de busca. Por isso, ele tem o controle do próprio percurso e do percurso dos seus subordinados, que é a autonomia do magistrado, da qual César participava como próconsul e que se definia no conceito jurídico de *imperium*. Este poder não era, de modo algum, absoluto, e estava sob a autoridade relativa do Senado e, teoricamente, do povo romano.

Entretanto, não raras vezes a autonomia se fazia valer e o general podia fazer a sua vontade ser a vontade de Roma. Politicamente, esse poder reunia o que hoje se divide nos três poderes republicanos, sugerindo-nos um interessante eixo de análise:

Legislativo	Executivo	Judiciário
Decide o melhor para Roma	Executa sua deliberação	Avalia seus resultados
Fase de contrato	Fase de desempenho	Fase de sanção
(elege-se como sujeito de ação)	(capacita-se e a seus adjuntos)	(garante a aprovação de sua ação)

Este esquema coincide com o percurso do destinatador no programa de César, nos momentos em que ele assume a posição de seu próprio destinatador. Assim ele mesmo decide o que deve ser feito, capacita a si mesmo para a tarefa — busca recursos entre aliados e solicita à Roma, executa-a e depois recolhe para si o produto de seu trabalho, materialmente e em forma de reconhecimento pelo Senado, graças aos seus próprios relatórios. Veremos como as características do *imperator* são atribuídas ao personagem no plano da textualização:

II, 2

His nuntiis litterisque commotus Caesar duas legiones in citeriore Gallia novas conscripsit et in ita aestate in interiorem Galliam qui deduceret, Q. Pedium legatum misit. Ipse cum primum pabuli copia esse inciperet, ad exercitum uenit. Dat negotium Senonibus reliquisque Gallis qui finitimi Belgis erant, uti ea, quae apud eos gerantur, cognoscant seque de his rebus certiores faciant. Hi constanter omnes nuntiauerunt manus cogi, exercitum in unum locum conduci. Tum uero dubitandum non existimauit, quin ad eos proficisceretur. Re frumentaria prouisa duodecimo die castra mouet diebusque circiter XV ad fines Belgarum peruenit.

Movido por estas notícias e cartas, César alistou duas novas legiões na Gália Citerior e, começado o verão, mandou o legado Quinto Pédio rumar para a Gália Interior. O próprio César, como começasse a haver fartura de alimentos, veio ao exército. Dá aos senões e aos demais gauleses que eram vizinhos dos belgas o trabalho de informar-se do que se passava entre eles e de fazê-lo ciente destas coisas. Todos eles, com constância, avisaram que as forças estavam reunidas e o exército era conduzido para o mesmo lugar. Então, julgou, de fato, não dever hesitar em avançar contra eles. Providenciados os mantimentos, no décimo segundo dia levanta acampamento e, em cerca de 15 dias, chega às fronteiras dos belgas.

Temos aqui predicados que mostram claramente as noções acima descritas:

- 1) Predicados de deliberar: “*conscriptis legiones*”, “*misit legatum*”, “*dat negotium*”, que mostram seu poder civil e militar de arremeter tropas e deliberar sobre as relações tanto civis quanto militares junto aos habitantes de fora das fronteiras da província.
- 2) Predicados de fazer: “*ad exercitum uenit*”, “*castra mouet*”, mostram a execução direta das deliberações. Vemos assim que o comandante se mantinha sempre junto aos exércitos e conduzia as batalhas pessoalmente.
- 3) Predicados de julgar: “*existimauit*”, verbos de pensamento são muito comuns em toda a obra, pelos quais se mostram primeiro as razões das decisões tomadas e depois as avaliações feitas por César das ações próprias e de outros.

Conjugados, estes desempenhos sugerem uma competência e eficiência no uso da autoridade adquirida e no exercício do império. É por meio de ações como essas que o romano buscava, dentro do sistema, conseguir a *gloria*. Este valor servia diretamente para aumentar a sua *dignitas*, neste caso vista como a consideração do homem diante da opinião do povo e do Senado romano, apoiada no *mos maiorum*. Assim, o *imperator* continua em Roma uma tradição historiográfica do herói nacional, comandante da batalha. O *imperium* é, sem dúvida, a grande expressão do antigo poder régio que, durante a república, manteve-se dependente da escolha dos comícios, pois desconsidera a noção de divisão entre poderes e afirmava-se tanto civil quanto militar e religiosamente, sem considerar divisão entre essas esferas. O *imperator* é, neste contexto, o resquício do antigo *rex* e o único obstáculo ao seu poder total são as determinações de tempo e espaço para exercê-lo, já que o *imperium* do próconsul está restrito à sua província designada e o do cônsul à Cidade.⁸²

A recorrência e a repetição destes mesmos vocábulos durante toda a obra retratam um jargão administrativo civil e militar que define as funções do próconsul e desenvolvem uma descrição do serviço público romano. Por um lado, consideramos que a escolha destes vocábulos tenha sido fortemente influenciada pelos costumes dos relatórios dos comandantes romanos, uma vez

⁸² O único magistrado que teria as mesmas prerrogativas de um rei seria o *dictator*, que é uma magistratura extraordinária, exercida somente em momentos de perigo para a república. Este estado era chamado *tumultus*, e somente poderia ser proclamado pelo Senado, neste estado o *imperium* de todos os magistrados é suspenso, e somente o *imperium* do *dictator* vigora sobre todos os territórios. O mandato do *dictator* durava somente seis meses e ele era escolhido por um dos cônsules dentre os antigos cônsules.

que o relato de suas atividades era parte integrante das funções dos magistrados, pois que constantemente seriam levados a defender suas ações perante o Senado ou comícios. Por outro, por sua abrangência esta descrição visam à totalidade das atribuições militares do *imperator*, assim criam um sistema de descrição, o verdadeiro jargão, que inclui significados particulares que, partindo da obra, se conservariam como estilo na obra de outros autores.

Outros *imperatores*

É bastante sintomático que Vercingetórix seja o único gaulês a ser chamado de *imperator*. Isto representa o reconhecimento da sua organização militar e da sua autoridade como algo que de fato, rivalizasse com a posição de César na Gália. Caracteriza-se o *imperator* como um chefe com atribuições específicas diferentes de outros generais, fundamentalmente porque fora a ocasião em que, de fato, a Gália se reunira sob um único comandante. Assim os aspectos que são enfatizados em Vercingetórix são: comando sobre todas as tropas indistintamente da origem, poder de arbitrar sobre outros povos e cidades, poder de vida e morte sobre os combatentes e as populações das cidades atacadas.

(...) omnium consensu ad eum defertur imperium. Qua oblata potestate omnibus his ciuitatibus obsides imperat, certum numerum militum ad se celeriter adduci iubet, armorum quantum quaeque ciuitas domi quodque ante tempus efficiat constituit; in primis equitatus studet. Summae diligentiae summam imperii seueritatem addit; magnitudine supplicii dubitantes cogit.

(...) pelo consenso de todos, o comando é dado a ele. Tomado esse poder, requisita reféns a todas estas cidades, e manda que sejam rapidamente enviados a si certo número de soldados, determina o quanto de armas cada cidade deve mandar e em que tempo, cuida primeiramente da cavalaria. À suma diligencia acrescenta a suma severidade no comando; e comove os hesitantes pela gravidade das punições.

VII, 4, 6-9

O termo também é usado numa referência ao general romano Caio Mário; este recebeu oficialmente o título de *imperator*, enquanto era côsul, justamente pela sua vitória sobre os germanos em 101-102 a.C. (I, 40, 5). Esta referência histórica é um detalhe importante considerando o contexto e os objetivos da obra, trataremos a esse tema mais abaixo.

4.1.2.2. As qualidades e especificação

Partindo do paradigma do general, as qualidades pessoais de César vão se mostrando aos poucos. Importante perceber que elas nunca se depreendem totalmente das qualidades profissionais. A composição do “homem César” parte do tipo e sempre o mantém no horizonte de referência. É uma valorização do homem pelos seus feitos, observados sempre a partir do mesmo paradigma de avaliação: o sucesso nas campanhas.

Um estudo centrado apenas nas estruturas figurativas e temáticas nos permite encontrar certos adjetivos mais ou menos “ocultos”, que se mostram por verbos de raiz adjetiva, advérbios, descrições abstratas e construções semânticas mais complexas. Diante do motivo “guerra”, percebemos primeiramente que as qualificações todas se mantêm dentro do tipo *imperator*, nada mais é dito do personagem, exceto o que se refere à execução de suas tarefas e atribuições; as qualidades são, mormente, éticas partindo de qualidades pragmáticas, indo da esfera militar para a esfera política e particular. Assim os valores de *dignitas* e *gloria* estão sempre no horizonte da descrição. Por isso classificamos os predicados em três campos: o deliberativo, o executivo e o judiciário:

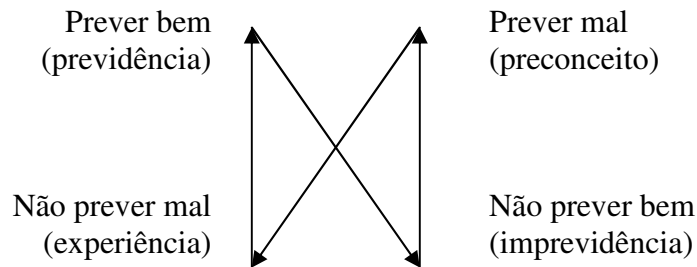
4.1.2.2.1. Campo deliberativo

No campo deliberativo tratamos das qualidades que se percebem pelos enunciados de considerar, decidir e ordenar, muito abundantes no texto. Estes predicados ressaltam a grande autonomia do personagem para determinar seu percurso e os valores inscritos nos objetos. As decisões se dão sempre tendo em vista o seu destinador o “*populus Romanus*”. Por isso, argumenta-se para que as ações pareçam sempre condizentes com o benefício do povo e não de César. Ele, entretanto, é aquele capaz de tomar as decisões mais acertadas para proteger o povo. Tem, portanto, a *sapientia*, definida geralmente por bom senso e clarividência política⁸³, a qual traduziremos por previdência, para não confundir com a noção de sabedoria como experiência pessoal mais moral do que propriamente prática.

⁸³ Cf: Pereira (1986), p. 409-411

- Previdência

Estruturalmente a previdência se descreve por uma derivação do conhecer: “o conhecer antes de experimentar”, prever, projetar, preconceber, e posteriormente por uma moralização pelos resultados bons ou ruins:



I, 33

His rebus cognitis Caesar Gallorum animos uerbis confirmavit pollicitusque est sibi eam rem curae futuram; magnam se habere spem et beneficio suo et auctoritate adductum Ariouistum finem iniuriis facturum. Hac oratione habita concilium dimisit. Et secundum ea multae res eum hortabantur, quare sibi eam rem cogitandam et suscipiendam putaret, imprimis, quod Haeduos fratres consanguineosque saepe numero a senatu appellatos in seruitute atque in ditione uidebat Germanorum teneri eorumque obsides esse apud Ariouistum ac Sequanos intellegebat; quod in tanto imperio populi Romani turpissimum sibi et rei publicae esse arbitrabatur. Paulatim autem Germanos consuescere Rhenum transire et in Galliam magnam eorum multitudinem uenire populo Romano periculosum uidebat, neque sibi homines ferros ac barbaros temperaturos existimabat, quin cum omnem Galliam occupauissent, ut ante Cimbri Teutonique fecissent, in prouinciam exirent atque inde in Italiam contenderent, praesertim cum Sequanos a prouincia nostra Rhodanus diuideret; quibus rebus quam maturrime occurrendum putabat. Ipse autem Ariouistus tantos sibi spiritus, tantam arrogantiam sumpserat, ut ferendus non uideretur.

Conhecidas estas coisas, César confirmou com palavras os ânimos dos gauleses e se dispôs a cuidar de tal assunto no futuro; grande esperança tinha que com seu benefício e autoridade Ariovisto seria convencido a pôr fim nas hostilidades. Proferido este discurso, despede o conselho. E, além disso, a esta decisão muitas razões o impeliam, pelas quais julgava dever cogitar e tratar desse as-

sunto, primeiramente, porque via os hédúos muitas vezes terem sido chamados de irmãos e consangüíneos, submetidos à servidão e rendição aos germanos e percebia os seus reféns com Ariovisto e os séquanos, o que com tanto poder do povo romano julgava muito maléfico para si e para a república. Via como perigoso ao povo romano que, aos poucos, os germanos se acostumassem a cruzar o Reno e vir grande multidão dos seus para a Gália. Nem considerava que homens ferozes e bárbaros não seriam tentados, uma vez que ocupassem toda a Gália, a invadir a nossa província e rumar até a Itália, como antes fizeram os cimbro e os teutões, já que com os séquanos a nossa província divisava, por tais razões, julgava que isto poderia acontecer muito cedo. Ainda, o próprio Ariovisto havia incorrido em tamanha arrogância, que não devia mais ser tolerado.

Este capítulo descreve a resposta de César ao pedido de ajuda feito pelos gauleses. Primeiro descreve-se a sua resposta (1) e depois temos a sua justificativa, as razões que o motivaram (2-5). A enumeração delas mostra a profundidade e a amplitude da previdência do general. São basicamente três argumentos que se desdobram:

1. (2): Este argumento indica a preocupação com o aliado que reverte para a própria Roma: César prevê que a impassividade diante do pedido de ajuda diminuiria o conceito romano entre os gauleses, primeiro por mostrar deslealdade e indisposição para ajudar, mostrado em “*Haeduos (...) uidebat*”; depois porque sugeriria o temor de enfrentar os germanos, mostrado em “*quod in tanto (...) arbitrabatur*”. Assim, esta campanha seria essencial para consolidar Roma como a principal influência na Gália. Essa previsão depende do conhecimento de que os gauleses seriam facilmente impressionados por demonstrações de força e tenderiam a apoiar a facção que mais se dispusesse militarmente. Esse preconceito se confirmaria diversas vezes na narrativa, mostrando assim a previdência de César.

2. (3-4): Este argumento se desdobra: ele é primeiro declarado (3), depois explicado (4). Primeiro, se baseia na idéia preconcebida de que os germanos seriam tentados pelo precedente da incursão de Ariovisto para virem em maior número para a Gália. Depois, desenvolve que, a partir disso, eles poderiam também tentar penetrar na Itália, ameaçando o território romano. Essa previsão é baseada num precedente: o ataque dos cimbro e teutões, expresso numa adjetivação, processo raro nesta obra, “*homines feros ac barbaros*”, e é agravado pela circunstância da proximidade da província. Esses preconceitos sobre a índole e as tendências dos germanos são sempre confirmados na obra, o que novamente mostra previdência.

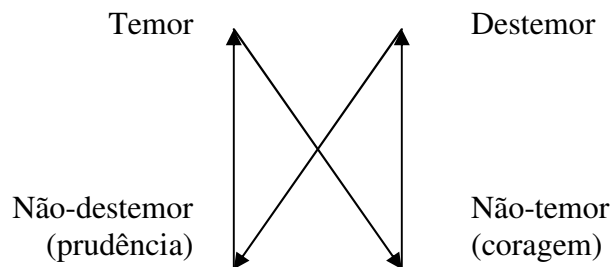
3. (5): Por fim, temos uma avaliação de Ariovisto baseada no relato dos gauleses. Baseado no argumento 1, César receia o surgimento de uma nova força na Gália. Isto mostra um aspecto da campanha gaulesa, que revela algo sobre o pensamento imperialista romano. Trata-se de garantir que Roma, aqui encarnada em César, seja a principal influência política sobre seus vizinhos. Assim, a Gália serviria de escudo para proteger a Itália de ataques pelo norte, o que revela uma mentalidade de “fronteira avançada”, na qual a fronteira seria defendida por meio de operações preventivas no território vizinho.

A enumeração desses argumentos indica preconceitos e, principalmente, a confirmação prática de todos eles demonstra a providência do general. O objetivo constante é o benefício da República, assim o percurso vitorioso confirma a *sapientia* em todas as decisões de César. Progressivamente, ele e Roma são beneficiados por suas ações, que jamais são equivocadas. Esta capacidade de decisão vai se aliar à capacidade de execução perfeita que garantirá as vitórias.

4.1.2.2.2. Campo executivo

No campo executivo, destacamos qualidades/habilidades ligadas à execução das tarefas, mormente militares. Dentre as qualidades destacaremos as que nos parecem abarcar as modalidades dos estados de espírito de modo geral, aquelas que se colocam no eixo temor-destemor, já que as outras emoções são pouco citadas e tradicionalmente não relacionadas ao valor guerreiro, a *uirtus*, o valor que mais é citado na obra. As habilidades abarcam os enunciados de fazer.

Do eixo temor-destemor, depreendemos a oposição que relaciona as qualidades coragem e prudência:



Como essas qualidades se descrevem por contradição, elas aparecem sempre em contraste. Assim, a coragem de César se mostra diante do medo dos outros personagens e sua prudência diante do destemor deles.

- Coragem

II, 25

Caesar ab decimae legionis cohortatione ad dextrum cornu profectus, ubi suos urgeri signisque in unum locum conlatis duodecimae legionis confertos milites sibi ipsos ad pugnam esse impedimento uidit, quartae cohortis omnibus centurionibus occisis signiferoque interfecto signo amisso, reliquarum cohortium omnibus fere centurionibus aut uulneratis aut occisis, in his primipilo P. Sextio Baculo fortissimo uiro multis grauibusque uulneribus confecto, ut iam se sustinere non posset, reliquos esse tardiores et nunnullos ab nouissimis desertos proelio excedere ac tela uitare, hostes neque a fronte ex inferiore loco subeuntes intermittere et ab utroque latere instare et rem esse in angusto uidit neque ullum esse subsidium, quod submitti posset: scuto ab nouissimis uni militi detracto, quod ipse eo sine scuto uenerat, in primam aciem processit centurionibusque nominatim appellatis reliquos cohortatus milites signa inferre et manipulos laxare iussit, quo facilius gladiis uti possent. Cuius aduentu spe inlata militibus ac redintegrato animo, cum pro se quisque in conspectu imperatoris etiam extremis suis rebus operam nauare cuperet, paulum hostium impetus tardatus est.

César, saído da exortação da décima legião para a ala direita, quando viu que os seus eram empurrados e que, por terem recolhido as estandartes num só lugar, os soldados da décima segunda legião se haviam apertado uns contra os outros e se atrapalhavam mutuamente no combate, que todos os centuriões da quarta coorte tinham sido mortos, um porta-estandarte tinha sido morto e a estandarte tinha sido perdida, das demais coortes quase todos os centuriões estavam ou feridos ou mortos, e entre estes o primipilar, P. Sextio Báculo, homem de grande valor, estava tão esgotado por causa das numerosas e graves feridas, que já não podia se manter de pé, que os demais soldados estavam mais lentos e que alguns das últimas filas, abandonado o combate, se afastavam e evitavam as lanças, e nem os inimigos cessavam de avançar pela frente, vindos de baixo, e de atacar contra um e outro lado, e viu que estava em aperto e sem nenhum apoio que pudesse mandar: Depois de pegar o escudo de um soldado das últimas filas, porque viera sem o próprio escudo, avançou até à primeira fila e, depois de ter chamado pelo nome os centuriões e reanimado os demais soldados, mandou trazer os estandartes para a frente e descongestionar as fileiras, para que se pudesse mais facilmente usar os gládios. A sua chegada deu esperança aos soldados e devolveu-lhes a coragem, e como cada um, sob o

olhar do general, mesmo se em dificuldade extrema, desejava fazer o seu melhor, o ímpeto do inimigo foi retardado um pouco.

Este trecho é particularmente notável por ser um dos poucos em que se relata um momento de dificuldade dos romanos no combate. Em toda a obra os combates aparecem como embates e manobras, as modalizações, desejos, tentativas, receios, etc., são sistematicamente suprimidos em favor de uma narrativa “factual”; resultado da focalização externa do observador. Aqui temos, entretanto, uma clara descrição do campo semântico do medo. O medo dos soldados aparece e é diante deles que se mostra a coragem de César. A palavra *animo* “coragem” é citada apenas no final, antes ela é prevista pela descrição do medo dos soldados e da atitude do general.

Primeiro temos as dificuldades do combate:

ubi suos urgeri signisque (...) impedimento uidit — a dificuldade para lutar.

quartae cohortis (...) non posset — a perda dos centuriões.

hostes neque (...) instare — o avanço dos inimigos.

et rem (...) posset — a falta de reservas.

Assim, é compreensível o medo dos soldados, expresso não por uma avaliação, mas pelo seu ato:

reliquos esse (...) ac tela uitare — é no termo *uitare* que vemos o medo dos soldados, pois recuam diante do inimigo.

É diante deste ato que se pode inferir que a atitude do general foi corajosa:

scuto ab nouissimis (...) uti possent — enquanto os soldados recuavam César avançou, pôs fim ao medo, e reorganizou as tropas. O general está, então, fora do alcance do medo que afligiu os soldados; ele se encontra na esfera do não-temor e, desse modo, sua coragem é demonstrada.

O efeito da ação comprova a virtude:

cuius aduentu spe inlata militibus ac redintegrato animo, cum pro se quisque in conspectu imperatoris etiam extremis suis rebus operam nauare cuperet, paulum hostium impetus tardatus est. — foi a vinda do general, que determinou o fim do medo, e uma atitude oposta foi iniciada pelos soldados, voltam ao combate e reverterem a situação. Assim, sem nenhuma referência a ação interna, a coragem de César fica patente em seu ato e no efeito do mesmo.

- Prudência

VII, 52

Postero die Caesar contione aduocata temeritatem militum cupiditatemque reprehendit, quod sibi ipsi iudicauissent, quo procedendum aut quid agendum uideretur, neque signo recipiendi dato constitissent neque a tribunis militum legatisque retineri potuissent. Exposuit quid iniquitas loci posset, quod ipse ad Auaricum sensisset, cum sine duce et sine equitatu deprehensis hostibus exploratam uictoriam dimisisset, ne paruum modo detrimentum in contentione propter iniquitatem loci accideret. Quantopere eorum animi magnitudinem admiraretur, quos non castrorum munitiones, non altitudo montis, non murus oppidi tardare potuisset, tantopere licentiam arrogantiamque reprehendere, quod plus se quam imperatorem de uictoria atque exitu rerum sentire existimarent; non minus se in milite modestiam et continentiam quam uirtutem atque animi magnitudinem desiderare

No dia seguinte César, convocada a assembléia, repreendeu a temeridade e a cobiça dos soldados, pois que a si próprios consideraram juízes, para onde parecia que deveriam avançar e o que deveriam fazer, e nem tendo sido dado o sinal de parar, se contiveram e nem pelos tribunos dos soldados e pelos legados puderam ser detidos. Expôs o quanto um lugar desvantajoso pode, como ele mesmo percebera em Avarico, quando, com os inimigos surpreendidos e sem chefe e nem cavalaria, desistira da vitória certa, para que não ocorresse perda por menor que fosse na luta por causa da desvantagem do lugar. O quanto admirava a grandeza de ânimo deles, que nem a fortificação dos acampamentos, nem a altitude do monte, nem os muros da cidade puderam deter, tanto repreendia a licenciosidade e a arrogância, pois julgaram perceber melhor que o general sobre a vitória e sobre o êxito das operações; desejava que não fosse menor no soldado a modéstia e obediência do que a força e a grandeza de ânimo.

A prudência de César se manifesta em oposição à temeridade dos soldados, *temeritatem*. O capítulo contém um mini-discurso, muito parecido com o de I, 40. Temos um exórdio, VII, 52, 1,

onde ele apresenta o erro dos soldados e faz o julgamento da temeridade. A argumentação, VII, 52, 2, mostra o valor da prudência com um *exemplum* de si próprio, conhecido dos soldados. A confirmação, VII, 52, 3, retoma o exórdio e opõe licenciosidade e arrogância à grandeza de ânimo, confirmando o julgamento. Por fim, a peroração traz a proposta, é em VII, 52, 4 que César diz o que deseja dos soldados: modéstia e obediência além de grandeza de ânimo.

É justamente no *exemplum* que César, por contraste, se mostra prudente, pois não só reconhece o erro da temeridade como dá provas do valor e da eficiência da prudência com seu exemplo. Os soldados são chamados a obedecer ao general não apenas por sua autoridade, mas por sua excelência, pois manifesta uma qualidade comprovadamente importante.

No eixo das habilidades, destacamos três para classificar os enunciados de fazer de César enquanto chefe: a capacidade tático-estratégica, mais diretamente ligada ao momento da batalha, a eloquência, habilidade indispensável ao general romano, e a engenhosidade, outra característica fundamental que diferenciava o exército romano. Estruturalmente, pensamos estes três conceitos da seguinte forma: todos estes verbos operam uma mudança de estado, mudança esta que tem sempre como beneficiário aquele que a provocou, o sujeito transformador; ele torna por sua ação o objeto mais favorável a si. Assim temos:

- Estratégia

Neste enunciado, sujeito, César, tem como objeto seus inimigos, trata-se de um choque direto entre programas no qual o sucesso de um depende do fracasso de outro. Assim o percurso é ao mesmo tempo de aquisição da vitória como de prevenção da derrota. A mudança de estado se dá em torná-los incapazes de realizarem seu programa, de perigosos inofensivos, destruindo suas forças. Assim:

- Estado 1: inimigo perigoso.
- Operação de mudança de estado: sujeito César, adjuvante, suas tropas a ele conferidas pelo destinador, opositor, as tropas inimigas motivadas pelo anti-destinador e objeto, o inimigo, seja um líder seja um povo.
- Estado 2: inimigo impotente.

Postridie eius diei, quod omnino biduum supererat, cum exercitui frumentum metiri oporteret, et quod a Bibracte, oppido Haeduorum longe maximo et copiosissimo, non amplius milibus passuum XVIII aberat, rei frumentariae prospiciendum existimans iter ab Heluetiis auertit ac Bibracte ire contendit. Ea res per fugituos L. Aemilii, decurionis equitum Gallorum, hostibus nuntiatur. Heluetii seu quod timore perterritos Romanos discedere a se existimarent, eo magis quod pridie superioribus locis occupatis proelium non commisissent, siue eo quod re frumentaria intercludi posse confiderent, commutato consilio atque itinere conuerso nostros a nouissimo agmine insequi ac lacessere coeperunt.

Postquam id animaduertit, copias suas Caesar in proximum collem subducit equitatumque, qui sustineret hostium impetum, misit. Ipse interim in colle medio triplicem aciem instruxit legionum quattuor ueteranarum; in summo iugo duas legiones, quas in Gallia citeriore proxime conscripserat, et omnia auxilia conlocari, ita uti supra se totum montem hominibus completeret, interea sarcinas in unum locum conferri et eum ab his, qui in superiore acie constituerant, muniri iussit. Heluetii cum omnibus suis carris secuti impedimenta in unum locum contulerunt; ipsi confertissima acie reiecto nostro equitatu phalange facta sub primam nostram aciem successerunt

Caesar primum suo, deinde omnium ex conspectu remotis equis, ut aequato omnium periculo spem fugae tolleret, cohortatus suos proelium commisit. Milites e loco superiore pilis missis facile hostium phalangem perfregerunt. Ea disiecta gladiis dstrictis in eos impetum fecerunt. Gallis magno ad pugnam erat impedimento, quod pluribus eorum scutis uno ictu pilorum transfixis et conligatis, cum ferrum se inflexisset, neque euellere neque sinistra impedita satis commode pugnare poterant, multi ut diu iactato bracchio praeoptarent scuta e manu emittere et nudo corpore pugnare. Tandem uulneribus defessi et pedem referre et, quod mons suberat circiter mille passuum, eo se recipere coeperunt. Capto monte et succedentibus nostris Boii et Tulingi, qui hominum milibus circiter XV agmen hostium claudebant et nouissimis praesidio erant, ex itinere nostros latere aperto adgressi circumuenire et id conspicati Heluetii, qui in montem sese receperant, rursus instare et proelium redintegrare coeperunt. Romani conuersa signa bipertito intulerunt: prima et secunda acies, ut uictis ac summotis resisteret, tertia, ut uenientes sustineret.

Ita ancipiti proelio diu atque acriter pugnatum est. Diutius cum sustinere nostrorum impetus non possent, alteri se, ut coeperant, in montem receperunt, alteri ad impedimenta et carros suos se contulerunt. Nam hoc toto proelio, cum ab hora septima ad ues-

perum pugnatum sit, auersum hostem uidere nemo potuit. Ad multam noctem etiam ad impedimenta pugnatum est, propterea quod pro uallo carros obiecerant et e loco superiore in nostros uenientes tela coniciebant et nonnulli inter carros rotasque mataras ac tragulas subiciebant nostrosque uulnerabant. diu cum esset pugnatum, impedimentis castrisque nostri potiti sunt. Ibi Orgetorigis filia atque unus e filiis captus est. Ex eo proelio circiter milia hominum CXXX superfuerunt eaque tota nocte continenter ierunt. Nullam partem noctis itinere intermisso in fines Lingonum die quarto perueniunt, cum et propter uulnera militum et propter sepulturam occisorum nostri triduum morati eos sequi non potuissent. Caesar ad Lingonas litteras nuntiosque misit, ne eos frumento neue alia re iuuarent: qui si iuuissent, se eodem loco quo Heluetios habiturum. Ipse triduo intermisso cum omnibus copiis eos sequi coepit.

Heluetii omnium rerum inopia adducti legatos de deditioe ad eum miserunt. Qui cum eum in itinere conuenissent seque ad pedes proiecissent suppliciterque locuti flentes pacem petissent atque eos in eo loco, quo tum essent, suum aduentum exspectare iussisset, paruerunt. Eo postquam Caesar peruenit, obsides, arma, seruos, qui ad eos perfugissent, poposcit.

No dia seguinte, porque restavam somente dois dias para que fosse necessário medir o trigo ao exército, e porque de Bibracte, de longe a maior e mais rica cidade dos héduos, não estava longe nem dezoito mil passos, julgando dever prover os suprimentos, afasta-se dos helvécios e toma o caminho para Bibracte. Isto pelos fugitivos de Lúcio Emílio, decurião dos cavaleiros gauleses, é informada aos inimigos. Os helvécios, quer julgassem que os romanos estavam atemorizados, isto mais porque no dia anterior, tendo ocupado os locais superiores, não travaram combate, quer confiassem poder impedir os suprimentos, mudada a decisão e mudado o caminho, começam a seguir e a atacar a nossa última tropa.

Depois que percebeu isto, César conduziu suas tropas para uma colina próxima e enviou a cavalaria para que detivessem o ímpeto dos inimigos. Ele, neste íterim, no meio da colina forma três linhas com as quatro legiões veteranas; no topo da colina, duas legiões, as quais recrutara a pouco na Gália citerior, e toda a tropa auxiliar é colocada, de tal modo que acima de si cubra todo o monte de homens, e manda que as bagagens sejam levadas para um único lugar e este seja defendido pelos que estão na linha mais alta. Os helvécios, seguindo, reuniram todas as suas carroças em um único lugar; eles, tendo a compacta linha rejeitado a nossa cavalaria, seguem contra a nossa primeira linha sob a forma de falange.

César, retirados da vista os cavalos, primeiro o seu depois os de todos, para que igualado o perigo de todos tirasse a esperança de fuga, exortados os seus, começou a batalha. Os soldados facilmente romperam a falange dos inimigos com os pilos lançados de lugar superior. Dissipada esta, com os gládios desembainhados avançaram contra eles. Para os gauleses, grande impedimento havia para o combate, pois que muitos escudos seus com um único golpe dos pilos ficavam atravessados e presos, e como o ferro se amassasse, nem arrancá-los nem lutar comodamente com a esquerda impedida puderam, muitos agitando o braço preferiram livrar-se dos escudos e lutar com o corpo nu. Assim, abatidos pelas feridas começaram tanto a recuar o pé quanto a se retirar, pois um monte havia nas proximidades a mil passos. Capturado o monte e seguindo-os os nossos, os boios e tulingos, que eram aproximadamente quinze mil homens descansados e fechavam a força dos inimigos como retaguarda, a partir do meio do caminho começaram a circundar os nossos pelo flanco aberto e os helvécios, vendo isto, os que no monte se recolheram, retrocedendo começaram a se erguer e a se recompor. Os romanos, virados os estandartes em duas direções, avançaram: a primeira e segunda linha, para que resistisse aos vencidos e retraídos, e a terceira, para que detivesse os que chegavam.

Assim dá-se um longo e difícil combate de dois lados. Com não pudessem deter por mais tempo o ímpeto dos nossos, uns, como haviam começado, se recolhem ao monte, outros às bagagens e aos seus carros se dirigem. Durante toda esta batalha, como desde a hora sétima até o crepúsculo houvesse luta, ninguém pode ver as costas do inimigo. Até a alta noite e até as bagagens se lutou, e isso porque, como usavam as carroças como trincheira, de um lugar superior disparavam as lanças contra os nossos que chegavam, e alguns picavam por entre os carros e as rodas e com lanças e trágulas feriam os nossos. Como se houvesse lutado por muito tempo, os nossos se apoderaram das bagagens e dos acampamentos. Lá a filha de Orgetórix e um dos seus filhos foram capturados. Desta batalha restaram cerca de mil cento e trinta homens e durante toda esta noite continuamente foram levados às fronteiras dos lingones, não sendo o caminho interrompido em nenhuma parte da noite, e em quatro dias chegaram todos. E por causa dos ferimentos dos soldados e do enterro dos mortos os nossos foram retardados três dias e não puderam segui-los. César mandou cartas e mensageiros aos lingones, para que não os ajudassem com trigo nem qualquer outra coisa: se os ajudassem, no mesmo lugar que os helvécios seriam tidos. Ele, passados os três dias, começou a segui-los com todas as tropas.

Os helvécios, forçados pela carência de todas as coisas por causa da rendição, mandaram a ele embaixadores. Eles, quando o

encontraram no caminho, se projetaram aos seus pés e com súplicas e lágrimas pediram a paz e ele os mandou esperar sua chegada naquele lugar onde então estavam, eles obedecem. César depois de lá chegar, exige reféns, armas e escravos, que eles tivessem fugido para junto deles.

Temos a descrição do episódio final da batalha contra os helvécios, a primeira travada por César no comando da Gália, e uma das poucas em que todas as forças romanas tiveram que ser utilizadas, uma vez que ele dispunha na ocasião de cinco legiões⁸⁴ e os helvécios eram noventa e dois mil em armas⁸⁵. Trata-se, então, de uma batalha grandiosa como poucas em toda a campanha gaulesa. Temos aqui os três estágios do esquema que descreve o programa que mostra a capacidade estratégica do personagem.

1. Os helvécios têm a iniciativa do ataque, o que demonstra estarem suficientemente poderosos no momento (I, 23, 3).

2. As ações de César e dos helvécios se alternam, na descrição do choque dos programas narrativos; a batalha se desenrola nas seguintes etapas:

2.1. César agrupa e alinha as tropas com suas bagagens no topo de uma colina, os helvécios fazem o mesmo, encerrado o combate eqüestre, a tropa helvécia avança contra os romanos (I, 24).

2.2. No combate de infantaria, os legionários, favorecidos pelo lugar elevado, sobrepõem facilmente os gauleses, que são obrigados a recuar (I, 25, 1-5).

2.2. Expulsos os helvécios, a retaguarda gaulesa, composta por boios e tulingos, ataca o flanco romano; contra ela César manda a terceira linha que ficara na retaguarda. (I, 25, 6-7).

2.4. Num combate muito acirrado, os legionários levam o dia inteiro para empurrar os gauleses até as suas bagagens, pois eles se recusavam a fugir (I, 26, 1-2).

2.5. Finalmente, combatendo os helvécios entre suas próprias carroças os romanos os derrotam, trucidando-os e apoderando-se de suas bagagens (I, 26, 3-4).

⁸⁴ Cf: César *Bel. Gal.* I, 10.

⁸⁵ Cf: César *Bel. Gal.* I, 29.

3. Os helvécios estão derrotados e submetidos a César (I, 26, 5 - I, 27, 3).

A vitória parece então provir de dois fatores: 1: Superioridade técnica, que provém de duas fontes: primeiro, a tradicional técnica militar romana e a experiência dos legionários, segundo, a eficiente liderança do general. Esta se traduz nos acertados movimentos das tropas para formar as linhas e avançar com elas; não há menções diretas à atitude pessoal do general, que se encontram em alguns outros trechos, por exemplo, VII, 85-88, entretanto, são raras e não é a partir delas que se pode perceber a capacidade estratégica de César, mas pelos seus resultados positivos. De fato, é comum nas descrições a indissociação entre as atitudes inspiradas pelo general e aquelas que seriam o costume dos romanos. Mais do que um inovador, César aparece como o consagrador das táticas romanas, aquele que as levou às mais altas vitórias. Os resultados de tais façanhas são vistos: o reconhecimento pelos próprios soldados, VII, 17, pelo Senado e pelos próprios bárbaros, II, 35, do seu sucesso.

2: O segundo fator da vitória é sem dúvida a superioridade individual do legionário sobre o guerreiro bárbaro, também descrita em vários pontos da obra.

- Engenhosidade

Neste enunciado, César, sujeito, tem como objeto a natureza, a mudança de estado se dá em torná-la de desvantajosa vantajosa, transforma o desvantajoso no vantajoso. Assim:

- Estado 1: natureza desfavorável.
- Operação de mudança de estado: sujeito César, adjuvante, os trabalhadores postos sob seu comando a partir do poder conferido pelo destinador, opositor, as transformações contrárias executadas pelos inimigos ou a disposição inicialmente prejudicial da natureza e objeto a natureza.
- Estado 2: natureza favorável.

I, 13

Hoc proelio facto reliquas copias Heluetiorum ut consequi posset, pontem in Arari faciendum curat atque ita exercitum traducit. Heluetii repentino eius aduentu commoti, cum id quod ipsi diebus XX aegerrime confecerant, ut flumen transirent, illum uno die fecisse intellexerent, legatos ad eum mittunt.

Terminada esta batalha, para que pudesse perseguir as tropas restantes dos helvécios, cuida de fazer uma ponte sobre o Arar e assim atravessa o exército. Os helvécios surpreendidos por sua repentina chegada, pois aquilo que eles próprios com muito esforço fizeram em 20 dias, para que atravessassem o rio, percebendo que ele fizera em apenas um dia, mandam-lhe embaixadores.

II, 12

Castris munitis uineas agere quaeque ad oppugnandum usui erant comparare coepit. interim omnis ex fuga Suessionum multitudo in oppidum proxima nocte conuenit. celeriter uineis ad oppidum actis, aggere iacto turribusque constitutis, magnitudine operum, quae neque uiderant ante Galli neque audierant, et celeritate Romanorum permoti legatos ad Caesarem de deditioe mittunt et petentibus Remis ut conseruarentur impetrant.

Assentados os acampamentos, começa a erguer os manteletes e a preparar o material que seria usado para o assédio. Neste meio tempo, na noite seguinte, a multidão de suessões em fuga chega à cidade. Feitos rapidamente os manteletes para a fortaleza, lançado o terrado e erguidas as torres, movidos pela grandiosidade da obra, a qual jamais tinham visto nem ouvido falar antes pelos gauleses, e pela velocidade dos romanos em contruí-la, mandam embaixadores a César sobre a rendição e, intercedendo os remos, conseguem que sejam conservados.

Nos dois exemplos temos narrativas de construção, primeiro de uma ponte, depois de aparatos de assédio, e o efeito causado por elas nos gauleses. Destaca-se a novidade da construção para eles e a diferença de engenharia entre os povos. A eficiência de tais obras não é atribuída a César, mas descrita como característica do exército romano. Assim, como em relação à estratégia, César consagra as técnicas romanas mais do que inova. O efeito impressionante é decisivo nas batalhas, nos dois casos, os inimigos resolvem pedir a paz, depois de verem as obras romanas. Por isso, a boa engenharia, tanto quanto a boa estratégia, poupa os soldados romanos das perdas da batalha; trata-se de um elogio ao trabalho e à organização sistemática da legião romana, que tanto no

combate quanto na construção se destacava com vantagem e obtinha resultados práticos comprovadores de qualidade. O engenho aparece como valor de prudência na condução das operações.

- Eloquência

Neste enunciado, sujeito, César, tem como objeto seus aliados, a mudança de estado se dá em torná-los mais efetivos, em melhorar sua atitude de ajuda. Assim:

- Estado 1: soldados pouco prestativos
- Operação de mudança de estado: sujeito César, adjuvante, a autoridade conferida pelo destinador, opositor, o temor dos soldados e objeto os soldados.
- Estado 2: soldados muito prestativos.

I, 40-41, 3.

Haec cum animaduertisset, conuocato consilio omniumque ordinum ad id consilium adhibitis centurionibus uehementer eos incusauit: primum quod aut quam in partem aut quo consilio ducebantur, sibi quaerendum aut cogitandum putarent. Ariouistum se consule cupidissime populi Romani amicitiam adpetisse; cur hunc tam temere quisquam ab officio discessurum iudicaret? Sibi quidem persuaderi cognitis suis postulatis atque aequitate conditionum perspecta eum neque suam neque populi Romani gratiam repudiaturum. Quodsi furore atque amentia impulsus bellum intulisset, quid tandem uererentur? Aut cur de sua uirtute aut de ipsius diligentia desperarent? Fac tum eius hostis periculum patrum nostrorum memoria, cum Cimbris et Teutonibus a C. Mario pulsus non minorem laudem exercitus quam ipse imperator meritis uidebatur; factum etiam nuper in Italia seruili tumultu, quos tamen aliquid usus ac disciplina, quam a nobis acceperant, subleuarent. ex quo iudicari posset, quantum haberet in se boni constantia, propterea quod, quos aliquamdiu inermes sine causa timuissent, hos postea armatos ac uictores superassent. Denique hos esse eosdem Germanos, quibuscum saepe numero Heluetii congressi non solum in suis, sed etiam in illorum finibus plerumque superassent, qui tamen pares esse nostro exercitui non potuerint. si quos aduersum proelium et fuga Gallorum commoueret, hos, si quaerent, reperire posse diuturnitate belli defatigatis Gallis Ariouistum, cum multos menses castris se ac paludibus tenuisset neque sui potestatem fecisset, desperantes iam de pugna et dispersos subito adortum magis ratione et consilio quam uirtute uicisse. cui rationi contra homines barbaros atque imperitos locus fuisset, hac ne ipsum quidem sperare nostros exercitus capi posse. qui suum timorem in rei frumentariae simulationem angustiasque itineris conferrent, facere arroganter, cum aut de officio imperatoris desperarent aut praescribere aude-

rent. Haec sibi esse curae; frumentum Sequanos, Leucos, Lingones subministrare iamque esse in agris frumenta matura; de itinere ipsos breui tempore iudicatuos. Quod non fore dicto audientes neque signa latuuri dicantur, nihil se ea re commoueri; scire enim quibuscumque exercitus dicto audiens non fuerit, aut male re gesta fortunam defuisse aut aliquo facinore comperto auaritiam esse conuictam. Suam innocentiam perpetua uita, felicitatem Heluetiorum bello esse perspectam. Itaque se, quod in longiorem diem conlaturus fuisset repraesentaturum et proxima nocte de quarta uigilia castra moturum, ut quam primum intellegere posset, utrum apud eos pudor atque officium an timor plus ualeret. quodsi praeterea nemo sequatur, tamen se cum sola decima legione iturum, de qua non dubitaret, sibi que eam praetoriam cohortem futuram. Huic Caesar legioni indulserat praecipue et propter uirtutem confidebat maxime.

Hac oratione habita mirum in modum conuersae sunt omnium mentes summaque alacritas et cupiditas belli gerendi iniecta est, princepsque decima legio per tribunos militum ei gratias egit, quod de se optimum iudicium fecisset, seque esse ad bellum gerendum paratissimam confirmauit. Deinde reliquae legiones cum tribunis militum et primorum ordinum centurionibus egerunt, uti per eos Caesari satis facerent; se neque umquam dubitasse neque timuisse neque de summa belli suum iudicium, sed imperatoris esse existimauisse.

Como observasse estas coisas, convocado o conselho e admitidos para ele os centuriões de todas as classes, acusa-os veementemente: primeiro porque eram conduzidos ou para aquela parte ou para tal conselho, julgavam o que deveriam procurar para si ou pensar. Já que Ariovisto, sendo César cônsul, pretendeu muito desejoso à amizade do povo romano; por que alguém julgaria que ele quereria sair do dever tão temerariamente? Estava, de fato, convencido de que, sabendo de suas determinações e da justiça das condições, ele não haveria de repudiar nem a sua graça, nem a do povo romano. Pois, se, movido pelo furor e pela demência, começasse a guerra, ainda assim, o que enfim temeriam? Ou por que desesperavam da própria força e da diligência do general? Na memória de nossos pais, experimentaram-se estes inimigos, quando os cimbrós e teutões foram expulsos por Caio Mário, com não menor mérito do exército do que do próprio general, também recentemente na Itália, durante a rebelião dos escravos, os quais ainda alguma técnica e disciplina, que aprenderam de nós, auxiliou. Daí se pode julgar, o quanto vale em si a constância, porque, algumas vezes, os temeram desarmados, sem motivo, superaram estes mesmos depois, armados e vencedores. Depois estes eram os mesmo germanos com os quais frequentemente os helvécios se mediam não apenas nas suas, mas

nas fronteiras deles e muitas vezes os superavam, que não puderam fazer frente ao nosso exército. Se os comove a derrota e fuga dos gauleses, se procurassem, veriam os gauleses fatigados pelo alongamento da guerra, que Ariovisto, uma vez que se mantivesse muitos meses nos acampamentos e não mostrasse sua força atacou-os subitamente já dispersos da luta, mais por estratégia e por perícia do que por força os venceu. E não esperava que pudessem ser capturados pela estratégia que fora eficiente contra homens bárbaros e inexperientes. Os que disfarçavam o seu temor no problema dos mantimentos e na estreiteza do caminho agiam arrogantemente, como ou desesperassem do dever do general ou ousassem prescrevê-lo. Estas coisas foram providenciadas, os séquanos, os leucos e os lingones trazem o alimento e já estava nos campos madura a colheita; do caminho, dentro de breve tempo, poderiam decidir. Quanto a não obedecerem às ordens e não levantarem os estandartes, em nada isso o comove; sabe pois que aqueles a quem o exército não obedecera às ordens ou má fortuna trouxeram com seus feitos ou, descoberto algum crime, houvesse patente avareza. Sua inocência era manifesta por toda a sua vida e sua felicidade pela guerra contra os helvécios. Assim, o que pretendia no dia seguinte, seria feito imediatamente e na próxima noite na quarta vigília moveria o acampamento, para que o quanto antes pudesse saber qual valia mais entre eles o pudor e o dever ou o temor. E se ainda assim ninguém o seguisse, então seguiria somente com a décima legião, da qual não duvidava, e faria dela sua coorte pretoriana. César prezava principalmente a esta legião e, por causa da força, confiava mais dentre todas.

Dito este discurso, as mentes de todos foram mudadas de um modo admirável e altíssimo alarde e vontade de guerrear injetou-lhes. Principalmente a décima legião, por meio dos tribunos militares, moveu-lhe graças, porque fizesse dela ótimo juízo. E confirmou estar preparadíssima para combater. Depois as demais legiões com os seus tribunos militares e centuriões das primeiras classes disseram que por si satisfariam César, que elas jamais duvidaram nem temeram nem julgaram de seu juízo ser a condução da guerra, mas do general.

Dos poucos discursos transcritos este é, sem dúvida, o mais importante, não só pelo tamanho, mas por mostrar claramente o efeito de sua eloquência. São unânimes as fontes biográficas que atestam facúndia do general; se o próprio texto dos *Commentarii*, pelo refinamento do uso dos recursos retóricos, é o maior documento de sua habilidade, não poderia deixar de figurar nele um discurso próprio. Este se destaca por três razões.

- Primeiro o momento: foi proferido antes da guerra contra Ariovisto, logo no primeiro ano de proconsulado; este foi o primeiro confronto contra germânicos, e a primeira campanha conduzida longe da província, que demandou um planejamento complexo, e foi também a primeira iniciativa de intervenção em conflitos gauleses, e a primeira deliberação pela guerra sem agressão aos romanos. Assim, o discurso serviu para ganhar a confiança dos soldados naquele general que até então tinha conseguido poucas vitórias de monta e havia conhecido os soldados há pouco tempo.

- Segundo, o inimigo: tratava-se do primeiro oponente germano desde as guerras de Mário, não era uma referência casual, pois este era temido por todos os gauleses por justamente ter vencido os mais fortes dentre eles, houve uma eficiente propaganda pró-germânica que aterrorizara os soldados (I, 39). Este discurso precisava não apenas desfazer a impressão acerca do inimigo, como também conquistar a confiança para o general.

- Terceiro, por estas mesmas razões o discurso precisava ser curto e objetivo, por ser militar, e conter o uso certo do *pathos*, do *logos* e do *ethos* para desfazer o medo e ganhar a confiança. A partir dele, o outro discurso de César para suas tropas seria justamente para repreendê-los pelo excesso de voluntarismo (VII, 52), tamanha a disposição que os soldados apresentariam lutando sob suas ordens.

O discurso descreve-se primordialmente por uma afirmação da sua autoridade, que se dá por três processos:

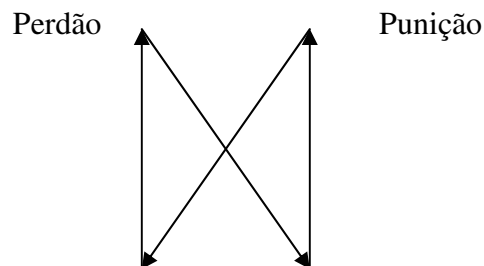
Primeiro, o apelo ao *ethos* do soldado perante seu comandante: temos em I, 40. Aqui se afirma a importância do dever e a gravidade do erro. No início do discurso busca-se discriminar o erro de “*aut quam in partem aut quo consilio ducerentur, sibi quaerendum aut cogitandum*” posteriormente se justificará o porquê dessa ação constituir erro e dar-se á a ela a devida gravidade para que os soldados a reparem. Mostra-se já o caráter legislativo do discurso: busca-se incitar a assembléia a uma decisão, e justamente diante da prova do erro que era buscar decisões por conta própria. O objetivo do discurso é mostrar aos soldados o que não precisaria ser mostrado para convencê-los não só de que não há necessidade de julgamentos posteriores como de que estes não condiziam com os valores romanos de pudor e respeito pelo dever.

Segundo, um longo processo de argumentação: em I, 40, 2-13, a preponderância do *logos* sobre os outros recursos deste discurso indica duas constatações: que na sua fala à tropa ele usara de um estilo “ático”, mais claro, com pouco apelo ao patético, e assim se afirmaria, uma vez que ainda estava por ganhar a confiança dos soldados; o que pretendia fazer por meio da razão, por fatos concretos, não pela emoção, ou pela impressão do discurso, ele pretendia ser respeitado pela sua eficiência em criar as condições de vitória, e não por sua facilidade em convencê-los. Enfatiza, assim, a sua *simplicitas* e *grauitas* e demonstra respeito pela opinião deles. A segunda constatação aponta para a ação do narrador, vista no capítulo anterior, que ao relatar o discurso preferiu transcrever os argumentos, suprimindo as partes mais propriamente patéticas, para enfatizar o *logos* em sua própria obra. Os argumentos são:

Por fim, um sutil e eficiente apelo patético: em I, 40, 14-15, César usa a estratégia de *diuide ut roges*, divide para conquistar, em suas próprias tropas para incitar a competitividade. Com um simples artifício ele garante a dedicação das tropas. Colocado ao fim do discurso, quando os argumentos já foram expostos, este trecho funciona como peroração. Enfatiza-se o caráter deliberativo deste discurso como se fosse escolha dos soldados seguir ou não o general. Este é um segundo apelo ao *ethos*, que fecha o discurso no sentido oposto ao da primeira frase: lá se lembra da autoridade do general sobre as escolhas, aqui os soldados são convidados, pela veracidade dos argumentos, a compartilhar da escolha do general. Se de início eles são advertidos na sua obrigação perante o general, no fim eles são incitados em seus brios de cidadãos romanos. O trecho “*utrum apud eos pudor atque officium an timor plus ualeret*” apela para o peso das palavras *pudor*, *officium* e *timor* e, assim, consegue comprometer a virtude pessoal dos soldados com a execução da sua ordem conseguindo afirmar sua autoridade.

4.1.2.2.3. Campo judiciário

Por fim consideramos o campo da justiça, entendida por virtude de dar a cada um o que lhe cabe. Reduzindo ao julgamento do erro, depreendemos a oposição que descreve as qualidades da clemência e da severidade:



Não-punição
(clemência)

Não-perdão
(severidade)

Estas qualidades se manifestam através da aplicação do poder de julgar, efetivamente o *imperium* proconsular, de César sobre aqueles que estejam sob sua autoridade e, por estarem em erro, são puníveis de alguma forma. Assim, a clemência consiste em deixar de punir, quando é possível, e a severidade em deixar de perdoar quando isso é necessário. Todos os julgamentos se dão sob o signo da necessidade uma vez que, aceitos aqueles argumentos deliberativos, suas ações aparecem sempre como reações naturais às transgressões dos outros para que se preservem os princípios determinados.

- Clemência

I, 20

Diuiciacus multis cum lacrimis Caesarem complexus obsecrare coepit ne quid grauius in fratrem statueret: scire se illa esse uera, nec quemquam ex eo plus quam se doloris capere, propterea quod, cum ipse gratia plurimum domi atque in reliqua Gallia, ille minimum propter adulescentiam posset, per se creuisset, quibus opibus ac neruis non solum ad minuendam gratiam, sed paene ad perniciem suam uteretur. Sese tamen et amore fraterno et existimatione uulgi commoueri. Quod si quid ei a Caesare grauius accidisset, cum ipse eum locum amicitiae apud eum teneret, neminem existimaturum non sua uoluntate factum. Qua ex re futurum uti totius Galliae animi a se auerterentur. Haec cum pluribus uerbis flens a Caesare peteret, Caesar eius dextram prendit; consolatus rogat, finem orandi faciat; tanti eius apud se gratiam esse ostendit uti et rei publicae iniuriam et suum dolorem eius uoluntati ac precibus condonet. Dumnorigem ad se uocat, fratrem adhibet; quae in eo reprehendat ostendit; quae ipse intellegat, quae ciuitas queratur proponit; monet ut in reliquum tempus omnes suspiciones uitet; praeterita se Diuiciaco fratri condonare dicit. Dumnorigi custodes ponit, ut quae agat, quibuscum loquatur, scire possit.

Diviciaco abraçado a César começa a implorar com muitas lágrimas que não ordene nada de grave para o irmão: que sabe que aquilo era verdade, e ninguém mais do que ele sentiria dor, porque seu irmão crescera em graça tanto na própria casa quanto no resto da Gália, enquanto era pouco respeitado por causa da juventude, por causa do seu favor. E agora abusava daqueles trabalhos e daquele poder não somente para diminuir a sua graça, mas quase até a

sua perdição. Era, no entanto, comovido pelo amor fraterno e pela opinião do povo. Pois, se algo de mais grave lhe fosse feito por César, como ele próprio tinha amizade junto a ele, ninguém julgaria que não teria sido feito por sua vontade. E, por isso, no futuro os ânimos de toda a Gália se voltariam contra si. Como de César solicitasse choroso e com muitas palavras, César tomou-lhe a destra; pede que se console e que pare de falar; mostra-lhe que tamanha era a sua graça junto a si que, por sua vontade e preces, deferia não só a ofensa à república, mas também a sua dor. Chama Dumnórix a si, e mantém o irmão; na presença dele mostra porque o repreende; demonstra o que pensa e o que a cidade lamenta; adverte que no tempo futuro evite todas as suspeitas; as passadas, diz perdoar por causa de Diviciaco. A Dumnórix põe vigias, para que possa saber o que faça e com quem converse.

Neste capítulo a clemência aparece acompanhada da *amicitia*, a amizade ao fiel Diviciaco. Temos primordialmente o percurso deste para convencer César a perdoar as faltas do irmão, assim temos dois dados: a disposição de César para perdoar, e sua consideração pelo amigo.

Na ação de Diviciaco temos o estado de disforia: ele está triste diante dos atos do irmão; primeiro porque estes trazem prejuízo em si: I, 20, 2; depois por esperar uma punição de César I, 20, 4, punição esta que além do irmão poderia prejudicar também a si. É então este percurso que determina a situação de César: já se espera dele a punição, ele está na posição de castigar. É também a ação de Diviciaco que caracteriza, no perdão, não só a clemência, mas também a amizade, pois associa sua segurança à do irmão.

César, então, corresponde às duas virtudes optando pela não-punição. Ele não pune, mas também não perdoa, pois mantém vigilância sobre Dumnórix. Assim, encontra um meio de tratar o crime em sua gravidade e salvaguardar o amigo, e se mostra clemente por não fazer uso de um castigo mais severo que o necessário.

IV, 15

Caesar iis, quos in castris retinuerat, discedendi potestatem fecit. Illi supplicia cruciatusque Gallorum ueriti, quorum agros uxauerant, remanere se apud eum uelle dixerunt. His Caesar libertatem concessit.

César àqueles, que se mantiveram nos acampamentos, deu a possibilidade de partirem. Eles temendo suplícios e torturas dos

gauleses, cujos campos atacaram, dizem querer permanecer junto dele. A eles César concedeu liberdade.

Neste trecho temos a questão do direito do vencedor sobre seus cativos. César duas vezes se mostra clemente, primeiro ao garantir a liberdade dos prisioneiros por não os considerar perigosos, isto indica que as punições que fossem infligidas jamais o seriam por crueldade ou vontade de aterrorizar, mas por necessidade; e como não houve motivo para retê-los, liberta-os. Depois, ainda se dispõe a dar-lhes proteção contra os que, não sem justiça, os quisessem atacar. Assim, demonstra não só a disposição de ser justo, mas também senso humanista de preservar a vida, mesmo de estrangeiros. O episódio dos usipetes e tenctérios é particularmente controverso, pois teria sido visto como extermínio pelos inimigos de César e gerado polêmica no Senado⁸⁶. Assim se mostra a atitude propagandística de César, ao ressaltar a clemência sobre os cativos e não a crueldade sobre os que caíram em combate.

- Severidade

III, 16, 3-4

Itaque se suaque omnia Caesari dediderunt. In quos eo grauius Caesar uindicandum statuit quo diligentius in reliquum tempus a barbaris ius legatorum conseruaretur. Itaque omni senatu necato reliquos sub corona uendidit.

Assim, se entregam completamente a César. Ele aplica-lhes castigo mais grave para que mais diligentemente no tempo futuro o direito dos embaixadores seja respeitado pelos bárbaros. Assim, morto todo o senado, vende os restantes como escravos.

Tal como a clemência, a severidade é sempre justificada. Apesar das várias violações tão claramente percebidas na guerra, todas estas são devidamente justificadas como necessárias para o bom curso da campanha e seu objetivo a “*salus populi Romani*”. O massacre dos vênets ocorre como castigo exemplar, dado constante do direito romano. Aqui se trata da violação dos direitos de salvaguarda dos embaixadores, os quais foram mortos por revoltosos daquele povo. César aplica então um castigo coletivo, com a intenção expressa de impressionar os bárbaros.

V, 7

⁸⁶ Vide Canfora (2002), p. 154

Qua re cognita Caesar, quod tantum ciuitati Haeduae dignitatis tribuebat, coercendum atque deterrendum, quibuscumque rebus posset, Dumnorigem statuebat; at, quod longius eius amentiam progredi uidebat, prospiciendum, ne quid sibi ac rei publicae nocere posset. Itaque dies circiter XXV in eo loco commoratus, quod corus uentus nauigationem impediabat, qui magnam partem omnis temporis in his locis flare consuevit, dabat operam, uti in officio Dumnorigem contineret, nihilo tamen setius omnia eius consilia cognosceret. Tandem idoneam nactus tempestatem milites equitesque conscendere naues iubet. At omnium animis impeditis Dumnorix cum equitibus Haeduorum a castris insciente Caesare domum discedere coepit. Qua re nuntiata Caesar intermissa profectioe atque omnibus rebus postpositis magnam partem equitatus ad eum insequendum mittit retrahique imperat; si uim faciat neque pareat, interfici iubet, nihil hunc se absente pro sano facturum arbitratus qui praesentis imperium neglexisset. Ille autem reuocatus resistere ac se manu defendere suorumque fidem implorare coepit, saepe clamitans liberum se liberaeque esse ciuitatis. Illi, ut erat imperatum, circumstant hominem atque interficiunt. At equites Haedui ad Caesarem omnes reuertuntur.

Sabendo disto, César, que atribuía dignidade à cidade dos héduos, determiava que Dumnórix devia ser detido e reprimido, com o que quer que fosse possível, mas, como via que ia mais longe na sua loucura, que se providenciasse que ele não pudesse prejudicar nem a si nem à república. Assim, tendo demorado cerca de 25 dias neste lugar, pois o vento Coro, que a maior parte do tempo costumava soprar nestes lugares, impedia a navegação, César trabalhava para manter Dumnórix no dever, e saber de nada menos que todas as suas decisões. Chegado enfim um tempo propício, manda os soldados e cavaleiros embarcarem nos navios. Mas Dumnórix, quando todos estavam ocupados, começa a retirar-se com os cavaleiros héduos do acampamento sem que César soubesse. Informado este facto, César, interrompida a partida e adiadas todas as ações, envia a maior parte da cavalaria para segui-lo e manda que seja trazido de volta; se resistisse pela força e não obedecesse, manda que seja morto, julgando que nada de bom faria na sua ausência quem renegou sua autoridade consigo presente. Ele convocado, começa, entretanto a resistir e defender-se com suas forças e a implorar a lealdade dos seus, clamando muitas vezes ser livre e de uma cidade livre. A ele, como fora ordenado, cercam e matam o homem, e todos os cavaleiros héduos são remetidos a César.

Destacamos aqui o fim de Dumnórix, poupado em outra ocasião, como prova de clemência. César aqui o pune por não ter abandonado a atividade subversiva, que ameaçava fazer perder seus mais poderosos aliados na Gália, os héduos. Temos a descrição de sua atividade: é motivado pelo

sentimento de liberdade e capacitado pela perspectiva de afastamento dos romanos, que estavam para partir para a Bretanha. Assim, dispõe-se a se libertar pela luta. Para César, sua atitude representava a suprema audácia, visto que já antes lhe perdoara os delitos e entendia ser impossível confiar nele, ainda assim não ordena sua execução sumária, mas a captura. A intransigência do outro não lhe permite a clemência. César vê na sua atitude risco para a posição romana na Gália e é forçado pela necessidade a matá-lo.

Em contraste com I, 20, aqui há a necessidade de não perdoar; sendo o castigo mais severo necessário. César novamente está agindo sob a constante da necessidade, seus julgamentos que sempre visam a “*salus populi Romani*” carregam o mínimo de opinião e o máximo de constatação inquestionável. Eles circunscrevem suas ações sempre na esfera do natural e necessário atribuindo aos opositores a iniciativa desequilibradora. Diante dela sua atitude é a de guardião diligente fiel às suas diretrizes, e não do autocrata que as determina.

4.1.2.3. A dupla qualificação

No todo percebemos a dupla qualificação do personagem: por um viés temos o *imperator* dedicado e eficiente, concentrando todas as virtudes necessárias, ele alcança as maiores glórias romanas e por fim se qualifica para ser o primeiro entre os romanos; por outro viés vemos um homem extremamente hábil em aplicar todos os seus recursos e forças para objetivos por si mesmo determinados: se ele parece comprometido com o povo romano, certamente o faz em seus termos e está claramente disposto a fazer valer as suas decisões a qualquer custo, independente do bem estar de seus próprios soldados e sem ponderar as reais vantagens de seus atos para o povo romano. Esta dupla qualificação só se mostra realmente diferenciadora se as considerarmos diante da oposição dos programas o militar e o político.

4.2. Motivação e ação

4.2.1. O programa narrativo

Retomando os dados apreendidos no tópico anterior, o, *imperator*, enquanto líder, traz implicações quanto às estruturas posicionais do personagem. O tipo líder permite a César ser muitas vezes seu próprio destinador, e engendrar seus próprios valores em prioridade aos transmitidos pelo destinador primeiro — o povo e o Senado romano. Ocorre, assim, um segundo esquema para o percurso do protagonista, este estaria oculto, mas se mostra justamente na análise do programa do narrador. É reconhecendo a complexidade da relação César-narrador/César-personagem, que a “segunda intenção” de seu percurso se mostra. Já mostramos, no item 2.3.2.1, como René Martin propõe esses dois esquemas e, no item 2.4, como o narrador, em seu percurso, cria esse “falso programa” que fica na superfície. Observaremos, então, os percursos do personagem para ver como estes esquemas podem ser apontados no texto e depois passaremos ao estudo dos programas. César-personagem, enquanto protagonista, executa seu percurso, a partir do seu programa, em diversos níveis que se desenrolam paralelamente ou alternativamente, sofrendo, em cada um, variações posicionais diferentes.

Em primeiro lugar temos um percurso cognitivo, no qual se posiciona como observador diante do mundo à sua volta. Este percurso nos sugere um programa de aquisição de conhecimento enquanto objeto, neste programa temos a inserção de valores ao conhecimento e a valorização do sujeito enquanto descobridor. Estes valores circulam sempre nas esferas de relevância, utilidade do conhecimento e, por fim, sua moralização. A partir desta se insere o percurso pragmático. As oposições fundamentais nestas esferas são, respectivamente: conhecido/desconhecido e antigo/novo, útil/inútil, prejudicial/vantajoso. O percurso se inicia pela inferência dos dados que permitem o conhecimento da coisa e se realiza pela ação de classificação do objeto, a partir do qual se aponta para o percurso pragmático.

O percurso pragmático parte sempre de um objeto que foi valorizado como /dever ser feito/, este fazer umas vezes se manifesta como aquisição, quando o objeto está inicialmente disjunto do sujeito, outras como conservação, quando o objeto já está conjunto no início do percurso. Neste percurso temos o problema dos limites do sujeito, uma vez que a esfera de ação de César se estende para além de sua pessoa. O personagem manifesta-se dentro do tipo, o *imperator*, e está marcado pelo valor da autoridade. Esta autoridade permite-lhe assumir os percursos de outros personagens, reduzindo-lhes a instrumentais no percurso do general e também, muitas vezes, tomar as atribuições de seu destinador e

assim toma o controle total de seu percurso. Este último dado possibilita a dupla leitura deste percurso, uma vez que o estatuto do destinador se mostra instável, tornando sempre questionável quando César serve a outros e quando serve apenas a si. Apresenta-se uma tentativa de identificação destinador-sujeito que aponta duas possibilidades:

O destinador e o sujeito conservam identidades independentes: César é sujeito da ação motivado pelos valores inculcados por aquele mesmo que o capacita, o *populus Romanus* em seu *imperium*, mas é independente e autônomo em suas decisões, suas ações visam este mesmo destinatário, mas afirmam fundamentalmente o sujeito em sua eficiência.

O sujeito toma as atribuições do destinador: César motiva suas próprias ações, é ele que insere os valores nos objetos de busca e é o beneficiário de suas ações. Isto se dá pelo seu poder de fazer com que seus valores sejam incluídos, ou substituam, a vontade do destinador, que se esvazia funcionalmente e se reduz-se a mero adereço.

O destinador aliena o sujeito; o personagem não age por vontade própria, mas movido pela incondicional servidão ao seu destinador. Converte-se em não-sujeito, a maneira como ele perde sua autonomia é descrita no percurso patêmico⁸⁷. Essa terceira possibilidade é sistematicamente anulada, no apagamento da dimensão patêmica de César.

O percurso patêmico é aquele em que se percebe a variação dos estados de ser do sujeito até a transformação em não-sujeito, momento em que o sujeito perde a autonomia de seus atos. César, enquanto *imperator*, exerce esse poder sobre seus comandados muitas vezes assumindo estruturalmente os seus percursos, e fundindo-os ao seu próprio. Ele mesmo está, de certa forma, “imunizado” quanto ao efeito patêmico. Não há espaço para o passional em seus percursos, o desaparecimento dessa dimensão gera uma hipertrofia do pragmático, dominada pela razão e pela causalidade. A predominância pragmática se dá a partir das freqüentes modulações do fazer em contraste com as quase nulas modulações do ser. Isso consagra o texto como uma narrativa de feitos e não de pessoas. A um nível mais

⁸⁷ **Patêmico:** Neologismo formado com a raiz *pathos* e o sufixo *-ema, -êmico*. Tal sufixo, que se encontra na linguística em “fonema”, “sema”, “semema”, etc. (e por extensão, na antropologia, em “mitema”) designa a unidade mínima de descrição de um fenômeno, no campo de pertinência das ciências da linguagem. O “patema” é assim uma unidade semântica do domínio passional. Seu emprego evita qualquer confusão com uma abordagem psicológica do universo afetivo no âmbito do discurso. O estudo da dimensão patêmica do discurso, complementar às dimensões pragmática e cognitiva, concerne não mais à transformação dos estados de coisas (fulcro da narratividade), mas à modulação dos estados do sujeito, seus “estados de alma”. Essa dimensão constitui objeto da semiótica das paixões. Bertrand (2003), p. 426

profundo, entretanto, a lacuna do patêmico, que poderíamos chamar de “grau zero da paixão”, pode ser percebida e considerada no percurso gerativo.

4.2.1.2. O percurso cognitivo (etnografia)

Como vimos, a dimensão cognitiva tem grande relevo nesta narrativa. Dela emerge a dimensão etnográfica da obra, na qual César é um descobridor, desbravador, num percurso de aquisição do conhecimento. Este conhecimento se articula com a ação de duas maneiras: por um lado o seviço de inteligência que antecede o planejamento da batalha; esta informação é freqüentemente fator importante para as vitórias; por outro lado, o conhecimento converte-se em fim em si, constituindo o percurso etnográfico. No estágio da textualização, este percurso se manifesta de maneira problemática: a confusão entre personagem e narrador. A aquisição etnográfica está patentemente inclusa no percurso do narrador:

VI, 11, 1.

Quoniam ad hunc locum peruentum est, non alienum esse uidetur de Galliae Germaniaeque moribus et, quo differant hae nationes inter sese, proponere.

Já que se chegou a este ponto, não parece ser estranho expor os costumes da Gália e da Germânia, nos quais estas nações diferem entre si.

Neste trecho o narrador se expõe numa relação direta com o leitor, deixando clara a sua posição de enunciador de uma narrativa, dissociado da mesma.

Entretanto, as ações do personagem sugerem que a aquisição do conhecimento foi feita também pelo personagem; esta aquisição umas vezes é descrita outras não. Apesar da narrativa se dar em terceira pessoa, o singular estatuto do observador cria dificuldades para dissociar o que o narrador sabe do que o personagem sabe. O narrador mostra o conhecimento de modo sincrônico, as informações são dadas até comporem um todo didático. No nível do personagem, entretanto, temos, sugerido, o processo pelo qual essas informações foram adquiridas. Vejamos a expedição à Bretanha, por exemplo:

V, 8, 3

Tum rursus aestus commutationem secutus remis contendit, ut eam partem insulae caperet. qua optimum esse egressum superiore aestate cognouerat.

Então, seguindo de novo a mudança da maré, avança com os remos para atingir aquela parte da ilha na qual percebera ser melhor o desembarque na estação passada.

Aqui se mostra claramente o acúmulo de conhecimentos ocorrido durante as campanhas, indicando que os dados descritos pelo narrador seriam desconhecidos por César.

V, 11, 8-9

Eo cum uenisset, maiores iam undique in eum locum copiae Britannorum conuenerant summa imperii bellique administrandi communi consilio permissa Cassiuellauno, cuius fines a maritimis ciuitatibus flumen diuidit quod appellatur Tamesis, a mari circiter milia passuum LXXX. Huic superiore tempore cum reliquis ciuitatibus continentia bella intercesserant. Sed nostro aduentu permoti Britanni hunc toti bello imperioque praefecerant.

Como lá chegasse, maiores tropas de bretãos vieram de todas as partes para aquele lugar, dado, de comum acordo, o comando supremo da guerra e dos assuntos administrativos a Cassivelauno, cujas fronteiras o rio que chamam Tâmesis, distante cerca de oitenta mil passos do mar, divide das cidades marítimas. A este anteriormente haviam feito guerra as demais cidades do continente, mas, movidos pela nossa chegada, os bretãos a ele concederam a primazia do comando da guerra.

Aqui a dimensão cognitiva se estende de um ponto específico, “*eo cum uenisset*”, no espaço e no tempo, “*superiore tempore cum reliquis ciuitatibus*”. Assim abarca um conhecimento cuja fonte não é revelada, e não se indica em que momento estes dados chegam ao personagem César. As ações posteriores indicam que o general tomara conhecimento de tal situação, logo, supomos um processo cognitivo não narrado: apenas o resultado deste processo, o objeto-conhecimento, é apresentado dentro do percurso do narrador.

V, 13, 3-4

In hoc medio cursu est insula quae appellatur Mona; complures praeterea minores obiectae insulae existimantur; de quibus insulis nonnulli scripserunt dies continuos XXX sub brumam esse noctem. Nos nihil de eo percontationibus reperiebamus, nisi certis

ex aqua mensuris breuiore esse quam in continenti noctes uidebamus.

No meio do caminho há uma ilha que chamam Mona; além disso, estima-se haver muitas ilhas menores em frente, nas quais alguns escreveram a noite dura 30 dias contínuos no inverno. Nós nada disso soubemos nas pesquisas, mas determinamos com relógios d'água as noites serem mais breves do que no continente.

Este trecho mostra a declarada atividade de pesquisa feita pelo personagem, que suporta o relato do narrador. A dizer “*nos... reperiēbamus*” o narrador confessa a identidade com o personagem. Estruturalmente, o conhecimento de um e de outro são o mesmo. Neste trecho se confirma a focalização interna do narrador, o que nos capacita a dizer que o personagem tem um percurso cognitivo que abarca toda a obra: César, o general, adquiriu todo o conhecimento que fundamenta a narrativa, e aqui vemos a descrição deste percurso, que em outros pontos permanece oculto.

V, 21, 2-4

Ab his cognoscit non longe ex eo loco oppidum Cassiuellauni abesse siluis paludibusque munitum, quo satis magnus hominum pecorisque numerus conuenerit. Oppidum autem Britanni uocant, cum siluas impeditas uallo atque fossa munierunt, quo incursionis hostium uitandae causa conuenire consuerunt. Eo proficiscitur cum legionibus.

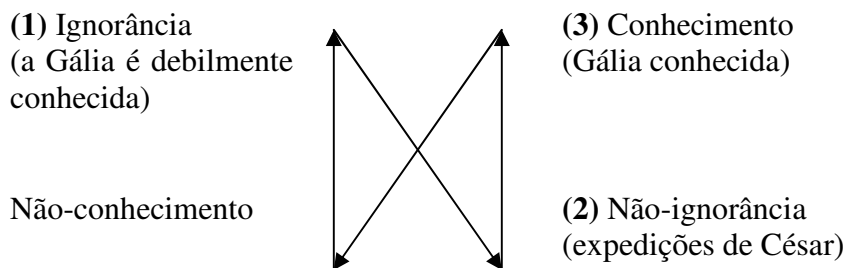
Por eles sabe não estar muito longe desse lugar a fortaleza de Cassivelauno, defendida por selvas e pântanos, para onde grande número de homens e gado havia ido. Os bretões chamam-na fortaleza, visto que selvas fechadas guarneceram com paliçadas e fossos onde costumaram se refugiar para evitar a incursão do inimigo. Para lá avança com as legiões.

Aqui temos mais um exemplo do aspecto didático da obra. Percebemos como os fatos são descritos ao tempo que o personagem toma conhecimento deles, o conhecimento dos bretões por César se dá no momento de sua viagem, que é quando eles são descritos. Assim, a concordância entre o percurso etnográfico do personagem e o percurso didático do narrador pode ser mais acertadamente determinada.

Por fim, caracteriza-se a ação de César na dimensão cognitiva, não só como uma etapa da fase de competência, mas como um percurso completo em si. Este percurso consagra a atividade de descrever os povos e as terras como objetivo de viagens. Deste modo, passa-se do estado de ignorância sobre a Gália para o de conhecimento sobre a mesma. Podemos, então, reduzir o percurso a um programa paradigmático de mudança de estado:

- (1) Estado: desconhecimento sobre a Gália, Bretanha e Germânia;
- (2) Mudança de estado: expedições e campanhas de César nestas terras;
- (3) Estado: conhecimento sobre a Gália, Bretanha e Germânia.

César com suas expedições conhece toda a Gália, e também avança para a Bretanha e a Germânia. Ele se aproveita das expedições para conhecer e descrever os gauleses, em termos romanos, de forma que possam ser compreendidos pelos cidadãos. Formamos, pois, o quadrado semiótico:



4.2.1.3. O percurso pragmático (o predominante)

O percurso pragmático se divide em dois, pois corresponde a dois programas, um e outro dando funções diferentes para as ações. Primeiro, temos um percurso militar, correspondente ao programa “primeiro” desenvolvido a partir da intenção do narrador. Depois um percurso político, que corresponde ao programa “oculto”, porém perceptível nas entrelinhas da intenção do narrador.

4.2.1.3.1. O percurso militar

O percurso militar é aquele no qual César, enquanto próconsul, conduz campanhas para neutralizar as ameaças constantes aos romanos na Gália, garantido a paz aos gauleses e conse-

qüentemente aos romanos. Este percurso se caracteriza pela conservação, posto que César está geralmente tentando reparar um dano causado pelos seus oponentes, sua atitude é tipicamente de reação: O ataque preventivo e a expansão defensiva eram características do imperialismo romano⁸⁸. Por isso, o percurso se caracteriza pela intermitência e repetição: a pacificação de toda a Gália se dá por um acúmulo de ações pontuais para evitar a emergência de novas lideranças “*nouis rebus*” e forças que ameacem a “*salus populi Romani*”, e, por fim, garantir a amizade, entendida como submissão, a Roma. Uma vez que a obra segue a estrutura analística, podemos perceber de ano a ano o seu progressivo domínio sobre a Gália:

Nos primeiros anos temos muitas guerras de conquista nas quais vários povos se submetem consecutivamente, em alguns momentos, após uma série de conquistas, o narrador anuncia diretamente que se conseguiu um período de paz na Gália:

Primeiro ano: 58

Guerra contra os helvécios

I, 7, 1

Caesari cum id nuntiatum esset eos per prouinciam nostram iter facere conari, maturat ab urbe proficisci et quam maximis potest itineribus in Galliam ulteriorem contendit et ad Genauam peruenit.

Como a César fosse avisado eles tentaram fazer caminho pela nossa província, apressa-se em partir da cidade e, com as maiores jornadas que pode, dirige-se à Gália Ulterior e chega à Genebra.

Em sua primeira guerra César já é forçado a usar todas as suas tropas para derrotar um povo temido pelos próprios gauleses, mostrando já seu programa básico: a luta para garantir a segurança da província por meio da pacificação dos vizinhos. Aparece já a importância dos héduos, principais aliados dos romanos na Gália, centrada na disputa de poder entre Diviciaco, amigo de César, e Dumnórix, que repelia os romanos.

⁸⁸ Vide nota 74

Guerra contra Ariovisto

I, 33, 1

His rebus cognitis Caesar Gallorum animos uerbis confirmavit pollicitusque est sibi eam rem curae futuram; magnam se habere spem et beneficio suo et auctoritate adductum Ariouistum finem iniuriis facturum.

Sabendo estes fatos, César confirmou com palavras os ânimos dos gauleses e se dispôs a cuidar de tal assunto no futuro; diz que tinha grande esperança que com seu benefício e autoridade Ariovisto seria convencido a pôr fim nas hostilidades.

Temos aqui o primeiro confronto contra os germanos, César já aparece como força preponderante na Gália, sendo solicitado pelos aliados e garantindo, pelas armas, a determinação de não permitir aos germanos cruzar o Reno. Nesta batalha ele ganha a consideração de seus soldados e se prova um general constante na vitória.

Segundo ano: 57

A guerra contra os belgas.

II, 1, 1

Cum esset Caesar in citeriore Gallia [in hibernis], ita uti supra demonstrauius, crebri ad eum rumores adferebantur, litterisque item Labieni certior fiebat omnes Belgas, quam tertiam esse Galliae partem dixeramus, contra populum Romanum coniurare obsidesque inter se dare.

Como César estivesse invernando na Gália Citerior, como demonstramos acima, numerosos rumores foram levados a ele, e se certifica disso por cartas de Labieno que todos os belgas, que são a terça parte da Gália, como disséramos, conjuravam contra o povo romano e trocavam reféns entre si.

César progressivamente subjuga os belgas, povo forte e temido e que vivia longe da província romana, confirma-se a perspectiva de garantir a paz, por meio do domínio. Aparece a sua estratégia de dominar os povos um de cada vez e de firmar alianças, os romos confirmam-se como amigos incondicionais dos romanos, amizade que será importante em todas as batalhas futuras.

Pela primeira vez se refere à paz em toda a Gália, confirmando que seus interesses se aplicavam a toda ela.

Terceiro ano: 56

A guerra contra os alpinos.

III, 1, 1

Cum in Italiam proficisceretur Caesar, Ser. Galbam cum legione XII. et parte equitatus in Nantuatis, Veragros Sedunosque misit, qui a finibus Allobrogum et lacu Lemanno et flumine Rhodano ad summas Alpes pertinent.

Como César partisse para a Itália, mandou Sérvio Galba com a décima segunda legião e parte da cavalaria para os nantuates, veragros e sedunos, que habitam o alto dos Alpes, entre fronteiras dos alóbrogos, o lago Lemano e o rio Ródano.

Esta guerra garante o domínio romano sobre os Alpes, região de travessia importante para a Bélgica, e todo o norte da Gália, e que também isola os germanos da província; segue a perspectiva de domínio total da Gália.

A guerra contra os vênetos.

III, 8, 2-3

Ab his fit initium retinendi Sillii atque Velanii et si quos intercipere potuerunt, quod per eos suos se obsides, quos Crasso dedissent, recuperaturos existimabant. Horum auctoritate finitimi adducti, ut sunt Gallorum subita et repentina consilia, eadem de causa Trebium Terrasidiumque retinent et celeriter missis legatis per suos principes inter se coniurant nihil nisi communi consilio acturos eundemque omnes fortunae exitum esse laturos,

Por eles [os vênetos] foi dado o início prendendo Sílio e Velanio e os que puderam interceptar, pois por eles esperavam recuperar os seus reféns que tinham sido dados a Crasso. Os vizinhos, movidos pela autoridade destes, como são as decisões dos gauleses súbitas e repentinas, pela mesma causa prendem Trévio e Terrasídio e rapidamente, mandados embaixadores, por seus líderes entre si conjuram que nada senão pela decisão comum será feito e que todos devem partilhar o mesmo destino;

Primeira grande guerra motivada por ataque a cidadãos romanos, neste ano César terá que dividir o exército combatendo em toda a Gália ao mesmo tempo para garantir o domínio. Esta guerra garantiu o domínio sobre a costa atlântica da Gália, registrou também a extinção do povo dos vênedos sendo todos reduzidos à escravidão.

A guerra contra os unelos

III, 17, 1

Dum haec in Venetis geruntur, Q. Titurius Sabinus cum iis copiis, quas a Caesare acceperat, in fines Unellorum peruenit.

Enquanto isso se fazia junto aos vênedos, Quinto Titurino Sabino com suas tropas, que recebera de César, chega às fronteiras dos unelos.

Vitoriosa campanha de Titúrio Sabino contra os unelos, aqui aparece que muitas das táticas usadas por César eram também correntes em seus subordinados, não obstante, este é o mesmo Sabino que será morto na desastrosa derrota diante de Ambiórrix.

Expedição contra os Aquitanos

III, 20, 1

Eodem fere tempore P. Crassus, cum in Aquitaniam peruenisset

Quase no mesmo tempo, Públio Crasso, como chegasse à Aquitânia

Campanha de Públio Crasso, filho de Crasso, triúnviro, contra os aquitanos, esta parte da Gália não dará problemas a César que a dominará facilmente.

Quarto ano: 55

Guerra contra os usipetes e tencteres.

IV, 7, 1

Re frumentaria comparata equitibusque delectis iter in ea loca facere coepit, quibus in locis esse Germanos audiebat.

Preparados os suprimentos e reunidos os cavaleiros, começa a se encaminhar para estes lugares, nos quais ouvira estarem os germanos.

Segundo confronto de César contra germanos, este o motivará a cruzar o Reno. César é particularmente clemente com este povo, não os fazendo de prisioneiros após a destruição de suas forças armadas.

Expedição à Germânia

IV, 19, 4

Quod ubi Caesar comperit, omnibus his rebus confectis, quarum rerum causa exercitum traducere constituerat, ut Germanis metum iniceret, ut Sugambros ulcisceretur, ut Ubios obsidione liberaret, diebus omnino XVIII trans Rhenum consumptis, satis et ad laudem et ad utilitatem populi Romani perfectum arbitratus se in Galliam recepit pontemque rescidit.

Porque lá César descobriu que, realizadas todas as coisas, pelas quais decidira atravessar o exército, inspirar medo nos germanos, castigar os sugambros e libertar os úbios da submissão, passados quase 18 dias além do Reno, julgando bastante para o elogio e o benefício do povo romano, decidiu recolher-se à Gália e cortar a ponte.

Vemos descritos os motivos da travessia do Reno. A amizade com os úbios será útil mais tarde e os suevos, tidos como mais fortes germanos, já temem os romanos.

Expedição à Bretanha

IV, 20, 1

Exigua parte aestatis reliqua Caesar, etsi in his locis, quod omnis Gallia ad septentriones uergit, maturae sunt hiemes, tamen in Britanniam proficisci contendit.

Restando pequena parte do estio, César, ainda que nestes lugares, pois que toda a Gália está voltada para o norte, os invernos sejam precoces, decide rumar para a Bretanha.

A primeira expedição à Bretanha serve mais para ganhar conhecimento sobre a ilha e seus povos, as rendições não são definitivas.

Quinto ano: 54

Expedição ao Ilírico

V, 1, 5-8

Ipsē conuentibus Galliae citerioris peractis in Illyricum proficiscitur, quod a Pirustis finitimam partem prouinciae incursionibus uastari audiebat. Eo cum uenisset, ciuitatibus milites imperat certumque in locum conuenire iubet. Qua re nuntiata Pirustae legatos ad eum mittunt, qui doceant nihil earum rerum publico factum consilio, seseque paratos esse demonstrant omnibus rationibus de iniuriis satisfacere. Accepta oratione eorum Caesar obsides imperat eosque ad certam diem adduci iubet; nisi ita fecerint, sese bello ciuitatem persecuturum demonstrat. iis ad diem adductis, ut imperauerat, arbitros inter ciuitates dat, qui litem aestiment poenamque constituent.

Ele, feitas as juntas provinciais da Gália Citerior, vai para o Ilírico, pois ouvia que a fronteira da província era devastada por incursões dos pirustes. Como lá chegasse, alista soldados pelas cidades e manda reunirem-se em determinado local, anunciado isto, os pirustes mandam-lhe embaixadores, que dizem que nada daquelas coisas fora feita por decisão pública, e demonstram estarem dispostos a satisfazer as injúrias por todas as maneiras. Aceito o discurso, César exige reféns e manda que sejam levados até o dia determinado; se não o fizessem, demonstra que entraria em guerra com a cidade. Trazidos aqueles no dia marcado, como ordenara, determina árbitros entre as cidades, que estimem o dano e determinem a pena.

Única e rápida expedição ao Ilírico narrada na obra, mostra-se assim a estabilidade dessa província assim como a sua pouca importância em termos de vantagem para César.

Segunda expedição à Britânia

V, 8, 1-2

His rebus gestis, Labieno in continenti cum tribus legionibus et equitum milibus duobus relicto, ut portus tueretur et rei frumentariae prouideret, quaeque in Gallia gererentur cognosceret, consi-

liumque pro tempore et pro re caperet, ipse cum quinque legionibus et pari numero equitum, quem in continenti relinquebat, ad solis occasum naues soluit et leni Africo prouectus, media circiter nocte uento intermisso, cursum non tenuit et longius delatus aestu orta luce sub sinistra Britanniam relictam conspexit.

Feitas estas coisas e deixado Labieno no continente com três legiões e dois mil cavaleiros, para que guardasse o porto e providenciasse os mantimentos, e se informasse de qualquer coisa que acontecesse na Gália e decidisse de acordo com o momento e a situação, César, com cinco legiões e igual número de cavaleiros ao que ficara no continente, parte com os navios, ao pôr-do-sol, empurrado pelo brando Áfrico, tendo acalmado o vento perto da meia noite, não se manteve no curso e levado para longe pela maré, avista pela esquerda a Bretanha ao amanhecer.

Nesta expedição temos a pacificação e a submissão da parte sul da ilha mediante a rendição de seus caudilhos, a Bretanha passa a render tirbutos a Roma.

Sexto ano: 53

Segunda expedição à Germânia

VI, 9, 1-2

Caesar, postquam ex Menapiis in Treueros uenit, duabus de causis Rhenum transire constituit; quarum una erat quod auxilia contra se Treueris miserant, altera, ne ad eos Ambiorix receptum haberet.

César, depois que chega dos menápios e tréviros, por duas causas decide cruzar o Reno: destas uma era que mandaram auxílio aos tréviros contra si, outra, que não recebessem entre eles Ambiórrix.

Esta expedição à Germânia se insere na longa perseguição a Ambiórrix, que não será capturado, garante-se também o temor dos suevos que não ousaram enfrentar o exército romano.

Oitavo ano: 51

Segunda expedição à Aquitânia

VIII, 46, 1-3

Ea re cognita Caesar cum in omnibus partibus Galliae bene res gestas uideret iudicaretque superioribus aestiuis Galliam deuictam subactamque esse, Aquitaniam numquam ipse adisset, sed per P. Crassum quadam ex parte deuicisset, cum duabus legionibus in eam partem Galliae est profectus, ut ibi extremum tempus consumeret aestiuorum. Quam rem sicuti cetera celeriter feliciterque confecit. Namque omnes Aquitaniae ciuitates legatos ad eum miserunt obsidesque ei dederunt.

Conhecido isto, César, como visse em todas as partes da Gália os assuntos bem resolvidos e julgasse que a Gália fora vencida subjugada nos anos anteriores, e nunca fora ele próprio a Aquitânia, mas certa parte derrotada por Públio Crasso, com duas legiões parte para aquela parte da Gália, para lá passar o tempo restante do estio. Realizou esta empresa com a mesma rapidez e a felicidade das outras. Pois que todas as cidades da Aquitânia mandaram-lhe embaixadores e entregaram reféns.

Última expedição de César, esta serve mais para que César pudesse pessoalmente receber a submissão dos aquitanos, que, já tendo sido derrotados anteriormente, não tentam resistir-lhe.

REVOLTAS

A partir do quarto ano da campanha, tendo sido derrotados quase todos os povos gauleses, a maior parte das guerras são revoltas desses mesmos diante da derrota primeira; estas revoltas geralmente conciliam diversos povos na causa comum, uma vez que a liberdade é o motivo que guia as guerras. Ao sufocá-las, César derrota definitivamente cada povo para garantir a paz enfim.

Quarto ano: 55

Revolta dos morinos e menápios

IV, 37, 1

Quibus ex nauibus cum essent expositi milites circiter trecenti atque in castra contenderent, Morini, quos Caesar in Britanniam proficiscens pacatos reliquerat, spe praedae adducti primo non ita magno suorum numero circumsteterunt ac, si sese interfici nollent, arma ponere iusserunt.

A cerca de trezentos soldados, enquanto desembarcavam dos navios e rumavam para o acampamento, cercam os morinos, que César partindo para a Bretanha deixara pacificados, movidos pela esperança de presa, não ainda com grande número dos seus e se não quisessem ser mortos, depusessem as armas.

Esta revolta decidiu a pacificação dos povos que não foram derrotados na primeira expedição de César à Bélgica.

Quinto ano: 54

Revolta de Ambiórrix

V, 26, 1

Diebus circiter quindecim, quibus in hiberna uentum est, initium repentini tumultus ac defectionis ortum est ab Ambiorige et Catuulco.

Cerca de quinze dias, depois do inverno ter chegado, começou repentino tumulto e deserções originadas por Ambiórrix e Catuulco.

Primeira revolta movida pelo caudilho Ambiórrix; a partir deste ano ele se envolve em todas as ações dos belgas e no contato com germanos contra os romanos, a perseguição a ele se estende por este e pelo próximo ano. Nesta parte da Gália, fronteira com os germanos, se concentram as operações do quinto e sexto ano.

Sexto ano: 53

Revolta dos tréviros, nérvios, Senones e Carnutes.

VI, 2, 1-3

Interfecto Indutiomaro ut docuimus, ad eius propinquos a Treueris imperium defertur. Illi finitimos Germanos sollicitare et pecuniam polliceri non desistunt. Cum a proximis impetrare non possent, ultiores temptant. Inuentis nonnullis ciuitatibus iure iurando inter se confirmant obsidibusque de pecunia cauent; Ambiorigem sibi societate et foedere adiungunt. Quibus rebus cognitis Caesar cum undique bellum parari uideret, Neruios, Atuaticos, Menapios adiunctis Cisrhenanis omnibus Germanis esse in armis,

Senones ad imperatum non uenire et cum Carnutibus finitimisque ciuitatibus consilia communicare, a Treueris Germanos crebris legationibus sollicitari, maturius sibi de bello cogitandum putauit.

Morto, como dissemos, Induciomaro, o comando é dado pelos tréviros aos seus parentes. Eles não desistem de solicitar e de prometerem dinheiro aos germanos vizinhos. Como não pudessem conseguir apoio das próximas, tentam as distantes. Encontradas algumas cidades, confirmam-se jurando diante da lei e empenham os reféns e o dinheiro; ajuntam Ambiórrix a si na sociedade e na aliança. Conhecido este fato, como em toda parte visse a guerra ser preparada, nérvios, aduatucos, menápios, junto a todos os germanos de antes do Reno, estarem em armas, os senones não virem ao chamado e não partilharem da decisão com os carnutes e as cidades vizinhas, serem os germanos frequentemente solicitados pelos embaixadores tréviros, mais cedo julgou César dever tratar da guerra.

Mais uma revolta movida pelos belgas, com o concurso de outros povos do norte e leste da Gália e apoio de germanos. Esta revolta, e a perseguição a Ambiórrix, motivam a travessia segunda do Reno. Por fim, ele não é capturado (ver VIII, 24, 4), mas, debelada a rebelião, restabelece-se a paz.

Sétimo ano: 52

Revolta geral de Vercingetórix

VII, 1, 3-8

Hac impulsu occasione, qui iam ante se populi Romani imperio subiectos dolerent, liberius atque audacius de bello consilia inire incipiunt. Indictis inter se principes Galliae conciliis siluestribus ac remotis locis queruntur de Acconis morte; hunc casum ad ipsos recidere posse demonstrant; miserantur communem Galliae fortunam; omnibus pollicitationibus ac praemiis deposcunt qui belli initium faciant et sui capitis periculo Galliam in libertatem uindictent. Inprimis rationem esse habendam dicunt, priusquam eorum clandestina consilia efferantur, ut Caesar ab exercitu intercludatur. Id esse facile, quod neque legiones audeant absente imperatore ex hibernis egredi neque imperator sine praesidio ad legiones peruenire possit. Postremo in acie praestare interfici, quam non ueterem belli gloriam libertatemque quam a maioribus acceperint recuperare.

Movidos por essa oportunidade, os que antes já se haviam submetido ao império do povo romano, mais livremente e audacio-

samente começam a tomar decisões sobre a guerra. Metidos em lugares silvestres e remotos, indagam aos principais da Gália sobre a morte de Accão; demonstram poderem sofrer da mesma forma; lamentam a sorte comum de toda a Gália; provocam com todas as ofertas e prêmios aqueles que fizessem o início da guerra e reivindicassem a liberdade para a Gália com o risco de suas próprias cabeças. Dizem que se deveria primeiramente ter em mente, antes de serem divulgadas as suas decisões clandestinas, que César fosse separado do exército. Isto seria fácil, pois nem as legiões ousariam, estando o general ausente, sair dos abrigos de inverno, nem o general sem guarnição poderia chegar às legiões. Por fim, era melhor ser morto na linha de batalha a não recuperar a velha glória guerreira e a liberdade que receberam dos antepassados.

Depois de dois anos de revoltas dentre os belgas e seus vizinhos, surge o levante motivado pelos arvernos, povo da Gália central, que aos poucos insurgirá toda a Gália, inclusive os costumes aliados dos romanos, os héduos. Pela primeira vez compõe-se uma coalizão gaulesa sob o comando de um líder supremo, por isso chamado de *imperator*. César conta com o apoio de cavalaria das cidades germânicas submetidas, consegue forçar uma batalha decisiva e vencida esta, garante a paz na Gália.

Oitavo ano: 51

Revolta dos belovacos

VIII, 6, 2

Ipse cum crebris legationibus Remorum certior fieret Bellouacos, qui belli gloria Gallos omnes Belgasque praestabant, finitimasque his ciuitates duce Correo Bellouaco et Commio Atrebate exercitus comparare atque in unum locum cogere, ut omni multitudine in fines Suessionum, qui Remis erant attributi, facerent impressionem, pertinere autem non tantum ad dignitatem, sed etiam ad salutem suam iudicaret nullam calamitatem socios optime de republica meritos accipere, legionem ex hibernis euocat rursus undecimam, litteras autem ad C. Fabium mittit, ut in fines Suessionum legiones duas, quas habebat, adduceret, alteramque ex duabus a T. Labieno arcessit.

Ele, como por muitos enviados dos remos se certificasse de que os belovacos, que superavam na glória da guerra todos os gauleses e belgas, e as cidades vizinhas preparavam juntamente os exércitos sendo chefe o belovaco Correo e o atrebate Cômio e para

um único lugar rumavam, para que com toda a multidão fizessem pressão sobre as fronteiras dos suessões, que haviam sido delegados aos remos, julgava pertinente não só à dignidade, mas também à sua segurança que nenhuma calamidade ocorresse aos mais merecidos aliados da república, chama novamente dos quartéis de inverno a legião décima primeira, também manda cartas a Caio Fábio, para que leve as duas legiões que tinha para as fronteiras dos suessões e retém uma das duas de Tito Labieno.

Mesmo depois da derrota de Vercingetórix, César ainda se vê obrigado a enfrentar um povo poderoso numa grande guerra. Os gauleses tentam evitar o cerco romano, mas são derrotados numa batalha em campo aberto. Esta foi a última rebelião de povos da Gália descrita no livro.

Ataque de Drapete e Luctério.

VIII, 30, 1-2

Qua ex fuga cum constaret Drappetem Senonem, qui, ut primum defecerat Gallia, collectis undique perditis hominibus, seruis ad libertatem uocatis, exulibus omnium ciuitatum adscitis, receptis latronibus impedimenta et commeatus Romanorum interceperat, non amplius hominum duobus milibus ex fuga collectis prouinciam petere unaque consilium cum eo Lucterium Cadurcum cepisse, quem superiore commentario prima defectione Galliae facere in prouinciam uoluisse impetum cognitum est, Caninius legatus cum duabus legionibus ad eos persequendos contendit, ne detrimento aut timore prouinciae magna infamia perditorum hominum latrociniiis caperetur.

Como constasse depois desta fuga que o senone Drapete, que, quando pela primeira vez a Gália se revoltara, reunidos de todas as partes homens perdidos, escravos chamados à liberdade, admitidos ladrões e exilados de todas as cidades, interceptara as bagagens e as provisões dos romanos, reunidos não mais de dois mil soldados entre os homens em fuga, começava a avançar para a província em acordo com o cadurco Luctério, que, no precedente comentário, se informou ter querido avançar contra a província, durante a primeira revolta da Gália, o legado Canínio com duas legiões marcha para persegui-los, para que não ocorresse a grande infâmia para a província de sofrer o dano e o terror de latrocínios por homens perdidos.

Este foi o combate de legados de César contra tropas que avançavam contra a Gália Togata, tolhido o caminho, os gauleses se abrigam na cidade de Uxeloduno, que não pôde ser expugnada.

Mostra-se a grande engenhosidade do general ao forçar a rendição cortando o suprimento de água da cidade, isolando-a, do rio e desviando, com escavações as fontes.

Pacificação dos tréviros

VIII, 45, 1-2

Labienus interim in Treueris equestre proelium facit secundum compluribusque Treueris interfectis et Germanis, qui nullis aduersus Romanos auxilia denegabant, principes eorum uiuos redigit in suam potestatem atque in his Surum Haeduum, qui et uirtutis et generis summam nobilitatem habebat solusque ex Haeduis ad id tempus permanserat in armis.

Labieno neste meio tempo travou combate eqüestre vitorioso nos tréviros e mortos muitos tréviros e germanos, que a ninguém negavam auxílio contra os romanos, os líderes deles traz vivos em seu poder e entre eles o héduo Suro, que tinha a mais alta nobreza em força e em estirpe e era o único dos héduos que até aquele tempo permanecera em armas.

Relato da última ação contra os tréviros para debelar os poucos que ainda se mantinham em armas. Não há mais combates depois destes.

César sofreu ainda reveses, sempre imputados a erros de seus lugares-tenente. Mesmo assim estas derrotas foram limitadas e não detiveram a constância nem a força do seu avanço sobre a Gália. Estes foram nas Revoltas de Ambiórrix, em V, 32-37 e VI 35-40.

Seu programa básico, citado em 3.3.2.1., repete-se, variando na gravidade e na iniciativa. Assim as campanhas podem ser grandes ou pequenas, de reparação ou de prevenção:

As campanhas grandes são aquelas nas quais todas as forças do exército romano são utilizadas, temos como exemplo: I, 23-27. I, 35-52 II, 19-27 VI, 33-34 VII, 65-89.

As campanhas pequenas são aquelas em que não se engaja todo o exército, ou aquelas em que as batalhas são vencidas sem combate: III, 28; IV, 18; V, 1; VI, 3; e no livro VIII, todas.

Campanhas de reparação são aquelas em que os inimigos têm a iniciativa, César é impelido ao combate sem a necessidade de se justificar: I, 8; II, 1; III, 10; V, 26; VII, 3.

Campanhas preventivas são aquelas, nas quais César usa uma justificativa para um ataque ou expedição, visando evitar problemas futuros: III, 1; IV, 16; IV, 20; V, 25; VI, 2; VI, 9 VIII, 6.

Estas variações se aplicam a diferentes etapas e diferentes inimigos na conquista. Gradualmente elas conduzem à eliminação destes até o último, concluído pela repetição o seu percurso.

VIII, 49

Caesar in Belgio cum hiemaret, unum illud propositum habebat continere in amicitia ciuitates, nulli spem aut causam dare armorum. Nihil enim minus uolebat quam sub decessum suum necessitatem sibi aliquam imponi belli gerendi, ne, cum exercitum deducturus esset, bellum aliquod relinqueretur, quod omnis Gallia libenter sine praesenti periculo susciperet. Itaque honorifice ciuitates appellando, principes maximis praemiis adficiendo, nulla onera noua iniungendo defessam tot aduersis proeliis Galliam condicione parendi meliore facile in pace continuit.

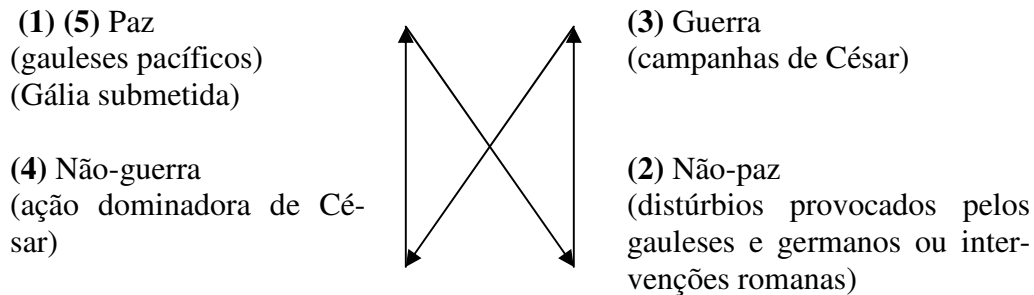
César como invernasse na Bélgica, um único propósito tinha de conter na amizade as cidades, não dar nenhuma esperança e motivo de se armar. Nada, pois, queria menos do que, no momento de sua partida, ter alguma necessidade de fazer guerra, para que, quando o exército fosse levado embora, nenhuma guerra restasse, e toda a Gália espontaneamente sem perigo presente o aceitaria. Assim apelando com honrarias às cidades, concedendo prêmios aos líderes das maiores, nenhum novo tributo infligindo, conteve em paz a Gália cansada de tantas guerras adversas e em melhor condição de obedecer.

Este trecho, constante da parte acrescentada por outro à obra de César, resume a sua vitória definitiva, o fim de seu percurso na Gália. Seus objetivos são explicitados e o programa do seu percurso militar fica claro: garantir a paz e a obediência após tantas batalhas. Mostra que as batalhas foram conseqüências da insubordinação gaulesa que invariavelmente resultou em calamidades para eles próprios, mostra também sua disposição em resolver as questões por meios pacíficos e a intenção de deixar a Gália numa boa situação para os próprios gauleses, para que fosse aceito de bom grado, reconhecidas as vantagens do governo romano. Podemos certamente, ler de modo diverso este capítulo: aos gauleses, repetidamente derrotados por César durante oito anos, que, mesmo depois da catástrofe de Alésia, ainda lutaram até o limite de suas forças, em escaramuças menores com os últimos líderes, tais como Suro e Cômio, restou aceitar a paz da rendição,

aos poucos aliados de César garantir a preponderância nas cidades e à Gália toda admitir jamais ter novamente a liberdade.

Assim, César com suas campanhas domina progressivamente toda a Gália. Ele se aproveita do estado de guerra criado pelos gauleses para espoliá-los e submetê-los, dominando os povos em nome de Roma, torna-se, na prática, senhor deles. Formamos, então, o quadrado semiótico:

- (1) Estado: Gália livre e pacífica;
- (2) Mudança de estado: perturbações entre os gauleses, intervenção de César;
- (3) Estado: Guerra
- (4) Mudança de estado: conclusão das guerras, César domina os vencidos;
- (5) Estado: Gália pacificada e dominada por César.



4.2.1.3.2. O percurso político

O percurso político é aquele no qual César, enquanto triúviro, acumula progressivamente poder e riqueza para poder fazer frente a Pompeu, por meio da dominação da Gália. Com suas campanhas ele angaria aos poucos glória, riqueza e tropas fiéis ombreando deste modo com seu rival. Este percurso se caracteriza pela aquisição, César está sempre ampliando sua fama, aumentando o número de legiões sob seu comando, acumulando riquezas espoliadas dos derrotados e ganhando a submissão de mais povos. A noção de poder pessoal estava intimamente ligada à vitória em batalhas, e campanhas constantes contra inimigos externos ou internos eram as principais formas de aumento de poder político nesta época. Por isso este percurso se desenvolve à margem da guerra, César é muito discreto ao tratar dele. No nível figurativo este percurso é percebido por vestígios e entrelinhas, naqueles momentos em que se percebe a intenção do narrador no desenvolvimento da narrativa. No nível semionarrativo, entretanto, este percurso é perceptível

em sua totalidade, que suporta e direciona o percurso militar. Assim temos uma perspectiva de conquista militar e fortalecimento político.

Além da pura e simples conquista de povos para Roma, César faz seu poderio pessoal nesta campanha. Sua situação junto ao Senado e aos romanos transforma-se com o passar dos anos sendo visível o aumento de seu poder:

Primeiro ano: 58

I, 7, 1-2

Caesari cum id nuntiatum esset eos per prouinciam nostram iter facere conari, maturat ab urbe proficisci et quam maximis potest itineribus in Galliam ulteriorem contendit et ad Genauam peruenit. Prouinciae toti quam maximum potest militum numerum imperat — erat omnino in Gallia ulteriore legio una; pontem qui erat ad Genauam iubet rescindi.

Como fosse avisado a César que eles tentavam fazer caminho pela nossa província, adianta a saída da Cidade e com as maiores jornadas possíveis rumo para a Gália Ulterior e chega a Genebra. Ordena o alistamento no maior número possível em toda a província — havia ao todo uma única legião na Gália Ulterior; manda cortar a ponte que havia em Genebra.

Aqui vemos o princípio de sua atividade beligerante, César tem a prerrogativa de alistar soldados e fazer de uma cidade praça forte. Toma estas decisões baseado na sua própria avaliação da situação, isto mostra que seu poder pro consular se estendia das esferas civis para a militar sem fronteiras.

I, 30, 1-2

Bello Heluetiorum confecto totius fere Galliae legati principes ciuitatum ad Caesarem gratulatum conuenerunt: intellegere sese, tametsi pro ueteribus Heluetiorum iniuriis populi Romani ab his poenas bello repetisset, tamen eam rem non minus ex usu terrae Galliae quam populi Romani accidisse,

Feita a guerra contra os helvécios, de quase toda a Gália os líderes das cidades vieram congratular César: entendiam que, mesmo que os romanos tivessem repellido os helvécios com guerra por cau-

sa de antigas injúrias causadas por eles, ainda isto acontecera não menos em benefício da terra da Gália quanto do povo romano.

Aqui temos a primeira demonstração de prestígio de César junto aos gauleses por causa de sua vitória, vemos como a *gloria* conduz à *dignitas*. Este primeiro gesto de reconhecimento se repete várias vezes e o respeito na Gália gera também um respeito em Roma, uma vez que por César o nome romano mais uma vez triunfara. Mostra-se assim como a guerra reverte positivamente para a política e justifica-se, dentro dos planos de César para a Cidade, a sua ida às Gálias.

I, 31, 16

Caesarem uel auctoritate sua atque exercitus uel recenti uictoria uel nomine populi Romani deterrere posse, ne maior multitudo Germanorum Rhenum traducatur, Galliamque omnem ab Ariouisti iniuria posse defendere.

César ou por sua autoridade ou pela recente vitória do exército ou pelo nome do povo romano pudesse impedir que com maior multidão os germanos atravessassem o Reno, e pudesse defender toda a Gália da ofensa de Ariovisto.

Este episódio, imediatamente em seguida ao anterior, já demonstra o quanto o poder não só do exército romano, mas da pessoa de César eram respeitados pelos gauleses. Aqui também se busca justificar sua presença na Gália, César demonstra a intenção de garantir a segurança dos gauleses com o poderio romano. Evidentemente assim aumenta o seu temor e prestígio diante dos estrangeiros.

Segundo ano: 57

II, 2, 1

His nuntiis litterisque commotus Caesar duas legiones in citeriore Gallia nouas conscripsit et in ita aestate in interiorem Galliam qui deduceret, Q. Pedium legatum misit.

César, movido por estes avisos e cartas, alista duas novas legiões na Gália citerior e no começo do estio manda que o legado Quinto Pédio avance para a Gália interior.

Vemos aqui mais uma vez César alistando soldados. Com a menção de que duas legiões são criadas por sua ordem, progressivamente ele passa a ter mais e mais legiões sob seu comando.

II, 35.

His rebus gestis omni Gallia pacata tanta huius belli ad barbaros opinio perlata est, uti ab iis nationibus, quae trans Rhenum incolent, legati ad Caesarem mitterentur, qui se obsides daturas, imperata facturas pollicerentur. Quas legationes Caesar, quod in Italiam Illyricumque properabat, initio proximae aestatis ad se reuerti iussit. Ipse in Carnutes, Andes, Turonos quaeque ciuitates propinquae his locis erant, ubi bellum gesserat, legionibus in hiberna deductis in Italiam profectus est. Ob easque res ex litteris Caesaris dies quindecim supplicatio decreta est, quod ante id tempus accidit nulli.

Feitos estes combates, toda a Gália pacificada, tão estendida foi a notícia desta guerra pelos bárbaros, que daquelas nações, que estão além do Reno, embaixadores foram mandados a César, os quais se comprometeram a dar reféns e a executar o que fosse mandado. César, porque tinha pressa de ir à Itália e ao Ilírico, mandou estas embaixadas voltarem a si no início do próximo verão. Ele rumou para a Itália deixando as legiões em quartéis de inverno nos carnutes, andes e turonos que eram cidades próximas a esses lugares onde se deu a guerra. Por causa desses mesmos feitos, a partir das cartas de César, quinze dias de súplicas públicas foram decretados, o que antes deste tempo acontecera a ninguém.

Este episódio mostra claramente o efeito das vitórias de César para o seu prestígio na Gália, além do Reno e em Roma. A vitória sobre inimigos tão antigos garante para César seu objetivo: a glória. Ela foi reconhecida em Roma pela atitude do Senado; César, pela primeira vez, consegue, nas súplicas públicas, um reconhecimento maior que o de Pompeu.

Quarto ano: 55

IV, 38, 4

His rebus gestis ex litteris Caesaris dierum uiginti supplicatio ab senatu decreta est.

Feitas estas coisas pelas cartas de César, súplicas públicas de vinte dias são decretadas pelo Senado.

Aqui César supera sua própria marca, recebendo os vinte dias de súplicas. Suas vitórias eram reconhecidas como as maiores de Roma.

Sexto ano: 53

VI, 1, 1-4

Multis de causis Caesar maiorem Galliae motum exspectans per M. Silanum, C. Antistium Reginum, T. Sextium legatos dilectum habere instituit. Simul a Cn. Pompeio próconsule petit, quoniam ipse ad urbem cum imperio rei publicae causa remaneret, quos ex Cisalpina Gallia consulis sacramento rogasset, ad signa conuenire et ad se proficisci iuberet, magni interesse etiam in reliquum tempus ad opinionem Galliae existimans tantas uideri Italiae facultates, ut, si quid esset in bello detrimenti acceptum, non modo id breui tempore sarciri, sed etiam maioribus augeri copiis posset. Quod cum Pompeius et rei publicae et amicitiae tribuisset, celeriter confecto per suos dilectu tribus ante exactam hiemem et constitutis et adductis legionibus duplicatoque earum cohortium numero quas cum Q. Titurio amiserat, et celeritate et copiis docuit, quid populi Romani disciplina atque opes possent.

César, esperando por muitas razões haver maior agitação na Gália, resolve convocar tropas por meio dos legados Marco Silano, Antístio Regino e Tito Sexto. Ao mesmo tempo pede ao próconsul Gneu Pompeu, o qual, por causa do interesse público, ficara junto a Cidade com autoridade militar, que chamasse aqueles da Gália Cisalpina que estivessem sob o juramento do cônsul, juntasse as insígnias e os mandasse avançar para César, julgando haver certamente grande interesse para a opinião da Gália no tempo futuro parecerem tamanhos os recursos da Itália, que, se houvesse uma perda em batalha, ainda assim isto em breve tempo seria reparado, e ainda se pudesse aumentar com maiores tropas. Então, como Pompeu respeitasse o interesse público e a amizade, rapidamente completado o reforço com três das suas, antes do fim do inverno as legiões foram reunidas e mandadas e duplicado o número de coortes das quais com Quinto Titúrio tinham sido perdidas. Mostrou-se, pela velocidade e pelos recursos, o que podem a disciplina e a riqueza do povo romano.

Neste trecho, mostra-se mais um alistamento feito. Este, entretanto, é perito por meio de Pompeu em nome de César. Assim vê-se algo da relação entre eles. Já se mostra que Pompeu, designado próconsul da Espanha, tinha ficado junto à cidade e mantinha seu *imperium*, o que era irregular por só vale na sua província. O elogio feito “*cum Pompeius et rei publicae et amicitiae tribuisset*” mais do que mera cortesia é mostra da incerteza das relações de César com Pompeu⁸⁹. A princípio estavam juntos contra os *optimates*, neste ano (53), entretanto, a morte de Crasso e as instabilidades na cidade tratariam de iniciar a polarização entre eles. Com as legiões mandadas,

⁸⁹ Plutarco (2005), p. 91

César chega ao comando de dez — quatro do exército proconsular, uma alistada em 59, duas alistadas em 57, uma perdida em 54 mais estas quatro. A tomada da legião alistada por Pompeu em nome de César, será motivo de crise mais tarde⁹⁰.

Sétimo ano: 52

VII, 1, 1-2

Quieta Gallia Caesar, ut constituerat, in Italiam ad conuentus agendos proficiscitur. ibi cognoscit de P. Clodii caede de senatusque consulto certior factus, ut omnes iuniores Italiae coniurarent, dilectum tota prouincia habere instituit. (2) eae res in Galliam Transalpinam celeriter perferuntur. Addunt ipsi et adfingunt rumoribus Galli, quod res poscere uidebatur: retineri urbano motu Caesarem neque in tantis dissensionibus ad exercitum uenire posse.

Estando quieta a Gália, César, como decidira, parte para a Itália para presidir as colônias. Lá sabe da morte de Públio Clódio e da decisão do Senado, que alistava todos os jovens da Itália, decide alistar toda a província. Estas notícias são rapidamente levadas à Gália Transalpina. Os gauleses aumentam e enfeitam com rumores, pois a situação parecia mostrar que César era retido pelo movimento urbano e, em meio a tantas dissensões, não podia vir ao exército.

VII, 6, 1-4

His rebus in Italiam Caesari nuntiat, cum iam ille urbanas res uirtute Cn. Pompei commodiorem in statum peruenisse intellegeret, in Transalpinam Galliam profectus est. Eo cum uenisset, magna difficultate adficiesbatur, qua ratione ad exercitum peruenire posset. Nam si legiones in prouinciam arcesseret, se absente in itinere proelio dimicaturas intellegebat; si ipse ad exercitum contenderet, ne iis quidem eo tempore qui quieti uiderentur, suam salutem recte committi uidebat.

Anunciada esta situação a César na Itália, como ele já entendesse que os assuntos da Cidade haviam sido estabilizados por Gneu Pompeu, dirigiu-se para a Gália Transalpina. Como lá chegasse, encontrou-se em grande dificuldade de como poderia chegar ao exército. Pois se chamasse as legiões para a província, entendia que na sua ausência entrariam em combate no caminho; se ele próprio avançasse para o exército, não considerava correto a sua segurança entregue àqueles que pareciam quietos naquele momento.

⁹⁰ Ver, César, *Bel. Gal.* VIII, 54.

O trecho descreve o episódio da morte de Clódio, O texto faz crer que o afastamento do general, tamanha a agitação causada por essa morte, foi a causa da revolta dos Arvernos, que se estenderia a todos os gauleses. O que não é dito, a eleição de Pompeu a *consul sine collega*, é indicado pela atitude de alistamento na Itália, que por si demonstra a instabilidade em Roma naquele momento. Àquele que está interessado unicamente na questão gaulesa, o alistamento feito por César parece muito providencial perante a grande revolta que se avizinhava; entretanto, a morte de Clódio e a união ente Pompeu e o Senado colocaram César em grande desvantagem na Cidade. O alistamento nas Gálias, portanto, soa como reação ao alistamento na Itália, para que César tivesse efetivos próximos aos de Pompeu. A “estabilização” da situação, a qual não é descrita, acontecera por uma manobra de Pompeu, ainda não um inimigo frontal de César⁹¹. Interessante também notar que a repercussão deste agravamento da situação política de César chega à Gália, historicamente vemos que havia um movimento para tirar César do proconsulado antes do seu prazo final em 49. É, então, previsível que os gauleses vissem neste acontecimento a esperança da libertação, por meio de uma rebelião durante a ausência do general. Mostra-se também a importância deste junto ao seu exército, pois os gauleses achavam que a mera ausência de César seria motivo de enfraquecimento do exército romano ao ponto de poderem vencê-lo. Impressão compartilhada pelo próprio César, como se viu.

VII, 90, 8

Huius anni rebus cognitis Romae dierum uiginti supplicatio redditur.

Conhecidos os feitos daquele ano, em Roma foram concedidas súplicas públicas de vinte dias.

VIII, 1, 1

Omni Gallia deuicta

Vencida toda a Gália,

⁹¹ Canfora (2003), p. 160.

Mais uma vez, apesar da já desequilibrada situação política, o Senado garante o reconhecimento a César pela maior vitória romana na Gália e à paz assegurada depois de tamanha derrota dos gauleses.

Oitavo ano: 51

VIII, 24, 1

Bellicosissimis gentibus deuictis Caesar cum uideret nullam iam esse ciuitatem quae bellum pararet quo sibi resisteret,

Vencidos belicosíssimos povos, César como visse que já nenhuma cidade havia que preparasse guerra ou que resistisse a si,

Aqui se mostra como a pacificação da Gália fora finalmente alcançada com as longas campanhas de César. Este é o resultado positivo da guerra gaulesa.

VIII, 39, 3

Cum omnibus Gallis notum esse sciret reliquam esse unam aestatem suae prouinciae, quam si sustinere potuissent, nullum ultra periculum uererentur.

Como sabia que era notório a todos os gauleses restar apenas um estio de seu governo na província, no qual pudesse se sustentar, nenhum perigo além temeriam.

Neste trecho demonstra-se a limitação temporal da campanha e como ela era conhecida até pelos gauleses, assim era indispensável a pacificação neste tempo, pois que já terminava a duração do proconsulado.

Os trechos acrescentados, provavelmente por Aulo Hércio, aparecem como um complemento para fazer a junção com o *Bellum Ciuile*, por isso referem-se primordialmente a acontecimentos políticos. A última frase dos *Commentarii* tem claramente o objetivo de fazer junção com a primeira do *Bellum Ciuile*.

VIII, 55, 3

Contendit per litteras ab senatu, ut etiam Pompeius se imperio abdicaret, seque idem facturum promisit; sin minus, se neque sibi neque patriae defuturum.

Dirige-se por cartas do Senado, que também Pompeu abdicasse de seu *imperium*, promete fazer o mesmo; se não o fizesse, nem a si e nem a pátria haveria de faltar.

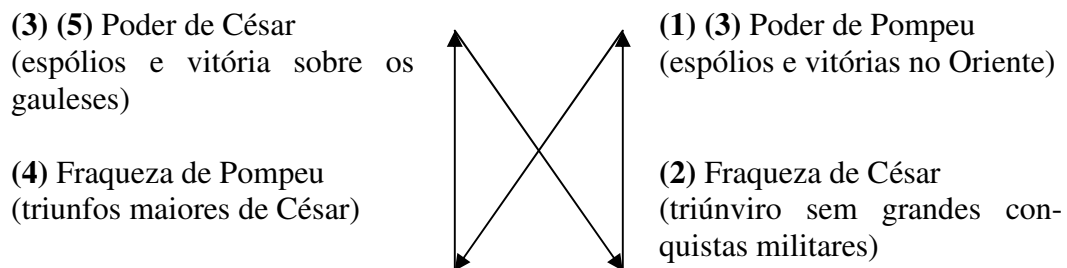
Esta é a carta a que se refere no *Bellum Ciuile*. I, 1, 1:

Litteris C. Cesaris consulibus redditis (...)

Entregues as cartas de Caio César aos cônsules (...)

Assim, as ações de César aumentam constantemente sua glória e respeito, durante as campanhas ao mesmo tempo sua oposição a Pompeu se desenvolve até o confronto direto. Com o espólio dos gauleses e a glória das vitórias, pretende a uma *dignitas* maior que a de Pompeu. Podemos, então, formar o quadrado semiótico:

- (1) Estado: pequena glória de César, *dignitas* menor que a de Pompeu;
- (2) Mudança de estado: perturbações entre os gauleses, início das guerras;
- (3) Estado: Guerra
- (4) Mudança de estado: conclusão das guerras, vitória de César;
- (5) Estado: grande glória de César *dignitas* maior ou igual à de Pompeu.



4.3. Valorização

Como vimos, César é descrito muito mais por seus programas do que pelo uso de processos figurativos. Assim, a sua valorização vem do fazer e não do ser. Por isso buscamos nas estruturas semionarrativas as definições dos valores.

O destinador expresso de César é o *populus Romanus*; cuja referência ocorre inúmeras vezes no texto: há uma insistência sobre este ponto. Entretanto, análise da narrativa nos permitiu ver outro percurso narrativo que nos conduz a um programa no qual o próprio César aparece como destinador. A coexistência dos programas está na base da compreensão de seu percurso, e, a partir deles, dos valores recebidos e defendidos pelo personagem. A caracterização do personagem se limita totalmente à sua definição técnica: o *imperator*. Por ele se conjugam os dois destinadores, pois por um lado remete à origem do seu *imperium*, justamente o *populus Romanus*, por outro abre espaço para uma singular autonomia. Isto por fim dará condições ao personagem de beneficiar-se de suas prerrogativas ao mesmo tempo em que poderá transferir seus próprios valores para a autoridade do seu destinador.

O objeto de César é a vitória sobre seus adversários. Logo, trata-se de uma concorrência entre dois programas, César deve ou manter uma situação vantajosa preestabelecida ou galgar uma vantagem potencializada, seu percurso pode ser de busca ou conservação. Este texto particularmente diminui as diferenças fundamentais entre estas duas posturas. A princípio ocorre sempre o desejo de preservação, pois ele visa defender o povo romano de qualquer prejuízo, entretanto, sempre que aparece a possibilidade de ganhos ela é explorada. O povo romano está, no momento inicial, conjunto com a paz, esta é perturbada pelos oponentes, a atitude predominante é a de conservação; mesmo quando há uma busca explícita, como nas expedições, esta é sempre relacionada a um “ataque preventivo”. No outro programa, César é o político que está em busca da glória. Ele precisa tomar a iniciativa do combate para garantir sua vantagem, e sua atitude é sempre de busca. Este percurso, entretanto, aparece apenas quando percebemos em que momentos é no interesse de César, e não do povo romano, que determinada atitude é tomada.

O seu destinador é dotado de certas características particulares:

É coletivo, portanto difuso, seus interesses são percebidos por uma abstração, sempre que há necessidade de especificar, abre-se espaço para a opinião de César prevalecer.

É distante, tanto do sujeito quanto do objeto, isto primeiramente torna o valor do objeto muito vago. Pois a vantagem ou desvantagem de determinada vitória só se perceberia com o passar do tempo, é sempre César o árbitro do que representaria o interesse dos romanos nos assuntos de povos distantes.

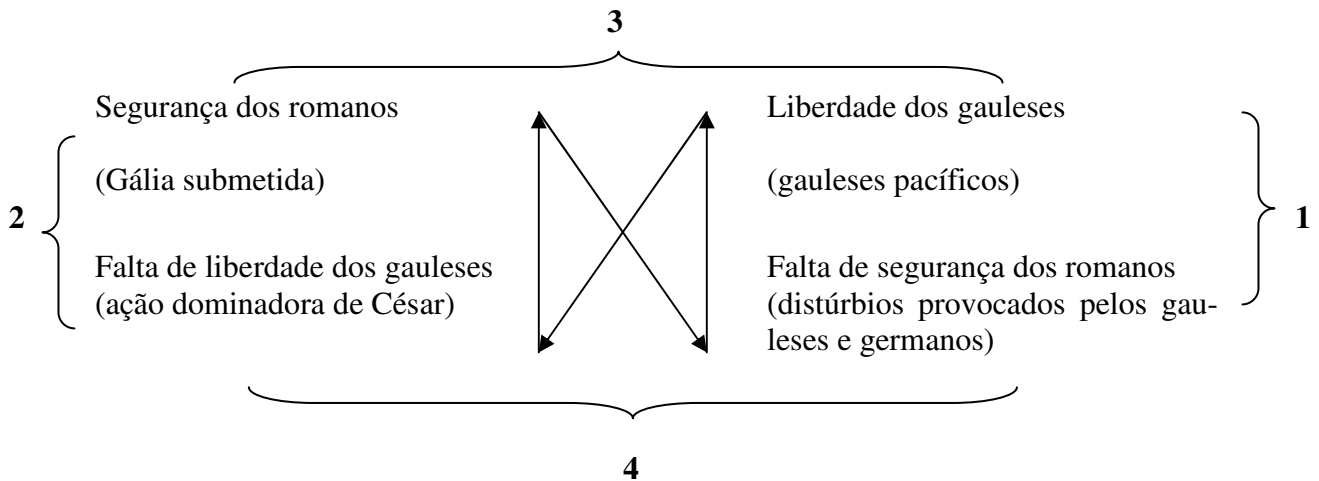
É indireto, nas vezes em que a atitude do destinador é descrita; temos a sua representação pelo Senado, que assim é uma estância intermediária que sanciona no lugar do destinador.

Assim, o destinador primeiro mantém um poder de manipulação muito débil apesar de claro. Como se o personagem tivesse sido manipulado e qualificado num momento anterior ao início do percurso e o resultado desta manipulação fosse estável, constante de modo a não precisar de reforço. Isto se demonstra pelo comprometimento permanente e incansável de César com os interesses de seu povo. Não há modalização nesse compromisso, o que afasta a esfera passional de sua ação, o personagem é invariável em suas convicções, disposições e capacidades. No percurso político, por outro lado, o destinador-sujeito à constância na ação demonstra a busca ininterrupta por uma vantagem que somente por meio da glória se alcançará. A progressiva conquista da Gália traz a paz e também a riqueza e principalmente o poder militar e político.

A vitória é um objeto, por natureza, preenchido de sentido com base na observação do antagonismo entre o sujeito e o anti-sujeito. Trata-se de um choque de programas, portanto, é no estudo das diferenças entre esses programas que percebemos os valores do objeto. A obra não é um livro particularmente patriótico, não se descreve propriamente o confronto entre dois povos, mas sim a etapa de pacificação da Gália necessária à garantia de paz para Roma. Tampouco temos uma guerra entre nações, ou uma conquista programada, mas conflitos intermitentes que culminam, por iniciativa dos gauleses, numa “batalha decisiva”, na qual a derrota conduz naturalmente à anexação.

O valor fundamental dos gauleses é a “liberdade comum”, o valor fundamental de César é a *salus populi Romani*. Assim, a questão gira em torno de como a liberdade dos gauleses pode prejudicar o povo romano? É a circunstância que opõe esses valores que não se oporiam por neces-

sidade. Em cada invasão, conjuração ou rebelião esta oposição é atualizada até se tornar previsível, de modo que a sobrevivência da Gália livre depende da derrota total dos romanos. César, por seu lado, só pode ter a Gália pacificada depois da derrota completa deles. Parte nenhuma se rende sem lutar, nenhuma aliança é confiável até o fim do sétimo livro. O imperialismo romano aparece então neste confronto: é uma política de defesa de Roma que implica na submissão dos povos vizinhos. Isto depreendemos apenas do texto:



No estágio inicial descrito em 1, a liberdade dos gauleses implica na falta de segurança para Roma, assim a ação de César tem por objetivo construir o estágio 2; tomando a liberdade dos gauleses ele garante a segurança para a Cidade. Este esquema é configurado desde o início do texto em todas as suas justificativas. O imperialismo romano é descrito como uma política na qual a segurança própria não coexiste com a liberdade dos povos vizinhos. É feito o elogio ao orgulho dos gauleses em não se submeter a ele; porém progressivamente o estágio 3 aparece como uma possibilidade irrealizável, diferente do estágio 4, que é sugerido, por exemplo, na guerra contra Ariovisto e em outros movimentos germânicos na Gália. Por tudo isso a conquista da Gália configura-se como única possibilidade de segurança para Roma.

5. CÉSAR NOS *COMMENTARII*

5.1. Confronto entre retórica e poética

Como vimos no primeiro capítulo, os *Commentarii* se colocam em encruzilhadas teóricas entre história e autobiografia, literatura e propaganda. E é justamente a complicada relação entre narrador e personagem que melhor explicita essa condição. A análise da condição do narrador e do personagem ressalta que as questões entre poética e retórica suportam as ambigüidades de gênero da obra.

5.1.1.Princípios teóricos

Poética e retórica dissociam-se teoricamente desde a formulação dos conceitos, por Aristóteles. Na transposição para Roma esses conceitos foram revistos pelas noções estéticas nativas e principalmente pelos programas estético-literários em curso no século I a.C.. Cícero foi o que mais se expressou em relação a esses programas, é, portanto o autor de referência para o período de César.

5.1.1.1. Aristóteles e Cícero

Para Aristóteles, a retórica é uma arte (*tecné*) que tem por fim descobrir “o que, em cada caso, pode ser capaz de gerar a compreensão”. A este “quê” ele chama provas, primeiramente dividindo-as entre as evidentes e as que “dependem da arte”, são as provas retóricas. Daí se cria uma primeira distinção que será fundamental para nossas considerações: a diferença entre verdade evidente e verdade que depende do discurso. A verdade é algo perpétuo nas perspectivas da retórica:

“A retórica é útil porque o verdadeiro e o justo são, por natureza, melhores que os seus contrários. Donde se segue que se as decisões não forem proferidas como convém, o verdadeiro e o justo serão necessariamente sacrificados: resultado este digno de censura.”⁹²

⁹² Aristóteles, *Arte Retórica* I, 12.

A seguir, as provas retóricas são classificadas segundo a origem de sua força de persuasão. Assim, são chamadas provas morais, ou provas éticas, as que apelam para o *ethos* do orador, na confiabilidade da palavra dele; provas lógicas, as que partem da coesão e coerência lógica do discurso e apelam para o *logos*, por fim provas patéticas, aquelas que, apelando para o *pathos*, se baseiam nas paixões despertadas pelo discurso no ouvinte. Sistemáticamente podemos dizer que as primeiras apóiam sua veridicção no simulacro criado pelo sujeito da enunciação no discurso; na narrativa, isto se dá pela verossimilhança do narrado. As segundas na coesão esquemática do texto, que, evitando as ambigüidades, conduz, feito o percurso gerativo, a uma idéia clara e precisa. As últimas nos efeitos patêmicos gerados pelo percurso do enunciador sobre o receptor.

A arte retórica tem como requisitos “ser capaz de deduzir por meio de silogismo, encarar teoricamente os costumes e as virtudes, e, em terceiro lugar, de conhecer as paixões e a natureza e a qualidade de cada uma delas e, sua origem e desenvolvimento no indivíduo.”⁹³. Como a retórica é do interesse de todos, suas habilidades são usadas por todos os homens. Foi Aristóteles também quem dividiu os gêneros da retórica: deliberativo, onde se aconselha ou desaconselha-se uma decisão; demonstrativo, onde se elogia ou censura e judiciário onde se acusa ou defende. Assim, além da verdade, a justiça é uma preocupação constante da retórica, por isso sempre tem um caráter moral.

A poética, para Aristóteles, é a arte da criação (*poiesis*). Parte, sobretudo, da imitação (*mimesis*), que é algo universal no homem:

“A tendência para a imitação é instintiva no homem, desde a infância. Neste ponto distinguem-se os humanos de todos os outros seres vivos: por sua aptidão muito desenvolvida para a imitação. Pela imitação adquirimos nossos primeiros conhecimentos, e nela todos experimentamos prazer.”⁹⁴

Na poética o primeiro valor exposto é o da beleza. Divide-se a princípio a teorização da forma e do conteúdo. Quanto à forma, a precisão da *elocutio* é ponto fundamental, determinado pela harmonia e pelo ritmo. Assim se definem as maneiras de imitar, os diferentes metros. O conteúdo se classifica em imitar as coisas como são, melhores do que são ou piores do que são. A beleza da elocução é definida: “A qualidade principal da elocução poética consiste na clareza,

⁹³ *idem, ibidem*, II, 7.

⁹⁴ *idem, ibidem*, IV, 2.

mas sem trivialidades.”. No equilíbrio entre esses pontos reside a boa arte. Quanto ao conteúdo seu valor principal é a verossimilhança: “É preferível escolher o impossível verossímil do que o possível incrível”⁹⁵. A verossimilhança se consegue por meio da precisão na construção da fábula.

Sistematicamente, a poética de Aristóteles trata das questões de estruturação semionarrativa e figurativa, tendo sempre em vista a beleza que vem da harmonia. Enquanto a retórica se preocupa com a verdade, a poesia se preocupa com o verossímil. Em um ponto, entretanto elas se aproximam: na *elocutio*.

“1. Depois de termos falado sobre os outros elementos essenciais da tragédia, resta-nos tratar da elocução e do pensamento. 2. O que diz respeito ao pensamento tem seu lugar nos *Tratados sobre retórica*, pois este gênero de investigações é seu objeto próprio. 3. Tudo que se exprime pela linguagem é domínio do pensamento. 4. Disso fazem parte a demonstração, a refutação, e também a maneira de mover as paixões, tais como a compaixão e o temor, a cólera e as outras. 5. É evidente que devemos empregar estas mesmas formas, a propósito dos fatos, sempre que for necessário apresentá-los comoventes, temíveis, importantes ou verossímeis.”⁹⁶

Assim, a teorização sobre a elocução é competência da retórica, e suas atribuições são resumidas em XIX, 4. Daí, os recursos de elocução podem ser utilizados para fins poéticos: que trata de tornar os fatos “comoventes, temíveis, importantes ou verossímeis”. Aqui se esclarece a diferença destas artes pelo fim e semelhança pelos instrumentos. Neste livro temos também uma importante comparação entre o poeta e o historiador:

“O historiador e o poeta não se distinguem um do outro, pelo fato de o primeiro escrever em prosa e o segundo em verso (pois, se a obra de Heródoto fora composta em verso, nem por isso deixaria de ser obra de história, figurando ou não o metro nela). Diferem entre si, porque um escreveu o que aconteceu e o outro o que poderia ter acontecido.”⁹⁷

⁹⁵ *idem, ibidem*, XXV, 7

⁹⁶ *idem, ibidem*, XIX, 1-5

⁹⁷ *idem, ibidem*, IX, 2

Assim, se percebe o ponto de distinção entre poesia e história: a realidade do fato descrito. Entretanto, a história, enquanto relato, fará sempre uso, tanto quanto a poesia, da elocução e, como busca a verdade, se aproxima mais da retórica do que da poesia.

Cícero trata de retórica e de poesia em seus escritos, uma vez que se propunha a tratar de todas as artes. Ele foi o primeiro em Roma a apresentar um programa que integrasse todo o pensamento até então e o organizasse em função de um único princípio. Este princípio, o valor máximo do pensamento ciceroniano, era a *Res publica*, de modo que todas as artes fossem categorizadas de acordo com a sua utilidade para o Estado. Para o *mos maiorum*, os valores romanos tradicionais, o serviço ao Estado vinha em primeiro lugar, a dedicação ao estudo fazia parte do *otium*.⁹⁸ Cícero destacou-se não apenas por dedicar-se a um e a outro, mas também por sistematizar o valor das letras em como elas poderiam ser úteis à nação.

A retórica, para ele se colocava no primeiro lugar entre as artes. Continuando Aristóteles, ele considerava que da retórica partia o estudo da *elocutio* que sustentava toda expressão em linguagem e o pensamento. Divide as artes em artes médias, *mediocres artes*, das quais fazem parte a filosofia, a matemática, a música e a poesia; e artes maiores, *maximae artes*, a retórica, a política e a arte bélica. Política e retórica estarão sempre estreitamente ligadas, ao passo que a arte bélica compete com esta última desfavoravelmente⁹⁹. Indo além, ele definiu o homem ideal para a república como o *orator*, o homem letrado. A poesia, como vimos, aparecia em segundo plano, como uma arte menor em sua utilidade.

Cícero relacionou história e retórica criando o conceito de *historia ornata*¹⁰⁰. A história, enquanto *exemplum*, era objeto de elogio ou censura, assim se prendendo ao gênero descritivo da retórica. Neste gênero, artifício comum era a *laudatio*, que partia de tradições das famílias importantes a respeito dos antepassados e que, no nível da Cidade, estabelecia os heróis como exemplos a serem seguidos. Por isso a descrição dos fatos passados relevantes sempre trazia elementos de moralização, quer positiva quer negativa. O processo laudatório era parte fundamental do processo de moralização, que em última instância, era o objetivo da *historia ornata*.

⁹⁸Pereira, (1986), p. 117.

⁹⁹ Vide a máxima: *cedant arma togae*. (Cic. De off., I, 22)

¹⁰⁰ Vide item: 2.1.2.

5.1.2.O *ornatus* e a *laudatio*

César se coloca sistematicamente fora desses preceitos, como fora registrado pelo próprio Cícero, ao rejeitar o *ornatus*. Assim César contraria a *historia ornata*, sem, entretanto deixar de escrever história. O que vimos, entretanto, na análise do texto é que esta rejeição não é completa: se entendemos por *ornatus* todo e qualquer recurso retórico, percebemos que eles certamente estão presentes na obra. César em sua propaganda oculta rejeita as mais externas e extravagantes formas de elogio, mas não se nega, entretanto, a fazer a sua autodefesa, para isso inverte o processo de *laudatio* e retorna ao cerne do gênero descritivo, a verossimilhança dos fatos descritos. Somente por meio da força lógica de seus entimemas o processo ético é direcionado a seu favor.

Enquanto narrador, César constrói um sistema de veridicção que encaminha o leitor para o seu *ethos*. Estilisticamente se prende à *simplicitas* e a *grauitas* para se qualificar como historiador, engrandecendo os fatos sem os louvar, e assim cria um esquema comparativo quantitativo e qualitativo. Na esfera quantitativa temos uma abundância de estatísticas para expressar, pela força dos números, a grandiosidade dos acontecimentos. Qualitativamente temos a colocação de referências simples que se repetem constantemente: o perigo para a República, o dano aos cidadãos romanos ou seus amigos. Assim, parte das convenções de uma narrativa de guerra e as fortalece, e chega a criar uma nova linguagem para a descrição de batalhas. A proposta clara, de que o objetivo é descrever as guerras, é levada a cabo e, sem contrariá-la, ele consegue transmitir valores políticos, revestindo a narrativa de conceitos éticos, desde o princípio básico das campanhas¹⁰¹, até uma verdadeira prescrição de como deve agir o líder romano. Faz isto pela descrição do personagem César.

O personagem César é descrito sem o emprego das convenções laudatórias, por suas ações e não pelo ser e, principalmente, qualificado dentro de suas atribuições públicas e não como particular, ao ponto de seu personagem ser algumas vezes deixado de lado em favor de ações que envolveram o coletivo. Esta descrição lhe traz várias vantagens: enquanto autor, ele se notabiliza pela *simplicitas* e *grauitas*, abstendo-se da qualificação ornamental e conseqüentemente dando especial relevo aos fatos narrados, por exemplo, em I, 12, também, sendo autobiógrafo, faz a sua auto-justificação não pelos qualificativos, mas pelos percursos narrativos, deixando que a narra-

¹⁰¹ Vide item: 3.4.3.

tiva transmita sua intenção, isto é, preferindo o *logos* e o *ethos* ao *pathos*. Enquanto personagem César aparece, sobretudo, como um general, nada mais dizendo sobre suas outras atividades, marcado pela eficiência no cumprimento do dever, por exemplo, em I, 40, já que suas qualidades se depreendem todas de suas ações e do bom concurso delas.

Assim ele se utiliza do *ornatus* basicamente apenas no tocante à verossimilhança da narrativa. A disposição de sua narrativa não é de forma alguma fortuita ou descuidada. Primeiro, César garante para si a confiança ao provar sua precisão em descrições estatísticas de lugares e pessoas, e não é despropositada a estrutura dos primeiros capítulos do livro I; em que descreve as terras e os povos da Gália, um povo em particular, os helvécios, e como este entrou em conflito com os romanos, para somente depois expressar a sua reação como responsável pela província — o nome César só é usado no capítulo 10. Em IV, 1-3, são descritos os suevos, que César combaterá no livro sexto, sua descrição é feita antes do conflito para explicar a campanha dos usipetes e tencteres. As qualificações de César são dadas pelo seu sucesso e também pela reação dos seus aliados e oponentes. Em segundo lugar, César passa à descrição das ações suas e dos inimigos, sempre compondo um programa que seja imediatamente justificável ou pela justiça de suas ações ou pela necessidade de suas reações.

César o faz processo da *laudatio*, um processo que visava elogiar os presentes comparando-os com heróis do passado. Esses heróis se celebrizaram por feitos militares que engrandeceram o nome romano. Não por acaso, ele se compara com Mário. Mas vai além e mostra feitos que, no presente, levaram o nome de Roma a povos que sempre os desprezaram, recebendo por isso honorarias jamais dedicadas a outrem. Ele não se comparou por nome e por virtudes aos heróis do passado, mas fazendo justamente o que fizeram: vencendo povos em nome de Roma. Se, em Roma, as virtudes vinham dos feitos e não o oposto, César provou ser ele mesmo um paradigma de virtudes.

5.1.3.A verdade retórica e a verdade histórica

O problema da verdade está então inserido na questão maior da veridicção: como se pode transmitir um fato verídico por meio de um texto? O que os *Commentarii* nos dizem do César real? Esta é não somente uma questão relevante aqui como dela depende o valor da obra. Conhecemos o personagem histórico Caio Júlio César, sabemos que ele esteve na Gália e que participou

de guerras; sabemos também que ele escreveu uma obra historiográfica sobre elas, os *Commentarii de Bello Gallico*. Sua obra deve ser considerada histórica? Um argumento a favor é que César, autor, pretendia que seu relato fosse tomado como verdadeiro; contemporâneos e pósteros tiveram a oportunidade de refutá-la, mas os que o fizeram em parte não retiraram o valor da obra como um todo. Se se questiona sua adequação ao gênero historiográfico, o que não se nega é que por meio dela se pode conhecer César, isto é, há relação entre o César-personagem e César-autor.

Sendo uma obra de história, a questão da verdade se torna fundamental, ela somente aparece se os processos de veridicção são eficientes, para isso o uso dos recursos retóricos. Assim, o valor histórico e a eficácia retórica do texto estão interligados.

5.2. A obra literária política

Considera-se normalmente que César compôs suas obras como obras de propaganda primordialmente, e tratou de dar-lhes um verniz histórico literário justamente para ser mais eficiente. Já Cícero, ao ligar história à retórica, tornou-a matéria de políticos. Biograficamente podemos dizer que sua atividade literária estivera sempre, ou quase sempre, subordinada à política; portanto, para encontrar a figura de César tentamos encontrar o político na junção entre o general e o escritor.

5.2.1. A *uirtus* do general e do escritor

Temos César-personagem, general vitorioso, e César-autor, escritor elogiado, um e outro facetas do político que realizou, de 59 a 51, uma etapa decisiva de sua escalada pelo poder. O general César é indefectível em suas atribuições, não há falha da qual ele possa ser responsabilizado. Movido interinamente pelo interesse da República ele garante a glória e a segurança do povo romano ao derrotar os mais ferozes, antigos e numerosos inimigos de Roma, os gauleses, além de se impor sobre germanos e bretãos. Submetendo mais povos e maiores territórios que qualquer outro romano, sobretudo Pompeu, ele traz riquezas e espólios admiráveis que são reconhecidos com honrarias inéditas pelo Senado.

César escritor é preciso, sutil elegante e eficiente em sua narrativa. Não recaem sobre o *De Bello Gallico* sequer as acusações de propaganda que aparecem contra o *Bellum Ciuile*¹⁰². Sua obra traz um retrato de povos e terras ainda hoje aceito e frequentemente confirmado por fontes diversas, a descrição da sua atividade militar retrata a notória capacidade bélica romana, sua eficiente administração e a consolidação das suas estratégias de defesa da pátria. Na beleza da língua e na precisão histórica ele cumpre exemplarmente sua função de historiografia literária.

5.2.2. Os usos da história e da literatura, a *uirtus* do político.

No nível seguinte se encontra o político, que faz uso da guerra e da literatura. É no chamado nível das disposições axiológicas que as duas atividades se encontram, no estudo das características do personagem e do narrador. Quando o viés moral pode ser aplicado ao sentido de César como item semiótico, o próprio motivo da obra, a guerra, nos conduz a uma visão política. Não vemos como poderia ser diferente, as convenções da historiografia, a tradição dos *commentarii*, os princípios correntes da retórica romana e, principalmente, o contexto determinam o aspecto político como o principal de uma obra como essa. O texto nos mostra esse aspecto que dá nova significação à narrativa de guerra.

Discriminados os valores inscritos nas ações do personagem e nas manifestações do narrador, podemos tentar uma sistematização, a partir do uso¹⁰³ específico na obra para descrever um esquema ideológico sugerido pelo autor. É neste esquema que a obra é tomada como peça, propagandística ou meramente didática dependendo do ponto de vista, integrante de um todo de composição biográfica: o César dos *Commentarii* combina-se àquele conhecido pela atividade política em diversas *media*¹⁰⁴ para compor sua imagem pessoal. Vemos a contribuição do *De Bello Gallico* para esta na figura composta no nível axiológico, nível que traz a avaliação moral de César. Esta avaliação se faz considerando a dupla fonte: o César que compõe os *Commentarii* e o que é composto por eles. Reunidos estes, trabalhamos com César em uma nova categoria: a de autor-narrador-personagem, específica do discurso da autobiografia. Sendo sua descrição eminentemente actancial, ele é definido pelos seus percursos; veremos, então, o julgamento moral nas três dimensões de aparição:

¹⁰² Canfora (2002), p. 405

¹⁰³ Para a noção de uso ver: Bertrand (2000), p. 431.

¹⁰⁴ No sentido estrito da palavra.

Na dimensão cognitiva, César é o homem que domina o espaço e os homens enquadrando-os em esquemas canônicos. Ele é fortemente guiado pela tendência estatística, ele mede, calcula e contabiliza os fatos, não deixa espaço para relativismos, mas respeita o aspecto qualitativo. Neste, ele deixa claros seus parâmetros, fortemente fundados em precedentes verificáveis, assim descrevendo o forte e o fraco, o grande e o pequeno, o viril e o pusilânime. Demonstra claramente um esquema paradigmático de qualidades do qual ninguém mais que o próprio César se aproxima, pelo simples motivo de ser o vencedor de todos os outros, e é a partir da *felicitas*, o sucesso, das ações que se determinam a virtude e a fraqueza. Trata-se de uma avaliação não da natureza, mas da eficiência.

Na dimensão pragmática, César é o bem sucedido, aquele que consegue efetivar todas as ações, colhendo o resultado esperado. Sua ação é concentrada, e também limitada, nos seus preceitos e prerrogativas, a todo o momento se releva suas prioridades e diretivas, alcançadas pela persistência e insistência, além, evidentemente, do conjunto de qualidades apropriadas para cada questão. O seu invariável sucesso potencializa a sua virtude, as qualidades se mostram sempre no momento que são necessárias, o que é uma maneira de dizer que César tem sempre aquilo que é preciso para resolver qualquer problema. Seus objetivos são simples, diretos e se baseiam num valor amplamente aceito pelos romanos: a *salus populi Romani*; este valor e as boas intenções de César são repetidos e reafirmados até se tornarem, quase, indiscutíveis. Se pensarmos que ele aspirava nada menos que ser o número um em Roma, esta descrição pretensiosa parece adequada: ele precisava fazer crer exatamente isto, efetivando a sua *laudatio* por simplesmente ter vencido todos os seus desafios.

A dimensão patêmica é simplesmente excluída, do ponto de vista retórico, o patético está quase totalmente ausente. O general não tem nenhum receio, sobressalto ou hesitação, nenhuma instabilidade, quer quando ordena a chacina de toda uma cidade, quer quando tem todo o seu exército, e a si mesmo, cercado por uma multidão imensamente superior. O escritor descreve a extinção de povos tal como a travessia de rios com o mesmo tom. Essa exclusão do *pathos* não só releva o *logos* como também marca, pela ausência, a rejeição à dimensão individualizante na obra. César se afirma individualmente apenas pela sua prerrogativa e preceitos, da mesma forma todos são tratados considerando-se apenas sua função, seu papel no esquema político-militar. O apagamento do indivíduo nesta obra é tema vasto digno de trabalho próprio, basta aqui esclarecer

que, na composição de César nota-se a disposição em considerar as instituições mais do que os indivíduos, e estes apenas no que podem causar transformações naquelas.

5.2.3.A obra engajada.

Consideramos, então, o engajamento da obra: a sua disposição em ser não apenas objeto estético, mas portadora de uma ideologia. Esta consideração parte das constatações em relação ao seu aspecto axiológico; encontramos idéias e valores compostos e defendidos pelo texto. César busca a *dignitas* por meio da *gloria*, tanto ao fazer a guerra quanto ao compor o livro. Este objetivo político que guia os outros percursos acaba por tornar a obra um demonstrativo daqueles dois conceitos. As suas articulações políticas, suas batalhas e conseqüentes vitórias mostram de maneira paradigmática como alcançar a *gloria* guerreira, este paradigma é reforçado principalmente pela repetição de procedimentos que compõem uma fórmula tanto da gerência da política externa quanto da condução da guerra. As sucessivas demonstrações de respeito/temor e visível crescimento de prestígio reconhecido por órgãos oficiais mostram como estava ligada a *gloria* à *dignitas*, e descreve um uso específico deste último termo particularmente aplicável àquele momento histórico: o prestígio baseado numa posição de autoridade e grandes feitos.

Justamente na qualidade de sua propaganda, César se afirma como grande escritor, pela sua capacidade de inculcar elemento ideológico em fatos comprovadamente verídicos. A repetição de seu percurso fixou a *salus populi Romani* como uma fórmula estereotipada, objetivo único de toda a virtude e todo esforço, e César como seu defensor. Os romanos eram particularmente suscetíveis a noções como “pai da pátria”¹⁰⁵, “defensor do Senado”¹⁰⁶; César se descreveu como defensor de Roma por excelência, justamente por vitórias contra os mais antigos e temidos inimigos: os gauleses e os germanos. Sua descrição foi baseada na repetição para reforçar valores e na abundância de números, que apelava ao gosto dos romanos pela grandeza. A *simplicitas* realçava a *grauitas*, a exclusão do *pathos* criou um personagem absorvido em seu trabalho, este nada mais do que o mais nobre possível, a guerra. O tom seco, por vezes fleumático e frio, construiu uma figura monolítica, confiável e vitoriosa como nenhuma outra antes.

¹⁰⁵ Título dado a Cícero por ocasião da debelação da conjuração de Catilina em 63 a. C..

¹⁰⁶ Título dado a Pompeu em 49 a.C. e a Otávio em 43 a.C..

6. CONCLUSÃO

O estudo dos *Commentarii de Bello Gallico* põe sempre em questão sua validade nos quatro aspectos tanto citados: histórico, autobiográfico, literário e propagandístico. À primeira vista, podem-se considerar estes aspectos autônomos em si e até opostos, entretanto uma análise excludente rende apenas uma limitada visão da obra. O que buscamos neste trabalho foi compreender como a obra se presta a tantas diferentes análises e como se pode buscar uma postura geral que abarque os aspectos do texto sem exclusões. A relação entre o personagem e o autor mostrou se o ponto onde estas contradições se defrontam mais visivelmente.

A abordagem da obra se definiu levando em consideração esses quatro fatores, e vimos como cada um deles não abarcava sozinho os seus horizontes de significação. Partimos, então, para o estudo do narrador, que não é assumido pelo autor, mas que indiscutivelmente nos conduziu a ele; observamos sua atuação nos níveis figurativo, semionarrativo e axiomático. Em seguida tratamos do personagem, sua caracterização figurativa, seus percursos e programas narrativos e seus valores. Só então pudemos, numa confrontação entre esses dois, trabalhar uma figura de César que tentasse incluir todas as informações dadas no texto.

Os dados para análise foram colhidos por toda a obra onde eles se apresentassem mais facilmente identificáveis. Citamos com tradução sempre que os trechos que convenientemente fundamentaram as considerações tomadas. Estruturando tematicamente e não cronologicamente a análise, optamos por quebrar a ordem do texto para ressaltar a recorrência por toda a obra dos elementos analisados. A obra se caracterizou por uma repetição de termos, figuras e processos de modo que as noções se afirmaram não num desenvolvimento linear, mas pela constância.

As figuras de César em diferentes posições na obra: autor, personagem e, entre elas, narrador apresentaram intrínseca interdependência. As peculiaridades de gênero fizeram com que o contexto da obra não pudesse ser desprezado na análise e nos permitiram buscar o autor “real” a partir do estudo do narrador. Sua análise nos mostrou sua língua, seu estilo, sua estruturação da narrativa e, por fim, as idéias nela transmitidas, delineando o autor por trás de si. Ele enfatizou o caráter retórico da obra, não apenas de acordo com os princípios da historiografia na antiguidade como na precisão em misturar elementos elogiosos no cerne da composição do texto, fazendo assim uma “propaganda oculta” que não se opõe à verdade histórica, mas se aproveita dela; a

propaganda na obra não a desmerece, pelo contrário, fundamenta; mostrou-se incompleta uma análise que excluísse este aspecto porque ele emana do próprio texto e, portanto, não pode ser desprezado.

O personagem César foi caracterizado exclusivamente a partir de sua posição político-militar: o próconsul responsável pela província. Toda a sua caracterização, ações e valores foram baseados nas suas atividades civis e militares do cumprimento de sua função. A verdade de suas virtudes se fundamenta na precisão quantitativa e qualitativa da sua descrição, marcada basicamente pela vitória em todos os projetos, vitórias reconhecidas ubiquamente. A justiça de suas ações firma-se no conceito elementar, porém poderoso da “*salus populi Romani*”, que deveria ser o objetivo maior de todo homem público.

Na nova figura de autor-narrador-personagem encontramos César, integrando os vários níveis e linhas de análise; fizemos um estudo partindo do texto e sempre tendo o contexto em vista. A sua eficiência ressalta qualidades que valem tanto para o personagem quanto para o escritor e o político. Este último se sobrepõe aos dois e se apresenta quando consideramos o valor ideológico do texto; ele nos permite uma visão global de César na obra: basicamente um político que alcança a excelência na arte política por meio da excelência tanto na arte militar quanto retórico-literária. Ele efetivamente conseguiu dominar os gauleses, sendo sempre vencedor em batalhas grandiosas, angariou para si imenso poder e prestígio, a tão almejada *dignitas*, e fez, com sua narrativa, uma eficiente demonstração de suas capacidades, não apenas sendo reconhecidamente fiel aos fatos, como os descrevendo de modo a exibir a sua virtude com base em fatos e dados comprovados. E foi o sucesso em sua pretensão histórica que fez com que a propaganda de César, fosse bem eficiente, e isto se deu por um uso particular dos recursos retórico-literários para compor sua autobiografia. Politicamente, firmou-se como figura mais eminente em Roma no tocante ao poderio militar.

Deste ponto pudemos perceber que fundamentalmente os *Commentarii de Bello Gallico* consistem em uma obra política, e que os valores literário e histórico não se dão apesar do sentido político, mas justamente pela compreensão deste sentido é que se pode mais apropriadamente perceber tais valores. A obra se afirmou como relevante relato historiográfico por que suas afirmativas resistiram à crítica de contemporâneos e de historiadores modernos, e, como bela obra

literária, porque mesmo tendo conteúdo propagandístico e histórico, estas duas atividades, a princípio antagônicas, foram reunidas pelo fazer literário, pelo estilo na composição do texto do nível mais superficial ao mais profundo. Destacando o aspecto literário, César usou da arte da deformação histórica. Assim ele pôde dizer a verdade e ao mesmo tempo transmitir seus valores pessoais. Na sua habilidade em executar um projeto político por meio de uma obra histórica é que consiste a sua arte. Algo que força os limites da literatura por incluir opostos: retórica e poética, verdade histórica e propaganda ideológica e beleza estilística e engajamento político.

Buscamos neste estudo fazer afirmações sobre o sentido dos *Commentarii De Bello Gallico* e sobre a figura de César que se apreende da obra. Muitos aspectos ainda se insinuam para estudo, uma vez que buscamos apenas delimitar campos de análise e relacioná-los de modo a poder determinar sentidos e valores. Muito ainda pode ser precisado em relação a cada um deles, aos quais se deu apenas a atenção necessária para serem delimitados e compreendidos de modo minimamente coerente e articulável. Eles, apoiados fortemente em disposições culturais e ideológicas específicas, permanecem em aberto, tanto quanto a cultura e a literatura romana puderem ser estudadas e reconsideradas pelos modernos, de modo a permitir que a obra literária e o acontecimento histórico mantenham o seu poder de carregar significado.

7. BIBLIOGRAFIA

- ARISTÓTELES. *Arte Poética e Arte Retórica*. Trad. Antônio Pinto de Carvalho. Rio de Janeiro: Ediouro, SD.
- BARTHES, Roland et alii. *Análise Estrutural da Narrativa, pesquisas semióticas*. Introdução à edição brasileira por Milton José Pinto. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 1972.
- BAYET, Jean. *Littérature latine*. 10. éd. rev. corr.. Paris, Armand Colin, 1962. Editorial Losada, 1952.
- BERTRAND, Denis. *Caminhos da Semiótica Literária*. Tradução do grupo CASA sob a coordenação de Ivã Carlos Lopes, Edna Maria F. S. Nascimento, Mariza Bianconcini Teixeira Mendes e Marisa Giannecchini de Souza. Bauru: EDUSC, 2003.
- BESSELAAR, José van den. *Introdução aos Estudos Históricos*. 4ª ed. São Paulo: EPU-EDUSP, 1974.
- BORNECQUE, Henri. *Roma e os Romanos*. Trad. Alceu Dias Lima. São Paulo: EPU-EDUSP, 1976.
- CANFORA, Luciano. *Júlio César o ditador democrático*. Trad. Antônio da Silveira Mendonça. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.
- CÉSAR, Caio Júlio. *Bellum Ciuile, A Guerra Civil*. Tradução introdução e notas Antonio da Silveira Mendonça. São Paulo: Estação Liberdade, 1999.
- _____. *Comentários sobre a Guerra Gálica*. Trad, Francisco Sotero dos Reis, estudo introdutivo de Otto Maria Carpeaux. Rio de Janeiro: Ediouro, SD.
- CÉSAR. *Guerre des Gaules*. Texte établi et traduit par L. A. Constans. 5^{ème} édition. Paris: Les Belles Lettres, 1954.
- CHARBOL, Claude. *Semiótica Narrativa e Textual*. Trad. Leyla Perrone Moisés et alii . São Paulo: Editora Cultrix/EDUSP, 1977.
- CÍCERO, Marco Túlio. *Da república*. Trad. Amador Cisneiros. São Paulo: Escala, 2005.
- CICERO. Works: *De inventione; De optimo genere oratorum; Topica*. With an English translation by H. M. Hubbell. Cambridge: Harvard University Press, 1949.
- CICERO, Marcus Tullius. *Brutus*. Texte établi et traduit par Jules Martha. Paris: Les Belles Lettres, 1923.
- _____. *De l'orateur*. Texte établi par et trad.par E.Courbaud et H.Borneque. Paris: Les Belles Lettres, 1966.

- _____. *L'Orator*. Texte établi et traduit par Henri Bornecque. Paris: Les Belles Lettres, 1921.
- _____. *Traité des lois*. Texte établi et traduit par Georges de Plinval. Paris: Les Belles Lettres, 1968.
- COULANGES, Fustel de. *A Cidade Antiga*. Trad. Jean Melville. São Paulo: Martin Claret, 2005.
- ECO, Umberto. *Tratado Geral da Semiótica*. Trad. Antônio de Pádua Danesi e Gilson César Cardoso de Souza. São Paulo: Perspectiva, SD.
- Enciclopédia Einardi*, vol. 1, Porto / Lisboa: Ed. Casa da Moeda, 1984.
- Enciclopédia Mirador*, vol 7, São Paulo: Melhoramentos, 1979.
- FARIA, Ernesto. *Gramática da língua latina*. 2ª ed. Brasília: FAE, 1995.
- FINLEY, Moses. *Política no mundo antigo*. Lisboa: Edições 70, 1997.
- FOUCAULT, Michel et alii. *Estruturalismo, antologia de textos teóricos*. Seleção e tradução de Eduardo Prado Coelho. Lisboa: Portugália Editora, 1968.
- GARNSEY, R.D.A & WHITTAKER, C.R. *Imperialism in the Ancient World*. Cambridge: Cambridge University Press, 1978.
- GLARE, P. G. W. (ed.). *Oxford Latin dictionary*. Oxford University Press, 1990.
- GRANT, Michael. *Greek and Roman Historians, Information and Misinformation*. London: Routledge, 1995.
- GREIMAS, Algirdas Julien e COURTÉS, Joseph. *Dicionário de Semiótica*. Tradução de Alceu Dias Lima et alii. São paulo : Editora Cultrix, 1979.
- GRIMAL, Pierre. *A Civilização Romana*. Trad. Isabel St. Aubyn. Lisboa : Edições 70, 1984.
- HACQUARD, Georges. *Guide Roman Antique*. Paris: Classiques Hachette, 1952.
- HERÓDOTO. *Histoires*. Texte établi et trad. par Ph. E. Legrand. Paris: "Les Belles Lettres", 1946-1951.
- KEEGAN, John. *Uma História da Guerra*. Tradução Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- MARTIN, René & GALLARD, Jacques. *Les Genres Littéraires à Rome*. Tome I. Paris: Scodel, 1971.

- MATTOSO CAMARA JR., J. *Dicionário de Lingüística e Gramática*. 8. ed. Petrópolis, Vozes, 1978.
- MISH, Goerge. *A History of Autobiography in Antiquity*. Translated in collaboration with the author by E. W. Dickes. London: Routledge & Keganpaul, 1950.
- PARATORE, Ettore. *História da literatura latina*. Trad. Manuel Losa. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1987.
- PEREIRA, Maria Helena da Rocha. *Estudos de história da cultura clássica*. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1986. v.II
- PLUTARCO, *Alexandre e César, Vidas Comparadas*. Prefácio de Mário da Gama Kury, trad. Hélio Vega. São Paulo: Escala, 2005.
- REBOUL, Olivier. *Introdução à Retórica*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- SUETÔNIO, *A Vida dos Doze Césares*. Apresentação Carlos Heitor Cony; trad. Sady-Garibaldi. 2ª ed. São Paulo: Ediouro, 2003.
- The Oxford Classical Dictionary*. Third edition, editated by Simon Hornblower and Anthony Spawforth. New York: Oxford University Press, 1999.
- TODOROV, Tzvetan. *As estruturas narrativas*. Trad. Leyla Perrone-Moysés. São Paulo: Perspectiva, 1969.
- TORRINHA, Francisco. *Dicionário Latino Português*. 2ª ed. Porto: Porto Editora, 1942.
- Verbo – Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*. Edição Século XXI. Lisboa / São Paulo: Editorial Verbo, 1998.
- VIRGILE. *Bucoliques, Géorgiques, Eneide, Texte Latin*. Paris: Librairie Garnier Frères, 1929.